



MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Histórias das primeiras creches
municipais de São Carlos

Organização:
GABRIELA GUARNIERI DE CAMPOS TEBET
MARIA CLAUDIA BULLIO FRAGELLI
PRISCILA HELENA DOVIGO OLIVEIRA


NAVEGANDO


UNICAMP


ESTAÇÃO CULTURA
Fundação Pró-Memória de São Carlos


PREFEITURA DE
SÃO CARLOS
TRABALHO SÉRIO FAZ UMA CIDADE FONTE



MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

HISTÓRIAS DAS PRIMEIRAS CRECHES
MUNICIPAIS DE SÃO CARLOS

Organização:
GABRIELA GUARNIERI DE CAMPOS TEBET
MARIA CLAUDIA BULLIO FRAGELLI
PRISCILA HELENA DOVIGO OLIVEIRA

São Carlos
Fundação Pró-Memória de São Carlos
2015

Copyright de texto © 2015 Autores
Copyright de edição © 2015 Fundação Pró-Memória de São Carlos

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada a fonte.

M533m Memórias da Educação Infantil: histórias das primeiras creches municipais de São Carlos / organizado por Gabriela Guarnieri de Campos Tebet, Maria Cláudia Bullio Fragelli e Priscila Helena Dovigo Oliveira. -- São Carlos : FPMSC, 2015.
176 p.

ISBN 978-85-61398-19-4 (recurso eletrônico)

1. Educação infantil - Memórias. 2. Creches Municipais - São Carlos - Histórias. I. Tebet, Gabriela Guarnieri de Campos, org. II. Fragelli, Maria Cláudia Bullio, org. III. Oliveira, Priscila Helena Dovigo. IV. Título.

CDD – 370 (20a)

FICHA TÉCNICA

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CARLOS
FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CARLOS

Coordenação do Projeto

Gabriela Guarnieri de Campos Tebet

Coordenação Pró-Memória

Leila Maria Massarão

Concepção Pedagógica

Gabriela Guarnieri de Campos Tebet

Maria Claudia Bullio Fragelli

Priscila Helena Dovigo Oliveira

Pesquisa e textos

Gabriela Guarnieri de Campos Tebet

Maria Claudia Bullio Fragelli

Priscila Helena Dovigo Oliveira

e colaboradores(as) indicados nos capítulos

Imagens

Acervo do Arquivo Público e Histórico – APH-FPMSC

Acervo Cemei João Paulo II

Acervo Cemei Ruth Bloem Souto

Acervo Cemei José Marrara

Acervo Cemei Pedro Pucci

Acervo Cemei Dionísio Da Silva

Fotos atuais: Mariana Lucchino (FPMSC)

Seleção de Imagens

Gabriela Guarnieri de Campos Tebet

Maria Claudia Bullio Fragelli

Priscila Helena Dovigo Oliveira

Leila Maria Massarão (Pró-Memória)

Produção Executiva

Fundação Pró-Memória de São Carlos

Projeto Gráfico

Renato Aldrighi Design

Apoio Técnico

Secretaria Municipal de Educação (SME)

Fundação Pró-Memória de São Carlos (FPMSC)

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Faculdade de Educação - UNICAMP (FE-UNICAMP)

“ As pessoas usam o corpo para contar suas histórias.
Histórias não precisam de livros para existir.
(...) uma história pode se perder fora do corpo do livro
e ser encontrada dentro dos olhos do leitor”

(Selma Maria in: KUASNE, S. M. Um pequeno tratado de brinquedos para meninos quietos. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2009, p.28)

A todas as crianças.

E a todas as pessoas que lutaram e lutam cotidianamente
por uma Educação Infantil de qualidade.

PROFESSORAS E PROFESSORES QUE COLABORARAM COM A ESCRITA DESTE LIVRO:

Adelci Magali Gonçalves Andriani – Magistério; Licenciada em Pedagogia e Matemática; Duas Especializações.

Adélia Julieta Mercaldi Navarro – Licenciada em Pedagogia.

Alice Pereira Lima - Licenciada em Pedagogia; Especialista em Neuropedagogia.

Ana Paula da Silva - Licenciada em Pedagogia; Especialista em Educação Infantil.

Ana Paula de Barcellos Almeida – Licenciada em Pedagogia; Especialista em Educação Infantil.

Andréa Carolina Lopes de Aguiar - Licenciada em Pedagogia; Mestra em Educação.

Anelisa Pereira Spinola - Licenciada em Pedagogia e Especialista em Educação Infantil.

Aparecida Andressa Costa Gregório Ferreira - Magistério.

Carla F. Florencio Lopes - Licenciada em Pedagogia; Especialista em Educação Infantil.

Carla Renata de Souza - Licenciada em Pedagogia; Especialista em Psicopedagogia.

Cássia Aparecida Romanelli Vicente Dragana - Licenciada em Pedagogia.

Denise Cabrera Cesare – Licenciada em Pedagogia; Especialista em Promoção do Desenvolvimento Infantil.

Dione Gadelha – Licenciada em Pedagogia; Especialista em Gestão Pedagógica e Coordenação Escolar.

Eder Edson de Carvalho – Magistério; Licenciatura em Pedagogia em andamento.

Eliane França Tassim Salatino - Licenciada em Pedagogia; Especialista em Educação Especial.

Elisabeth Camarino Ricci Toniolo - Magistério.

Erika Fernanda Marino Modenez – Magistério.

Evelyn de Camargo Franco Lemes - Licenciada em Pedagogia; Especialista em Psicopedagogia.

Fernanda Zentil – Licenciada em Pedagogia.

Glaucia Cristina Cirilo Manzini - Magistério; Licenciada em Pedagogia.

Jaqueline Souza de Oliveira – Magistério; Licenciada em Ciências Biológicas.

Josiane Conceição dos Santos - Magistério.

Jussara Florencio - Licenciada em Pedagogia; Especialista em Educação de Jovens e Adultos

Kamila Francine Guiguer - Licenciada em Pedagogia.

Keila Maria Mota Gonçalves - Licenciada em Pedagogia; Especialista em Educação Infantil

Keli Andressa R. de Oliveira – Magistério. Cientista Social.

Kenia Fidelis Leal de Moraes de Angelis – Magistério, Licenciatura em Educação Física e Especialista em Educação Infantil.

Laudicéia Aparecida Ronchin Thamos – Magistério; Licenciada em Pedagogia e em História; Especialista em Gestão escolar.

Leiliane de Almeida Lopes Santos - Magistério.

Lélia Cristina Pedro Lopes da Silva – Magistério; Licenciada em Pedagogia.

Lilia Marilena Morette de Andrade - Licenciada em Pedagogia.

Luciana Arruda Minuchelli - Licenciada em Pedagogia.

Maíra Rabello - Licenciada em Pedagogia; Especialista em Psicopedagogia.

Marcela Quintal Fernandes dos Santos - Licenciada em Pedagogia.

Márcia Elisa Canova Bedendo - Licenciada em Pedagogia.

Maria Augusta Fahl - Licenciada em Pedagogia; Especialista em Direito Educacional e em Gestão de Recursos Humanos em Educação.

Maria Cristina da Silva – Magistério.

Maria Elisa Renata Machado Soares – Magistério.

Maria Raquel Lopes Solci Negrini - Licenciada em Pedagogia.

Marisa Lima Rocha - Licenciada em Pedagogia; Especialista em Educação Especial.

Mirela Scharlack Vian - Magistério; Especialização em Motricidade.

Mirian Alvarez Rodriguez – Magistério; Licenciada em Pedagogia; Especialista em Ludopedagogia e em Educação Infantil.

Mylene de Fátima Rodrigues Vieira - Licenciada em Pedagogia; Especialista em Psicopedagogia;

Naiara Battagy Damim – Licenciada em Pedagogia; Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional.

Patrícia Helena Sudano – Magistério; Licenciada em Pedagogia

Regilene Cavallaro Terroni – Licenciada em Pedagogia; Especialista em Alfabetização e Letramento.

Renata Aparecida Drape - Licenciada em Pedagogia; Especialista em Educação Especial.
Rita de Cássia Di Battista – Magistério; Licenciada em Letras.
Rosane Maria Mello Sepe – Magistério; Licenciada em Pedagogia e em Geografia; Especialista em Alfabetização e letramento e em Educação Especial.
Rosângela de Cássia Camarinho - Licenciada em Pedagogia.
Rosemeire da Silva – Magistério; Licenciada em Pedagogia; Especialista em Educação Infantil.
Rubia de Oliveira Pierre Vaz- Licenciada em Pedagogia e Terapeuta Ocupacional
Ruth Benini Costa – Magistério; Licenciada em Pedagogia e em História; Especialista em Psicopedagogia.
Sandra Regina do Nascimento - Licenciada em Pedagogia.
Sidnea Rosana da Silva – Magistério.
Silvana Farias – Magistério. Licenciatura em Pedagogia em andamento (Professora da Rede Municipal de Campinas).
Talita Justel Pinto - Licenciada em Pedagogia; Especialista em Educação Infantil.
Valdete Maria Severino Ferro – Magistério; Licenciada em Pedagogia; Especialista em Educação Infantil; Especialista em Educação Especial e em Gestão Escolar.

Outros(as) colaboradores(as):

Pietro Di Battista M. de Souza.

Marina Azzi Nogueira.

Agradecemos a todas e todos pela colaboração.

Agradecemos também a todas e todos que compartilharam suas memórias.

A Leila Massarão e toda a equipe da Fundação Pró-Memória.

A Secretaria Municipal de Educação de São Carlos.

As professoras da UFSCar, Anete Abramowicz, Ana Cristina Juvenal Cruz, Andrea Moruzzi, Maria Walburga dos Santos e Cleonice Tomazzeli.

Aos nossos familiares e, de modo especial: Fernando Luis Oliveira, Arthur Dovigo Oliveira, Alexandre Cesar Tenorio, Matheus G. Spadaro e Marina Azzi Nogueira pelo apoio durante a feitura deste livro.

APRESENTAÇÃO

A Fundação Pró-Memória de São Carlos, no intuito de difundir trabalhos sobre a história e a memória da cidade, apresenta o livro “Memórias da Educação Infantil: histórias das primeiras creches municipais de São Carlos”, edição comemorativa de três décadas de existência das primeiras creches municipais de São Carlos.

Organizado pelas professoras Gabriela Guarnieri de Campos Tebet, Maria Claudia Bullio Fragelli e Priscila Helena Dorigo Oliveira, o livro traz aspectos da educação infantil na cidade a partir das memórias de administradores, profissionais e usuários das primeiras creches municipais, recuperando eventos e impressões que marcaram a criação das creches municipais, tornando-os agentes da história local e de suas próprias histórias.

Participando desta publicação, a Pró-Memória consolida uma de suas missões mais importantes que é a de contribuir para a recuperação, conservação e difusão do conhecimento sobre São Carlos e se coloca à disposição como espaço de divulgação de trabalhos de autores locais.

Luís Carlos Triques
Diretor-Presidente da Fundação Pró-Memória de São Carlos

Leila Maria Massarão
Historiadora e Chefe da Divisão de Pesquisa e
Divulgação da Fundação Pró-Memória

PREFÁCIO

A obra “Memórias da Educação Infantil: histórias das primeiras creches municipais de São Carlos” pretende contar e relatar as histórias das creches municipais de São Carlos a partir de seus próprios protagonistas. Perspectiva ousada, na medida em que nos mostra que as pessoas podem narrar suas próprias histórias, e ao fazerem compõem e significam suas trajetórias, lhes dão sentidos, configurando os espaços sociais e compondo suas próprias vidas. Esta narratividade é um componente da subjetividade. Quando as narrativas são tecidas fazem história, situam a si, os outros e as coisas. A narrativa é uma maneira de mapear a vida e o social, mostrando os seus impasses, extraíndo linhas de resistência, de escape, invenção e, portanto, situando e produzindo a si mesma ao longo dessas linhas.

O livro, desta forma, é uma cartografia que se faz como um território a partir das linhas que são traçadas. Portanto ele compõe as histórias das creches de São Carlos e de seus e suas protagonistas. Esta narratividade proposta pelo livro não é um gênero literário apenas, não são apenas reminiscências. Não é só Mnemosyne (figura grega que personifica a memória), cuja função é preservar do esquecimento, as narrativas nesta obra é uma forma de fazer história. Deste modo, este livro entrelaça história oral, lembrança, narração, acontecimento, e nos mostra de que maneira a educação das crianças pequenas foi se institucionalizando em São Carlos.

Outro ponto a sublinhar na proposta desta obra é a maneira pela qual a obra é composta. Todos(as) escrevem, cada um de seu jeito e a partir do lugar que ocupa(va) na história das creches. Todos escrevem, não há um autor que fala pelos outros ou que compõem a história para todos, não há uma grande narrativa que diga a verdade unificada dos acontecimentos. Cada um traz um pedaço da história que só poderia ser contada a partir daquele que narra, e que se une aos outros. Uma história sem representação, cada um tem a força da palavra e traça sentido ao seu trajeto, e nesta medida se faz a história social da conquista da creche no município de São Carlos. O livro é também uma inovação historiográfica, pois a história é contada por muitos: os pais, os professores, a comunidade, a universidade, os profissionais da creche, os gestores e etc.

O livro é também um balanço das décadas sobre a construção das creches. E este balanço não paralisa o tempo, mas, também, remete ao futuro, pois anuncia o que ainda há

por fazer. Mostra os avanços, as possibilidades, as conquistas e os fracassos! Os avanços e os impasses que vivem a educação infantil. Esta etapa da educação mais do que qualquer outra é resultado de lutas, sobretudo das mulheres!

Portanto reafirmamos e convidamos os leitores e as leitoras para a proposta escrita pelas organizadoras do livro na apresentação:

“Que as histórias relatadas por essas pessoas nos inspirem a pensar no papel de cada um e cada uma de nós para a construção dos próximos capítulos dessa história”.

Anete Abramowicz

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
- CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade
- CEFA – Centro de Educação e Formação ao Adolescente
- CEFAM – Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério
- CEMEI – Centro Municipal de Educação Infantil
- CONAE – Conferência Nacional de Educação
- DAS – Departamento de Assistência Social
- DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
- DSS – Departamento de Serviço Social
- EJA – Educação de Jovens e Adultos
- EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil
- HTPC – Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo
- HTPI – Horário de Trabalho Pedagógico Individual
- INPS – Instituto Nacional de Previdência Social
- LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação
- LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- PPP – Projeto Político Pedagógico
- SAMDU – Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência
- SOS – Serviço de Obra Social
- TAC – Termo de Ajuste de Conduta
- UFSCar – Universidade Federal de São Carlos
- USP – Universidade Estadual de São Paulo

SUMÁRIO

Apresentação	13
Prefácio	15
Lista de Abreviaturas e Siglas	17
Introdução	21
A Força da Palavra: práticas de memória e narrativas	27
Memórias de quem respondia pelas políticas públicas municipais	31
A criação das primeiras creches municipais de são carlos.....	33
Memórias de quem frequentou as creches e de quem levou suas crianças para as creches	39
Antigamente era muita criança!	41
A relação com as crianças menores, com a cidade, com as ‘tias’ e com a tecnologia.....	43
A creche: uma das melhores coisas que aconteceu!	47
Sobre afetos e ensinamentos	49
Eu me lembro das festas!.....	51
Um tempo muito feliz, um lugar harmonioso.....	53
Festinhas de fim de ano e período integral	57
Crianças de várias idades ficavam juntas. eram separadas apenas dos bebês	59
Memórias de quem trabalhou nas creches	61
A gente cuidava, lavava a roupa e dava “trabalhinho”	63
A creche no Departamento de Serviço Social e os passeios	67
Pajem, educadora, professora: a profissão e a formação	69
Se precisasse, a gente levava criança para casa.....	71
Estatuto da educação e lei do Piso do magistério: o trabalho, a formação, a jornada de trabalho e os salários	75
Sobre a importância da formação para a docência na educação infantil e sobre ser homem e atuar nessa etapa da educação	83

Salas cheias e falta de higiene.....	89
Muitas crianças para atravessar a rua!.....	91
Ser homem na educação infantil, o lúdico e as mudanças conquistadas e possíveis.....	95
A organização do trabalho pedagógico e a motivação para estudar mais.....	97
Rotinas, festas e passeios.....	99
O direito de educar e as muitas mudanças.....	101
Cuidado, carinho e dedicação.....	105
Muitas histórias para contar!.....	107
Não podia entrar na cozinha, então a criançada sentava na porta para brincar, e às vezes para conversar comigo.....	113
Na creche também já se lê: leitura com as crianças pequenas em projetos premiados!.....	119
O trabalho como gestora comunitária, a volta à docência e o conselho de escola.....	123
Memórias de quem respondeu pelas creches.....	125
Os festivais de dança e a formação das pajens.....	127
O distrito, a cidade e os trabalhadores da lavoura.....	129
Reformas, organização e comunidade.....	133
Os espaços, as crianças e os projetos pedagógicos.....	137
A creche não podia mais ser um depósito de crianças.....	143
A educação Infantil e suas profissionais.....	149
Considerações finais.....	155
Referências Bibliográficas.....	157
ANEXO: CEMEI's participantes deste projeto.....	161
CEMEI Ruth Bloem Souto.....	163
CEMEI Papa João Paulo II.....	165
CEMEI Pedro Pucci.....	167
CEMEI José Marrara.....	169
CEMEI Bruno Panhoca.....	171
CEMEI Dionísio da Silva.....	173
Sobre as autoras/organizadoras.....	175

INTRODUÇÃO

Ao longo da década de 1980 foram construídas as primeiras creches municipais de São Carlos. Até então, a oferta de educação, assistência e cuidados a crianças em contexto não familiar dependia da iniciativa da Igreja e organizações filantrópicas e assistenciais e, desde então, a cidade de São Carlos vem assistindo à expansão do número de creches municipais na cidade, do número de crianças atendidas e, sobretudo, vem assistindo inúmeras mudanças no modo como as crianças e a educação infantil são compreendidas.

Há três décadas, a educação de bebês e crianças passou a fazer parte das políticas municipais e a história destas primeiras creches – hoje denominadas CEMEIs (Centro Municipal de Educação Infantil)– é também a história da Educação de crianças em creches no município de São Carlos. Entendemos, deste modo, que a pesquisa e registro da história são uma forma de contribuir para a preservação da memória de tantas pessoas que já passaram por elas, bem como para a divulgação de uma história de dedicação e de transformações das políticas para o atendimento de crianças.

As décadas de 1970 e 1980 foram marcadas por inúmeros movimentos sociais (os quais se destacam): os movimentos de mulheres, movimento pró-constituente e movimento de luta por creches. Alguns destes são identificados como protagonistas fundamentais da conquista da creche nas políticas públicas municipais, estaduais e federais.

Em termos de legislação, a oferta de creches pelo poder público só se tornou obrigatória a partir de 1988, com a aprovação da Constituição Federal. Antes disso, era comum que a educação de crianças pequenas em espaços coletivos, fosse oferecida apenas por instituições religiosas e beneficentes ou por organizações de bairros, como relata a história da educação infantil no Brasil.

Em São Carlos, as primeiras creches públicas¹ foram inauguradas no início da década

1 Aqui fazemos referência às primeiras creches públicas em prédio próprio. Antes disso, encontramos registros de algumas ações da Prefeitura no sentido de contribuir para o funcionamento de instituições “muito precárias” em prédios alugados (Vide Tebet, 2007). Há que se destacar também que durante as décadas de 80 e 90 havia uma distinção entre creche e pré-escola, e somente nos anos 2000 a Prefeitura passou a dotar a denominação “CEMEI” para se referir tanto às creches como às pré-escolas.

de 1980 (seis, no total), e elas estão agora completando três décadas de existência. Talvez pudéssemos mesmo dizer que elas estão completando três décadas de vida, pois o quê mais existe nas creches senão “vida”?

Em 1982, foram criadas as creches Ruth Bloem Souto e Papa João Paulo. Em 1983, a câmara dos vereadores criou a creche José Marrara (inaugurada em 1984); em 1984, a creche Pedro Pucci; em 1985, a Bruno Panhoca e, em 1987, a Dionísio da Silva.

Nesse período, a Prefeitura já mantinha alguns parques infantis e pré-escolas, mas o projeto das creches era diferente do projeto das instituições existentes até então. Essa diferença não se restringia ao nome ou ao órgão responsável pelas instituições (O Departamento de Educação e Cultura respondia pelos parques infantis e pré-escolas e o DAS - Departamento de Assistência Social - era o responsável pelas creches), mas, sobretudo, diferiam-se as populações atendidas, os propósitos, os profissionais.

Assim como em todo o Brasil, as creches foram criadas para atender a população pobre e possibilitar que as mulheres dessa camada da sociedade pudessem trabalhar durante o dia (Kuhlmann Jr, 1999; Kishimoto, 1988, 1990). Por este motivo, as primeiras creches construídas em São Carlos localizavam-se em regiões próximas às favelas da cidade e não era exigido nenhum tipo de formação específica para atuar com as crianças. Aliás, as mulheres contratadas para trabalhar nas creches desempenhavam todas as funções que se fizessem necessárias (eram pajens, faxineiras e merendeiras, tudo ao mesmo tempo), e o processo de seleção e matrícula das crianças em nada se assemelhava ao que temos hoje na Prefeitura de São Carlos. A Constituição Federal de 1988 definiu a necessidade de concurso público para ingresso no serviço público, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), definiu, em 1996 a necessidade de formação específica em cursos de pedagogia para a docência na Educação Infantil e hoje a matrícula das crianças nas creches segue a ordem da procura².

Neste sentido e a fim de evidenciar as mudanças ocorridas nessas três décadas de histórias de nossas creches, destacamos relato de Ângela Oioli – citada por Tebet (2007)

2 Hoje a lista de crianças que aguardam uma vaga na Educação Infantil é pública e pode ser encontrada no site da Prefeitura. O critério para o atendimento é a ordem de procura: quem pedir a vaga primeiro, será atendido primeiro, e as famílias podem acompanhar on line o número de crianças que devem ser atendidas antes da sua criança ser chamada para frequentar a instituição escolhida pela família. A lista de espera on line pode ser acessada no endereço: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/servicos-online.html>

–, segundo a qual já houve um caso, no dia da inauguração de uma creche de São Carlos, de uma criança ser deixada na porta da instituição em um cesto com um bilhete: “Fui trabalhar. Volto no fim do dia”, fato pouco provável de ocorrer nos dias de hoje.

Cabe ressaltar que muitas mulheres que viveram a história das primeiras creches municipais de São Carlos ainda estão trabalhando na Prefeitura, e muitas crianças que frequentaram as creches nesse período ainda frequentam a instituição, agora como professoras ou como mães que levam seus filhos para serem atendidos.

Ainda que algumas histórias não pareçam nem um pouco digna de comemoração, seu conhecimento é de extrema importância para que possamos perceber o quanto já se avançou em termos de qualidade no atendimento às crianças em creches. É esta qualidade que hoje temos e todos os avanços observados na história da creche que merecem ser comemorados nesta data.

Em 1996, a LDB definiu a creche como a primeira etapa da educação básica, o que implicou em um conjunto de mudanças no atendimento oferecido. A partir desta data passou a ser exigido que as creches fossem incluídas nos sistemas de ensino e supervisionadas pelas Secretarias de Educação. Também ficou definido que a/o profissional para atuar em creches deveria ser a/o professor/a com formação mínima em cursos de magistério ou em cursos de pedagogia. A LDB estabeleceu que a educação infantil em creches é direito não apenas das famílias trabalhadoras, mas um direito de toda criança, e definiu que as creches seriam instituições destinadas a crianças de 0 a três anos, e as pré-escolas destinadas ao atendimento de crianças de quatro a seis anos. Com isso, ao menos no plano teórico, observamos uma significativa mudança conceitual sobre o que é a educação infantil em creches.

Tendo isso em vista, as organizadoras deste livro propuseram reunir histórias de pessoas que fazem parte dessa história. Esta iniciativa deriva de uma proposta da Priscila H. Dovigo Oliveira para a equipe do CEMEI José Marrara de realizar uma festa para a comemoração dos 30 anos do CEMEI. Gabriela Tebet, então professora da instituição-tendo em vista a pesquisa que havia realizado em seu mestrado com agentes do Estado responsáveis pela implementação das políticas municipais voltadas para o atendimento em creches - propôs olharmos para a história das creches municipais a partir de outros prismas, a fim de fugir dos perigos de uma história única, escrita apenas de um ponto de vista, tal

como nos alerta a escritora Nigeriana Chimamanda Adichie (2014).

A proposta inicialmente causou certo espanto na equipe, pois realizar uma pesquisa desta natureza e escrever um livro não é uma tarefa que se coloque para os profissionais da rede municipal corriqueiramente.

Com o incentivo e colaboração da professora Maria Claudia Bullio Fragelli e o apoio da Fundação Pró-Memória de São Carlos, o projeto aos poucos foi ganhando corpo e adesão de profissionais dos demais CEMEIS que integram o projeto, aos quais agradecemos imensamente o envolvimento e o fato de terem aceitado o nosso desafio. Trata-se de um conjunto grande de professoras da rede, que integraram nossa equipe de trabalho, conduziram e transcreveram todas as entrevistas, sem as quais este livro não seria possível.

O livro está organizado em capítulos. O primeiro capítulo se dedica a pensar a força da palavra e traz algumas reflexões sobre a história oral e as memórias como fonte de pesquisa. Os capítulos subsequentes trazem algumas memórias de quem faz parte da história das nossas creches; foram assinados pela pessoa entrevistada, por quem entrevistou e por quem transcreveu a entrevista. Todavia, esses textos não se configuram como a transcrição das entrevistas. Eles são compostos de partes das entrevistas e partes das perguntas, organizadas de modo a construir um texto único e coerente, sem perguntas e respostas, mas que trouxesse as informações mais relevantes presentes nas entrevistas. Ao final das memórias, há um capítulo que traz algumas considerações sobre a formação de profissionais que trabalharam e que trabalham na Educação Infantil.

Ao longo do livro há ainda diversas notas de rodapé, todas elaboradas pelas organizadoras com a finalidade de identificar as pessoas entrevistadas e de apresentar elementos históricos, teóricos ou estruturais que se relacionem com os elementos presentes nas memórias que integram esta coletânea, permitindo assim ao leitor uma melhor compreensão narrativas.

Um dos elementos mais recorrentes é a divisão da história das creches em “período da assistência” (que pode ser compreendido em São Carlos como o período de 1977 a 1999) e o “período da educação”, que se iniciou em 1999, quando as creches foram incorporadas às políticas educacionais do município, tal como aponta Tebet (2007). Nas falas das pessoas

entrevistadas por vezes há uma oposição entre ambos os períodos, como se o período da assistência fosse constituído apenas por ações de cuidados, diferente do período denominado como período da educação.

Há que se destacar, contudo, tal como apresentado por Tebet (2007) e por Tebet e Abramowicz (2010), que a divisão da história das creches em “período da assistência” e “período da educação”, pode ser um importante procedimento metodológico para organização de dados, mas esses períodos não são totalmente distintos e não houve uma ruptura definitiva apenas com a inclusão das creches no sistema educacional. As mudanças que vemos hoje, em comparação com outros momentos da história das creches do município, estão mais relacionadas ao empenho político de determinados gestores, ao desenvolvimento da Educação Infantil como campo de estudos da educação e de outras áreas, às pressões exercidas nacionalmente pela sociedade desde a década de 1970 e com as mudanças sociais e políticas vividas pelo país e pelo município, do que apenas pela inclusão das creches no sistema educacional, comumente chamado de “passagem das creches para a educação”.

Além disso, há ainda diversos textos que mencionam a mudança de nomenclatura das instituições de atendimento das crianças de zero a três anos, que de creches, passaram a se denominar CEMEI. A especificidade dos CEMEIs foi o fato de não trazer em seu bojo nenhuma diferença de idade das crianças atendidas ou de classe social. O CEMEI é uma instituição que pode atender crianças em qualquer etapa da educação infantil. Pode priorizar os bebês, atender crianças de até dois anos, atender crianças de até três ou quatro anos de idade, atender a partir de dois anos, ou a partir de três, quatro anos. Os CEMEIs podem inclusive atender apenas as crianças de cinco ou seis anos, dependendo dos arranjos feitos pela Secretaria de Educação.

Os relatos também mencionam as mudanças na carreira trazidas pelo Estatuto da Educação (que passou a compreender as pajens como educadoras de creches, equiparando-as, em termos salariais, a educadoras e professoras com formações equivalentes) e as mudanças mais recentes, decorrentes da implementação da lei do Piso Salarial. Ambas as leis com impactos significativos na jornada de trabalho de professoras e educadoras. Ao longo do livro, o leitor encontrará mais informações sobre todas essas mudanças, em notas de rodapé.

A história que retratamos nesse livro, portanto, busca evidenciar as mudanças e os

avanços na história dos CEMEIs inaugurados ao longo da década de 1980, que são também as mudanças e os avanços das políticas para a educação de crianças em creches no município de São Carlos e no Brasil como um todo. São memórias de crianças que frequentaram as creches, de pessoas que levaram e levam suas crianças para as creches, de pessoas que trabalharam e que ainda trabalham nessas creches, na condição de pajens, educadoras de creches, professoras e professores, faxineiras e merendeiras e memórias de pessoas que em algum período responderam por essas creches, seja no papel de encarregadas de creches, ou de diretoras de escola. Trata-se de pessoas que fazem parte da história dessas creches e que têm muitas histórias para nos contar.

Esperamos que aproveitem a leitura!

E que as memórias relatadas por essas pessoas nos inspirem a pensar no papel de cada um e cada uma de nós para a construção dos próximos capítulos dessa história.

São Carlos, Dezembro de 2014

Gabriela Guarnieri de Campos Tebet,
Maria Claudia Bullio Fragelli e
Priscila Helena Dovigo Oliveira.

A FORÇA DA PALAVRA: PRÁTICAS DE MEMÓRIAS E NARRATIVAS

Maria Walburga dos Santos e Ana Cristina Juvenal da Cruz

Há um símbolo africano chamado sankofa, cujo provérbio que o acompanha significa: “voltar e apanhar de novo aquilo que ficou para trás” (Glover 1969, apud Nascimento, 2008, p. 32). Na cultura dos povos akan, cuja escrita é denominada de adinkra, o sankofa é imagetivamente traduzido pelo ideograma de um pássaro mítico, que voa para frente enquanto olha para trás, com um ovo em sua boca que simboliza o futuro. Em vários povos, o ato de contar histórias faz parte da experiência coletiva do grupo. Ao narrar estas histórias são compartilhados o passado, um episódio, um pertencimento. Contar e ouvir histórias permite que as pessoas se tornem parte delas. A partir desse pensamento, Sankofa está relacionado ao tempo e à memória, à maneira pela qual se mobiliza simbolicamente um momento, um acontecimento.

Nessa concepção a expressão “memória coletiva”, cunhada pelo historiador Maurice Halbwachs (1877-1945), no texto *A memória coletiva* (1990), argumenta que as memórias individuais são construídas em articulação com as memórias do grupo social. Para esse autor a memória é um fenômeno social. Michel Pollack (1989) designa três dimensões constitutivas da memória que se referem à dimensão da experiência: os acontecimentos, os personagens e os lugares. Essas esferas fazem referência às experiências vividas, cada qual como artefatos que organizam os fatos e nos trazem as lembranças.

Benedict Anderson (1983-2008) afirma que o movimento de lembrar/esquecer que habita a gênese da aprendizagem histórica, por meio do qual constituímos a memória, está diretamente ligado às relações que estabelecemos e, portanto, definimos o que deve ser lembrado e esquecido. A escolha de uma narrativa aponta que um determinado discurso ou imagem nos oferece um repertório de sentidos sobre uma determinada coisa ou pessoa.

As histórias narradas neste livro compõem o princípio contido no provérbio dos povos akan, sankofa significa que podemos pensar nossas narrativas do passado como uma

experiência de aprendizagem e recuperar de outra forma, com outra estética, nesse outro tempo, o presente, o passado. Nesse caso o que constitui a educação infantil da cidade de São Carlos. Fazer isto, a partir das falas das mulheres que vivenciaram esse espaço, é recriá-lo em uma narrativa na qual ao falarem desse processo histórico, da educação infantil ofertada nesta cidade, falam de si mesmas, das crianças que elas acompanharam, enfim, se permitem voltar ao seu passado, estabelecendo uma fratura no tempo, recriando-o. Ao fazer isso elas fortalecem a fala, algo próprio da educação infantil, do ato de contar histórias no cotidiano das crianças que frequentam esse espaço.

E é nessa força do verbo e da narrativa de sujeitos históricos tradicionalmente emudecidos que memória, história oral e seus registros ganham sentido e as páginas desse livro pela voz de mulheres: professoras, merendeiras, monitoras, faxineiras, pesquisadoras. Vozes que se unem para olhar e nos fazer conhecer aquelas tantas vezes não enxergadas e não ouvidas: as crianças nos espaços de sua infância, em seus fazeres na Educação Infantil na cidade de São Carlos dos anos de 1980.

O historiador de Burkina Fasso, Joseph Ki-Zerbo, afirma que nas sociedades de tradição oral que reconhecem o poder da fala “é a herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo” (Ki-Zerbo, 2013, p. 56) e ainda afirma que:

(...)educação tradicional começa no seio de cada família, onde o pai, a mãe ou as pessoas mais idosas são mestres e educadores que ministram as primeiras lições da vida, através da experiência e por meio de histórias, fábulas, lendas, máximas, adágios, provérbios, certos jogos infantis. O ensinamento é ligado às circunstâncias da vida (Op. cit. p. 58).

Assim, as experiências aqui relatadas, ao reconstituírem um determinado acontecimento, estabelecem o movimento de “trazer ao presente um evento passado do qual todos participam, o narrador e a sua audiência” (Op. cit. 59).

Bosi (2003, p. 39) afirma que “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”. Não acalantamos a ilusão, nem poderíamos, de alcançar o “cabedal infinito”. Todavia, como já explicitado, podemos reconhecer outros fragmentos, que auxiliam a

romper com uma linguagem uniforme, expressa no campo da Educação, em currículos e práticas que não raro alicerçam exclusões e preconceitos.

O movimento das organizadoras do livro, ao nos deslocar no tempo, é fazer com que reencontremos e habitemos fraturas ou, se preferirmos, lugares e sentidos nem sempre enxergados e compreendidos, mas presentes. E é nessa dinâmica passado/ presente que nos vamos constituindo - não apenas como sujeitos históricos cada vez mais cientes de nosso ser/estar no mundo e na profissão - mas nos confere, na interface entre os indivíduos (no caso “as indivíduos”) e suas lembranças, no conjunto que nos atrevemos a dimensionar como memória coletiva, a possibilidade de acessar nossa própria complexidade como seres históricos e sociais, em diálogos estabelecidos com nossa ação política e cidadã, em respeito à construção do que chamamos História. Contudo, principalmente, fazendo-nos avançar na conquista de nosso próprio arbítrio em relação ao conhecimento, ou seja, na conquista de nossa independência intelectual.

Mais um elemento deve se somar ao processo de narrativas que transita entre a memória das mulheres trabalhadoras que atuam/atuavam com crianças e a questão geracional aí despontada. Trata-se de uma relação basicamente entre o gênero feminino, a mulher e sua história, com conquistas, dramas, rompimentos e emancipação e sua interlocução com as crianças, com aqueles que não falam ou de quem a voz é suprimida. Longe de uma conversa muda, há a premência da realização silenciosa, da revolução orquestrada no interior das escolas e instituições para a infância: aportes para repensar teorias e práticas pedagógicas, para recriar e se apropriar da própria existência.

Há invariavelmente riscos ao se lidar com palavras, testemunhos, pessoas e suas reminiscências. Mesmo assim é um desafio necessário, que pode ser criticado, transformado, deformado, mas que se torna imprescindível à medida que a ausência de memória é o esquecimento. E nossa História está repleta de tentativas de “esquecimentos”. Marcas da memória, expressas especialmente pela oralidade - esse jeito de ensinar comum a nossos ancestrais - persistem em sobreviver e resistir, numa incansável e interminável descolonização de pensamentos e atitudes.

Retomando o adinkra sankofa: “voltar e apanhar de volta o que ficou para trás” é a alternativa que temos para que o passado não seja uma prisão, “um cemitério de verdade, intenções ou ideias”, mas que seu conhecimento, reconhecimento possam nos alertar que há muito mais entre o dito e o não dito, que o que se lembra e o que se relega ao esquecimento, que qualquer escrito jamais produziu.

Memórias de quem respondia pelas políticas públicas municipais



A CRIAÇÃO DAS PRIMEIRAS CRECHES MUNICIPAIS DE SÃO CARLOS

Gabriela G. de C. Tebet³

A criação das primeiras creches municipais de São Carlos nos remete a um período, entre o final da década de 1970 e o início da década de 1980, quando, durante a Prefeitura de Antônio Massei (1977-1982), a Sra. Neusa Massei Porto, filha do então prefeito, ocupando a função de Diretora do Departamento de Assistência, começou a propor a construção de creches pelo município para o atendimento das crianças da cidade. Neste capítulo, trazemos alguns relatos da Sra. Neusa Massei Porto e da Senhora Maria de Lourdes Micceli e Silva, que atuava como assistente social da Prefeitura no período de 1977 a 1982, e depois ocupou a função de Diretora do DSS (Departamento de Serviço Social) , de 1989 a 1992, na gestão do prefeito Neurivaldo José de Guzzi (Vadinho). Ambas relatam o contexto de criação das primeiras creches mantidas pela Prefeitura de São Carlos, num primeiro momento em casa alugadas e em seguida em espaços próprios, construídos com recursos do governo federal. Vejamos o que elas nos dizem sobre o funcionamento das primeiras creches municipais de São Carlos:

Nessa fase, (quando foi criado o DAS) em São Carlos, a Neusa⁴ montou através do Serviço Social, uma creche, lá na Santa Felícia, mas que era uma casa, muito pequena, que se chamava Creche Vila Isabel⁵, que não tinha nada a ver com a Vila, mas era o nome da creche. Eu nem sei se tem registro... Eu sei porque eu trabalhei nessa época! Era (...) lá perto da USP (Universidade Estadual de São Paulo), era subindo ali subindo a Rua Miguel João. (...)

3 Este capítulo é composto das reflexões feitas pela autora do capítulo, bem como da transcrição de alguns trechos das entrevistas concedidas por agentes do poder público municipal que respondiam pelas políticas públicas municipais em diferentes momentos da história de São Carlos. Tais entrevistas foram concedidas por ocasião da pesquisa conduzida por Tebet no âmbito do curso de mestrado em Educação da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), entre os anos de 2005 e 2007 e os excertos trazidos aqui podem ser encontrados também no texto publicado por Tebet (2007).

4 Se refere à D. Neusa Massei Porto, diretora do DAS de 1977 a 1982.

5 De acordo com depoimento da Sra. Neusa Massei Porto, o nome dessa creche era SOS (Serviço de Obra Social) .

(Maria de Lourdes Miccelli e Silva)

Quando eu assumi o Departamento (em 1977, junto com o meu pai), nós percebemos que era uma necessidade tremenda a creche! (...) tinha a creche do Tombolato, a creche Anita Costa e o Nosso Lar. Eram três pontos, uma lá na Vila Prado, Bela Vista, a do Tombolato, na Vila Isabel e essa aqui (Anita Costa, no Centro). Então era uma necessidade bem grande a creche, então o que nós resolvemos fazer? Conversei com o meu pai [o então prefeito Antônio Massei], e ele disse que para construir, até terminar levava mais de um ano, porque tinha que ter verba, projeto aprovado, não era um estalar de dedos... Então nós fizemos uma reunião, conversamos e decidimos fazer o seguinte: arrumar uma casa, num bairro mais necessitado; [Ele me disse:] “onde você achar que é mais necessitado, a gente faz uma pesquisa e a gente aluga e equipa. Põe funcionário da Prefeitura e tal”. Então nós fizemos essa do jardim Bandeirantes, na Rua Miguel João, que era a SOS I⁶. Então precisava, para ter uma verba do Estado para ajudar, precisava se juntar a uma obra social, então nós conversamos com o presidente do SOS e o SOS oferecia uma verba e um funcionário, a Prefeitura oferecia o restante dos funcionários (...).

(Neusa Massei Porto)

[Essa creche da Rua Miguel João] era financiada pelo município. Era uma coisa assim bem pequena. Tinha mais ou menos umas 25 crianças e era uma coisa muito assistencialista, muito informal, não tinha um planejamento (...) era exatamente o que se fazia: comiam, dormiam e brincavam, certo? Foi assim bem no início. Essa foi a primeira creche do município.

Não tinha uma diretriz, mesmo porque, na época, as creches eram assistencialistas mesmo. Não era essa. Todas eram, inclusive as filantrópicas também eram assistencialistas. Para chegar nisso que chegou houve muita mudança, muita, muita, muita...

(Maria de Lourdes Miccelli e Silva)

6 Creche montada pela Prefeitura municipal de São Carlos em parceria com o Serviço de Obras Sociais Santa Isabel (SOS).

Quando foi proposto esse projeto CURA, a Neusa⁷, que já era Diretora da Assistência Social, ela propôs para o prefeito a construção de duas creches. Na época, já se começava a vislumbrar a necessidade do Município, do poder público começar a ter acesso a esse tipo de população (carente). Então se propôs a construção dessas duas creches⁸, pelo projeto CURA, e essa aqui (da Rua Miguel João, no Jardim Bandeirantes) acabou com o tempo. Ela continuou (funcionando) até o término (da construção da creche José Marrara⁹), daí ela acabou porque a casa era alugada... Não tinha mesmo condição.

(Maria de Lourdes Micelli e Silva)

Então tinha essas duas creches (SOS I e II) e depois, com o projeto CURA nós começamos a construir.

(Neusa Massei Porto)

Creche Municipal Ruth Bloem Souto



Foto: Acervo APH-FPMSC

7 Se refere à Neusa Massei Porto.

8 Creches Papa João Paulo e Ruth Bloem Souto.

9 O texto de Tebet (2007) indica que a creche havia funcionado até o fim da construção das creches Papa João Paulo e Ruth Bloem Souto. No entanto, informações coletadas após esse período, nos permitem afirmar que ela teria funcionado até o término da construção da creche José Marrara, localizada próxima ao local onde antes funcionava a creche SOS I. Inclusive, temos relatos de que as mesmas pessoas que trabalhavam na creche da Rua Miguel João, teriam sido encaminhadas para trabalhar na creche José Marrara quando essa foi inaugurada, algumas das quais, tendo trabalhado na instituição por muitos anos.

Construção da creche municipal Papa João Paulo II



Cabe destacar que se havia uma ausência de diretrizes para as creches durante a década de 1970, tal como nos relata a Senhora Maria de Lourdes Micelli e Silva, tal fato não se estendeu por muito tempo. Antes mesmo da construção das primeiras creches em prédios próprios, quando apenas existiam essas duas creches mantidas pelo poder público em prédios alugados, o DAS (Departamento de Assistência Social) desenvolveu um Projeto para a Implantação de Central de Creches (1978), e um Plano para Instalação de Creches (1979).

De acordo com o Projeto para a Implantação de Central de Creches do DAS, sua meta era “atingir o maior número de pessoas carentes de recursos que necessitam trabalhar fora do lar, dando condições necessárias de sobrevivência aos seus dependentes”. Entre seus objetivos específicos, encontravam-se:

b) a central de creches visa a dar condições às creches-escolas-casulos, para abrigar em regime de semi-internato, crianças de 45 dias a seis anos, filhos de mães que trabalham fora do lar;

c) a central de creches procurará dar ao menor, as condições necessárias de sobrevivência, ou seja, alimentação adequada, educação, recreação e higiene, que muitas vezes não encontram nos lares, por serem desorganizados e carentes; (...). (DAS, 1978)

O Plano para Instalação de Creches do ano de 1979 se deveu à urgente busca pela instalação de uma creche no bairro Jardim Cruzeiro do Sul. Em sua introdução, o Plano aponta para a necessidade de se considerar o grande contingente de mulheres integrando a força de trabalho em São Carlos e a escassez de local apropriado para permanecerem os menores enquanto seus pais trabalhavam – aspectos que se agravavam na periferia, em especial, no bairro Cruzeiro do Sul, cuja população se constituía em grande parte de boias-frias e mulheres que deixavam o lar às cinco horas da manhã e retornavam para suas casas apenas ao pôr do sol. (DAS, 1979)¹⁰

A criação das primeiras creches municipais de São Carlos refletem, portanto, uma preocupação do poder público municipal em minimizar os efeitos da pobreza em algumas regiões da cidade e dar condições de trabalho às mulheres pobres que tinham filhos. A ideia de que as famílias pobres não possuíam condições de educar seus filhos porque vivem em lares desorganizados e carentes era comum nos documentos da época, mas foi sendo superada à medida que se desenvolveram os estudos sobre as crianças e sobre a educação infantil. Como veremos ao longo deste livro, a ideia das creches como um mal necessário e das crianças como um ser frágil e carente que necessitava da caridade da população e do Estado, aos poucos, vai sendo abandonada para dar lugar a uma compreensão da Educação Infantil como um direito das crianças e das famílias trabalhadoras, tal como estabelece a Constituição Federal de 1988, e a criança como um ser capaz e potente.

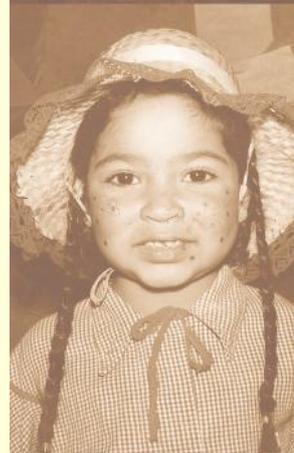
Deste modo, as DCNEI (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil) hoje em vigor afirmam em seu artigo Art. 4º, que:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (BRASIL/CNE, 2009).

10 A informação apresentada neste documento que indica a existência de um grande contingente de mulheres integrando a força de trabalho em São Carlos, em 1979, pode parecer contrária à informação oferecida por Rizzoli (1983), uma vez que a grande maioria das mulheres pesquisadas pela autora não trabalhava no setor industrial. No entanto, das mulheres que fizeram parte do universo pesquisado por Rizzoli (142 mulheres no total), 29,6% trabalhavam na produção de mercadorias em indústrias, o que não é um percentual pequeno. Agrega-se a isso o fato de que nos bairros mais periféricos e mais pobres o índice de mulheres trabalhadoras tende a ser mais alto, de forma que podemos considerar que as duas informações (Rizzoli, 1983 e DAS, 1979) não sejam contraditórias. Desta forma, é válido que trabalhem com ambas as fontes.

Como se vê, ao longo dessas três décadas de existências das creches municipais de São Carlos, muita coisa mudou e essas mudanças serão aqui evidenciadas, a partir das memórias dos diversos atores que acompanharam tais mudanças e que fizeram essas mudanças acontecerem.

Memórias de quem frequentou as creches e de quem levou suas crianças para as creches.



ANTIGAMENTE ERA MUITA CRIANÇA!

Magda Mauricéia Fonseca¹¹, Carla Renata de Souza, Laudicéia Ap. Ronchim Thamos, Maria Augusta Fahl, Mylene de Fátima Rodrigues Vieira, Ruth Benini Costa.

Muita coisa mudou, tenho muitas lembranças boas, mas não era igual hoje. Hoje está bem melhor que antigamente, mas foi muito bom, na minha época também foi muito bom. A gente ficava meio período aqui e meio período no parquinho, naquela época a gente atravessava essa via aqui para ir até o parquinho¹². Era em período integral também, só que a gente ficava meio período aqui e meio período lá no parquinho, que hoje já fechou e virou curso¹³.

Na época, quem trabalhava na creche era a Tia Soninha, Tia Vera, agora não me lembro o nome dela, na verdade ela até faleceu, a Tia Jandira, ah... Tia Cida, tem outras que eu não lembro o nome, mas tinha bastante.

Os espaços eram muito bem organizados, mas não igual hoje. Hoje está bem melhor. Era bastante organizado.

A creche atendia crianças de zero a seis anos, de classe social baixa, renda baixa. Meus pais trabalhavam, não tinham com quem nos deixar, então a gente ficava na escola em período integral. Elas (responsáveis pela creche) cediam vagas para quem realmente trabalhava, que tinha o trabalho e não tinha com quem deixar, aí a gente ficava na creche.

11 Entrevistada. Frequentou o CEMEI José Marrara nos anos 90. Depois, a filha frequentou o mesmo CEMEI em 2003 e agora o filho frequenta desde 2012.

12 A poucos metros da creche José Marrara havia a EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil) José Antunes, também chamada de parquinho, sendo necessário atravessar a rua em frente à creche e a Avenida Miguel Petroni para chegar da creche à EMEI. Hoje em frente à creche, passa a avenida Marginal, mas na época, a rua da creche era o final da rua Abraão João e não havia ligação dessa rua com a Marginal.

13 Se refere ao fato da EMEI José Antunes ter sido fechada. No prédio onde antes funcionou a EMEI José Antunes, hoje funciona a unidades III da FESC (Fundação Educacional São Carlos).

Eu vivi muitas mudanças. Na época não tinha, que nem tem hoje... hoje tem muito mais, que nem [atividade] pedagógica, bastante cursinho que as crianças tem. A gente tinha, mas era pouco, não era igual é hoje. Era pouco, mas tinha. Hoje tem mais livros, Cds, DVDs, antigamente era pouco, mas tinha.

Acho que mudou bastante. Vixe... 100%. As mudanças foram boas, ótimas!

Eu não lembro muito, porque na época era assim: muita criança. Era muita coisa, mas a gente vê que o trabalho hoje é bem melhor do que era feito antigamente. Antigamente era muita criança, era muita criança, hoje é dividido, é separado.

Vamos supor: quatro, cinco, seis anos, eram todos juntos. De zero a três anos eram todos juntos! Era diferente. Mudou muito, mudou muita coisa, para melhor.

A RELAÇÃO COM AS CRIANÇAS MENORES, COM A CIDADE, COM AS ‘TIAS’ E COM A TECNOLOGIA

Rebeca Carrero¹⁴, Adriana Carrero, Olga Carrero, Eliane
Françoso Tassim Salatino, Eder Edson de Carvalho

Meu nome é Rebeca, eu fui para a creche com quatro meses e fiquei até os sete anos. Eu lembro que quando a gente já era maior, com uns cinco anos, a gente podia ir ao berçário, ajudar dar banho nas crianças. As ‘tias’ deixavam a gente ir lá dar banho. A gente ficava brincando com as crianças mais novinhas, e já podia se misturar. A gente ia quando não tinha tanta atividade e a gente também gostava muito de assistir desenho, assistir os “Teletubbies”, o Rei Leão. O dia de assistir filme era uma alegria né? Porque quase ninguém tinha videocassete, o dia de assistir filme era uma alegria né? A gente não via a hora de assistir, porque a gente não tinha muito acesso a desenho, a essas coisas.

Igual tem DVD agora, tem celular, antes não tinha nada disso. Se a criança passava mal, as mães só iam saber de tarde, na hora que chegavam. Igual quando minha irmã caiu lá na piscina, minha mãe ficou sabendo só de tarde, quando foi buscar.

As minhas professoras, eu chamo elas de ‘tia’ até hoje. Tinha uma ‘tia’ que levava a gente na casa dela pra brincar com os brinquedos da filha dela. Ia todo mundo segurando na cordinha, grudado. E a gente ia lá brincar. Porque não tinha muito brinquedo na creche na época. Então de manhã a gente ficava na creche, e de tarde a gente ia para o parquinho. Ficava no parquinho até de tarde, depois voltava pra creche, e as nossas mães iam buscar com o ônibus rural. Colocava a gente no ônibus e trazia de volta ainda.

E a alegria maior nossa era quando íamos no parquinho nadar. Dia de nadar no parquinho era gostoso.

¹⁴ Filha de Olga Carreiro e irmã de Adriana Carreiro. Frequentou a creche Dionísio da Silva quando era criança. A entrevista foi realizada na presença da mãe e da irmã e ambas contribuíram para o relato aqui transcrito.

Depois de três ou quatro anos, as crianças iam para o parque (EMEI). Aí as 'tias' da creche levavam e as crianças ficavam meio período lá, depois elas buscavam. Aí dia que era pra nadar fica todo mundo ansioso pra nadar, dia de assistir TV... (risos). É porque não tinha muita tecnologia, né? Então cada brincadeira que a gente participava era uma alegria!

A gente não via a hora de brincar, não tinha esse negócio de videogame, essas coisas... Pra assistir filme era raro, então quando assistia, era uma alegria. Na escola tinha uma televisão só. E um videocassete. E tinha as fitas de vídeo, que eram poucas. Quando a gente assistia a um filme, era uma alegria. Porque quase ninguém assistia desenho.

A gente brincava bastante de polícia e ladrão, de amarelinha, de pular corda.

Isso na creche, que a gente era tudo junto. Não tinha separação certinha, então era tudo junto. E os bebezinhos também ficavam juntos. Só que na hora de dormir, a gente dormia em uma sala separada e os bebezinhos ficavam no berçário. Só que se a gente quisesse ajudar dar banho, a gente podia ir lá ajudar, pegar um sabonete, um xampusinho, e ajudar a tia.

E quem tinha fralda descartável na época também era raro, porque era mais fralda de pano. Eu lembro. Era só gente rica que tinha fralda descartável na época.

E piolho? Quem tinha piolho não entrava na época. De segunda-feira a gente chegava, e ficava um atrás do outro. Daí elas passavam o pente fino, se caía um piolho, uma lêndeia, não deixavam entrar, tinha que voltar pra trás.

Isso aí eu lembro. Toda segunda-feira, você fazia de tudo em casa, não tinha nada. No outro dia você ia levar tranquila. Chegava lá e não podia entrar porque elas encontravam algum piolho ou lêndeia.

A mãe até raspou o cabelo da Adriana uma vez. Era comprido até a cintura. E teve que raspar, deixou carequinha por causa dos piolhos que pegava bastante na época.

Naquela época podia também levar no dentista e no médico. E era a escola que levava. Tinha que dar autorização e eles levavam. Eu lembro que a gente passeava: ia só pra

Embrapa, só pra Embrapa. O dia que ia para a Embrapa era uma alegria, porque era o único passeio. Zoológico e Embrapa.

Quando falava que a gente ia passear, para a gente era uma alegria! Porque a gente não saía muito. Tudo era mais simples.

Tinha o desfile na rua, no dia de fanfarra. Era a fanfarra da escola, e no dia da fanfarra a gente desfilava com uma roupa especial. A gente se fantasiava, saía na rua. E mandavam os pais irem ver. Toda a turma saía na rua para ver. Era uma alegria. Uma semana antes de começar a fanfarra tudo mundo ficava ansioso.

A gente ficava tudo emocionado quando ia montar no tratorzinho todo enfeitado. Ia um tratorzinho com um monte de bexiga em volta. E a gente ia tudo sentado dentro: a turma da creche.

E quando a gente via a câmera filmando, era uma alegria ainda maior. Porque não tinha essas coisas, então era difícil, e quando a gente via a câmera, todo mundo queria aparecer. Ficava todo mundo dando risada.

Era gostoso, porque não tinha tanta tecnologia né. Quando chegava alguém para filmar essas coisas, todo mundo queria assistir depois. Depois juntava todo mundo e assistia a fita. E a gente viu a fita uma vez só. Deve ter lá na creche. Quero ver se um dia eu consigo ainda pegar pra assistir.

A CRECHE: UMA DAS MELHORES COISAS QUE ACONTECEU!

Olga Carrero¹⁵, Adriana Carrero, Eliane Françoso Tassim
Salatino, Eder Edson de Carvalho

Meu nome é Olga. Eu criei todos os cinco filhos, todos na creche, foi uma coisa muito boa porque quando não tinha creche a gente sofria demais. Um ficava na casa de um, outro na casa de outro, foi a melhor coisa que aconteceu pra nós daqui, porque meus filhos foram criados até os sete anos lá. De lá já foram para o parque escola.

Isso foi em 1987. Eles ficaram até os sete anos na creche e saíram só pra ir para escola. Foi uma coisa muito boa que aconteceu, uma das melhores. A Adriana entrou com três anos e ficou até os sete, e agora o filho dela é aluno da creche.

Nossas lembranças da creche foram muito boas. Eles tinham várias atividades: dança, festinha, as mães participavam, era muito bom! Nossa! Tudo de bom aconteceu lá, eles se desenvolveram muito e saíam bastante pra ir pra São Carlos. A gente vê as fotos lá e começa a recordar né? A gente chega até chorar de saudades porque foi muito bom, e agora meus netos estão seguindo e espero que meus bisnetos também.

Eu acho que a gente os deixava na creche às seis horas da manhã. Às vezes passava do horário, mas as 'tias' esperavam, nunca reclamaram, sabe? A gente atrasava, chegava correndo lá.

Eles abriam às seis horas, quando a gente chegava e ficavam até gente chegar. Elas esperavam a gente. Então funcionava das 6h às 18h, e às vezes acontecia até da gente atrasar um pouquinho. E elas estavam sempre ali prontas pra esperar. Então foi muito bom. A gente tem muita recordação boa de lá.

¹⁵ Mãe de Adriana e Rebeca Carrero que frequentaram a creche Dionísio da Silva, durante a década de 1980. Também é avó do Rafael, que frequenta a creche hoje. A entrevista foi feita na presença da filha Adriana, que contribuiu em alguns momentos.

Teve muita criança que frequentava lá naquela época, mas os que inauguraram foram os meus filhos: a Adriana, a Cristina, a Camila. Foram as três que inauguraram, e depois delas aí foi os outros dois que foi a Rebeca e o Moisés. Para matricular as crianças, tinha que trabalhar e apresentar um comprovante. Porque às vezes, ficava ocupando um lugar de quem precisava mais. Então tinha que ter um comprovante. O patrão assinava, a gente levava, para evitar que uma pessoa que estava à toa em casa não ocupasse o lugar de outra que precisava mais. Então era assim que funcionava.

E sempre elas deixavam a gente entrar lá na creche, sabe? No parque também, quando dava para a gente pra levar elas deixavam entrar, porque isso dependia das férias, alguma coisa assim. Então a gente sempre participava quando podia, mas não era sempre. Porque o horário, parece que aquele horário a gente saía mais cedo e chegava mais tarde. Agora não. Parece que mudou um pouco. Acho que dava para participar mais se fosse hoje. Naquela época não dava para participar muito.

Então as 'tias' que eram responsáveis por tudo. Quem trabalhava lá na época era a Candinha, a Beatriz, a Ângela, a Téia, a Cidinha, a Suzana, a tia Célia. A tia Célia, era ela que organizava tudo. Eu acho que pra nós, não teve muita mudança de lá para cá, mas avançou mais, né? Porque agora, eu acho que agora as 'tias' tem mais oportunidade, porque elas tiveram que fazer pedagogia e essas coisas. Naquela época não tinha isso.

Então eu acho que avançou mais.

SOBRE AFETOS E ENSINAMENTOS

Francielle Renata Rios¹⁶, Rita de Cássia Di Battista, Lélia
Cristina Pedro Lopes da Silva, Pietro Di Battista, Mirela
Scharlack Vian e Keli Andressa R. de Oliveira

Eu nunca dei trabalho, sempre gostei de ir para a escola. Minha mãe fala que nem no primeiro dia de aula eu dei trabalho, então eu tenho uma lembrança muito boa do CEMEI Ruth Bloem Souto e das professoras. Era um momento de diversão mesmo. Na época, não tinha muitas crianças, a gente não tinha muito contato com os menores, porque a gente ficava em algumas salas lá no e o berçário era mais para frente. Eu ficava no período da tarde, a Tia Mara era muito atenciosa. Só tinha a Tia Mara, ela ficou um tempo, aí ela saiu de licença maternidade, e depois ficou a Tia Paula também, que ficava com a gente nesse tempo.

Eu não me recordo muito bem, mas eu lembro que a gente tinha os cadernos, os livrinhos que a gente fazia as tarefas, e tinha o horário do lanche, a creche fornecia o lanche. Eu lembro que tinha uma pia muito grande, todo mundo ia lá pegava sua escovinha e escovava seus dentinhos.

Eu acho que não tinha janta, era mais um lanche no meio da tarde. Eu acho que os bebês, os menores, ficavam o dia todo. Na época também não tinha escola particular, escola particular era raro, então, todo mundo da vizinhança aqui, seja pobre, seja rico, ficava lá. No meu caso, a minha mãe não trabalhava, mas eu ia porque eu tinha que fazer o pré, mas a maioria das mães trabalhavam.

O ensinamento evoluiu assim muito. Eu acho que agora as crianças são totalmente independentes, não sei, na minha época não era assim. Eu não tenho uma recordação daquela época com as crianças de três anos, mas eu acho que naquela época a gente ia mais

¹⁶ Entrevistada. Auxiliar Administrativa. Frequentou o CEMEI Ruth Bloem Souto nos anos de 1985 e 1986, quando a instituição atendia crianças de até 6 anos de idade. Francielle relata ter feito o “parquinho” e o “pré” na creche em questão.

assim como uma recreação. Hoje em dia não, as crianças estão bem mais independentes, eles já têm mais compromisso, mais obrigação. Naquela época, a gente ia para brincar, ir no parquinho. Meu filho já faz atividades, já aprendeu números, bastante coisa diferente. Na verdade, a gente aprendia a ler e a escrever na primeira série. Hoje, com três aninhos, eles já conseguem saber algumas letras.

Eu tenho uma lembrança muito boa, pessoalmente do amor que as tias tinham assim por nós. Uma vez eu encontrei uma com a minha filha e ela se lembrou de mim, depois de 30 anos, então tinha um vínculo muito forte entre nós e as tias.

EU ME LEMBRO DAS FESTAS!

Mariana Faustino¹⁷, Rosângela de Cássia Camarinho, Gláucia Cristina Cirilo Manzini, Naiara Battagy Damim, Marisa Lima Rocha, Jaqueline Souza de Oliveira

Quando eu frequentei a creche, eu era muito pequena; por isso, não me lembro de muito. O que eu lembro são as festas: festa junina, datas comemorativas em que a gente fazia lembrancinha para os pais. Minha mãe trabalhava na creche e eu me lembro que ela tirava várias fotos e a gente tinha um painel. Também me lembro de alguns amiguinhos até hoje. Já reencontrei vários! E tinha um pátio da creche onde a gente brincava e era bem grande.

Agora, com a minha filha, teve uma confraternização de Natal que foi muito interessante. As crianças todas se reuniram e teve brinde, teve coisinha pra comer. Ela adorou! Eles sempre adoram diversão com todas as crianças.

Com relação as mudanças, eu percebi muitas. Antigamente, as educadoras eram pajens e não precisavam ter nem o segundo grau completo direito. Não que elas não cuidassem bem, mas a formação não era como hoje que tem que ter Pedagogia, é tudo muito mais rigoroso. Houve uma época em que se começou a exigir magistério das educadoras, foi quando mudou bastante coisa. Agora, a organização é muito melhor, a escola já foi toda reformada, mudou o espaço, a organização do banheiro das crianças, o refeitório. O pátio agora tem uma área com areia que antes não tinha. Mudou para muito melhor, porque hoje a gente sabe que quem está cuidando das crianças, não esta apenas cuidando, está educando também.

¹⁷ A entrevistada frequentou a creche Ruth Bolem Souto dos quatro meses aos 3 anos de idade. Hoje, é auxiliar de enfermagem na Maternidade de São Carlos e sua filha frequenta a mesma unidade.

UM TEMPO MUITO FELIZ, UM LUGAR HARMONIOSO

Leonardo de Oliveira Alves¹⁸, Kamila Francine Guiguer

Aqui na creche é o local onde minha mãe (não só minha mãe, mas outras mães), que a aproximadamente dezoito anos, trabalhava na roça junto com muitas outras mães, e a creche era um lugar onde elas deixavam seus filhos para que elas pudessem trabalhar e ganhar o sustento da família. Tanto meu pai, como minha mãe, trabalhavam na lavoura de cana e saíam de casa as seis horas da manhã e não tinham outro lugar pra deixar seus filhos.

Eu entrei na creche, eu era quase recém-nascido, então não me lembro muito desse começo, lembro mais de quando eu já tinha uns cinco anos, lembro das minhas professoras, lembro da Suzana, da Cidinha, na época tinha Beatriz, outra senhora que se chamava Candinha, e pra mim, naquele período era como se fossem minhas mães, me educaram muito bem, me colocaram na civilização, me ensinaram a falar, me ensinaram a caminhar.

Amigos dessa época, tem um jovem que se chama Cléber e nós brincávamos nesse corredor, nós íamos à escola juntos, a creche nos levava na outra escolinha¹⁹ juntos. Lembro-me muito bem dele, hoje ele é casado, ele constituiu família, eu também, mas de vez em quando nós nos encontramos na rua de Santa Eudóxia.

De manhã nossas mães nos traziam para a creche e nós ficávamos um certo período aqui, brincávamos, nos alimentávamos, aí depois as professoras nos davam banho, nos trocavam e então éramos dirigidos até a outra escola que fica aqui ao lado. Então elas tinham suas estratégias para nos levar, pois levar um grupo de crianças de uma escola pra outra não era fácil, cada um ia, ou nós dávamos as mãos e subíamos uma pequena subida que aqui tem, e nós chegávamos por que é pertinho e tranquilo, pouco movimento.

18 Entrevistado. Frequentou a creche Dionísio da Silva até quase os sete anos de idade. Hoje tem 24 anos e é metalúrgico.

19 EMEI. Em São Carlos, as crianças de 4 a 6 anos cujas mães precisavam trabalhar e por isso precisavam de atendimento em período integral ficavam meio período na creche e meio período na EMEI (também conhecida nessa época como escolinha, parquinho). Nesses casos, era a equipe da creche que levava e buscava essas crianças na EMEI.

E lá na outra escola a gente fazia atividades mais dirigidas. Lá foi onde praticamente aprendemos a escrever, aprendemos as primeiras frases escritas, nós brincávamos lá também, tinha a parte de estudar e a parte de brincar, e assim nós fomos aprendendo, nessas idas e vindas da creche até a escola, íamos vendo a paisagem, vendo as pessoas, e íamos aprendendo com tudo isso.

Hoje eu tenho uma filha matriculada na mesma creche. É o primeiro ano dela aqui. Eu não posso fazer uma explicação muito profunda das diferenças de hoje e de antigamente, porque eu me lembro de quando eu tinha cinco, seis anos, minha filha é um pouco mais nova, mas eu vejo que a minha bebê já fala coisas que na minha época, - eu não sei se é por conta da tecnologia, não sei dizer - mas hoje ela fala palavras que eu, aos três anos de idade não conseguia falar. Hoje ela se alimenta bem, ela já sabe contar números, ela repete tudo que nós falamos, na minha época eu não conseguia falar não.

Na minha época, não que isso mudaria alguma coisa, mas eu acredito que na minha época a funcionalidade era mais de olhar, para que os pais pudessem trabalhar, e assim com o tempo iam tendo aprendizagem e hoje eu acredito, não posso afirmar isso, mas pelo que eu posso ver na minha filha que hoje a creche é uma escola que já vai caminhando para que a criança possa ser infiltrada na civilização futura, por que na creche ela já aprende coisas que eu não aprendia. Eu acredito porque eu vejo minha filha assistindo televisão na minha casa, eu vejo que ela tem mais desenvoltura, a televisão fala e ela fala junto, eu não sei como isso é possível porque eu não acompanho, mas eu acredito que isso é uma grande evolução.

Eu também me lembro que quando minha mãe me trazia na escola, às seis horas da manhã, não sei, pois já faz alguns anos, eu me lembro que era bem escuro, o ônibus da roça onde ela trabalhava parava bem na frente da creche, desciam um monte de mães e entravam na escola, e eu saía daqui de dentro seis horas da tarde. Hoje minha filha tem um melhor conforto, por que Santa Eudóxia evoluiu um pouquinho, e nem todo mundo precisa trabalhar na roça, graças a Deus, a maioria das pessoas se dirige pra São Carlos, e por conta disso entram em seus empregos um pouco mais tarde. Então a criança pode ficar dormindo até um pouco mais tarde em casa e as mães podem se dirigir pra creche um pouco mais tarde, e isso é uma grande melhoria para Santa Eudóxia e para a creche, porque não era só difícil pras mães acordarem muito cedo, mas também levantar seus filhos muito cedo pra ir para creche. Agora as mães têm um pouco mais de conforto e as crianças também, que não tomam tanta friagem.

Desses corredores eu me lembro, que aqui houve uma grande, graças à Deus, uma melhora que eu me lembro que aqui nesse espaço não era todo cimentado, não tinha todas essas grades envolta dessa maneira, com segurança. Eu me lembro de brincar de bolinha de gude com algumas crianças, nós descíamos escorregando nessa grama com papelão, nós colocávamos papelão na grama e era um divertimento que nós tínhamos, mas as minhas imagens são de que nós andávamos sobre esse muro, claro, quando o professor não estava perto, e era muito divertido. Eu me lembro muito bem da primeira correção que eu tive. A minha professora me viu fazendo algo que eu não deveria fazer e ela me apartou das outras crianças e foi me ensinar o que era o errado e o que era o certo, e essa foi praticamente minha primeira advertência sem ter sido pela minha mãe e eu sou grato por isso, por ela ter me ensinado a não fazer esse tipo de coisa, porque senão eu poderia ter crescido de uma outra maneira. A creche então não é apenas um lugar onde guardam seus filhos, não é uma mala, mas é também um lugar onde as crianças podem crescer sabendo o certo.

Dentro da creche eu me lembro de alguns brinquedos de plástico, não sei especificar muito bem o que era não, mas acredito que sejam bolas, bonecas para as meninas, e aqui fora eram mais brincadeiras na coletividade. Lembro-me das crianças brincando aqui fora da creche e lá dentro eram brinquedos, eu me lembro de brincar naquela areia, tinha praticamente alguns brinquedos e o escorregador que tem até hoje. Não sei dizer se é o mesmo, se houve alguma melhoria, mas era basicamente aqui fora, a área estrutural era a mesma, a forma de se divertir pelo que estou vendo era a mesma coisa também.

O que eu posso dizer é que nós éramos muito felizes, embora eu não saiba dizer se nós éramos maiores ou menores, pelos professores que nós tínhamos, nós éramos muito bem instruídos na época. Nossos professores estavam sempre juntos, era muito harmonioso, na época nós ficávamos todos reunidos, lembro que quando íamos dormir, eram muitas crianças dormindo, nessa lembrança que eu tenho, eu acredito que tinham pessoas de misturadas idades, por que do lado tinha o lugar de tomar banho, e o colchão era todo espalhado nesse cômodo, com crianças maiores e menores. Não lembro muito dessa parte, mas me lembro que tudo era muito harmonioso, era muito gostoso estar na creche.

Para terminar, eu queria dizer que eu sou muito grato porque embora eu more em Santa Eudóxia, eu preciso me dirigir pra São Carlos pra trabalhar, e a creche hoje tem sido uma forma de nós podermos trabalhar, e nossa filha poder crescer dentro de uma segurança,

onde nós sabemos que ela se alimenta, aprende e quando nós voltamos do trabalho podemos vir buscar nossa filha estando tudo bem, da mesma forma que nós a deixamos aqui. A creche tem sido um grande recurso pra muitos pais e mães aqui de Santa Eudóxia, e a única coisa que eu posso falar não só pra você e pra diretora dessa creche é muito obrigado. Nós temos uma grande ajuda da Prefeitura, do governo com essa creche que está aqui em Santa Eudóxia.

FESTINHAS DE FIM DE ANO E PERÍODO INTEGRAL

Eliana Dias dos Santos Pereira²⁰, Regilene Cavallaro Terroni e
Erika Fernanda Marino Modenez, Andréa Carolina Lopes de
Aguilar

Eu gostava muito do trabalho que era realizado com as crianças, era muito importante, as tias eram muito amorosas com as crianças. A minha filha adorava vir para creche, eu nunca tive problemas de comportamento, dela chorar para não vir, ela era muito bem atendida. Quando ela foi para o pré, ela ficava meio período no prezinho e à tarde voltava para cá, que era onde eu a pegava para ir pra casa.

Eu acho que do tempo passado para cá melhorou bastante, as crianças tem mais oportunidades. As tias eram preparadas, mas hoje estão mais bem preparadas, as crianças são muito bem atendidas. A minha neta se sente em casa e eu estou gostando muito. E houve muitas mudanças sim, para melhor, para melhoria das crianças. Antigamente, era uma pajem que cuidava das crianças, hoje são todas professoras, que têm mais estudo, sabem mais psicologia para tratar com as crianças, porque não é fácil cuidar deles nessa fase. Eu fiquei muito tempo afastada de creche, de quando a minha filha saiu para quando a minha neta entrou. Eu estranhei bastante, porque teve muitas mudanças, para melhor.

O que eu mais gostava eram as festinhas de final de ano. Eu adorava vestir, arrumar, deixar minha filha bonita, e eu também aproveitava muito as festas.

Eu acho importante a criança ficar período integral no mesmo lugar. No tempo da minha filha, 1995, ocorria o seguinte: a gente deixava as crianças na EMEI de manhã e depois as tias iam buscar. Geralmente era muita criança, vinte, trinta crianças. Às vezes, certas crianças fugiam, como acabou acontecendo com a minha filha. Ela fugiu e nós ficamos todos desesperados, a diretora ligou. Acabamos por encontrar lá na casa de uma amiga. Então pra mim é muito importante que a criança fique o período integral aqui, e quando for para o pré, fique o período integral lá.

20 A entrevistada foi mãe de criança da creche Pedro Pucci, de 1995 até 1999. Desde o ano passado, sua neta frequenta o mesmo CEMEI.

CRIANÇAS DE VÁRIAS IDADES FICAVAM JUNTAS. ERAM SEPARADAS APENAS DOS BEBÊS

Anelisa Pereira Spinola²¹, Gabriela Guarnieri de Campos Tebet, Priscila H. D. Oliveira e Maria Claudia BullioFragelli

Eu fiquei na “Creche Bruno Panhoca” (chamada assim na época) por apenas um semestre, no ano que foi inaugurada. Morávamos há pouco tempo nas casinhas da Cohab próximas a Nestlé, que era na Av. Getúlio Vargas. Eu tinha cinco anos.

Recordo bem que havia crianças de idades diferentes, ficávamos separados apenas dos bebês. Brincávamos na área externa, e na época não havia brinquedos de parque, apenas areia, sucatas e alguns brinquedos pequenos. Também me lembro que tínhamos que seguir a rotina estabelecida, de refeição, sono, banho e etc.

De tudo o que eu vivi na creche Bruno Panhoca, no período em que frequentei, alguns momentos marcaram muito na minha memória. Lembro, por exemplo, que os horários de banho eram bem divertidos para mim. Sempre fui muito sociável e os banhos eram coletivos. Separavam apenas meninas de meninos, e havia uma grande banheira fixa no chão que ia de uma parede até a outra parede do banheiro, e em cima ficavam os chuveiros. Era uma hora muito boa

Outra coisa é que as merendeiras e as pessoas que cuidavam da gente eram pessoas legais. É claro que umas eram mais legais que as outras. Todas exigiam que as obedecessem, pois esse era o papel delas, mas todas demonstravam muito carinho por nós. Na hora das refeições deixavam nossos pratos preparados e elas nos incentivavam a comer tudo. Foi lá que comecei a gostar de beterraba. Elas faziam uma salada bem temperada que era uma delícia.

21 Quando era criança frequentou CEMEI Bruno Panhoca, no ano de 1985. Atualmente é professora de educação infantil da mesma instituição.

Também me recordo da época do Natal. Lembro-me que na época fazíamos ensaios de músicas de natal. Naquele ano que frequentei a creche ensaiamos bastante, e depois, no fim do ano, houve uma apresentação para pessoas que fizeram uma grande doação de brinquedos, e nós ganharíamos aqueles presentes. Fiquei muito ansiosa e empolgada. Lembro até hoje que ganhei um tênis e uma boneca, isso me deixou feliz da vida.

E teve um dia que a gente estava brincando no parque e uma criança jogou um graveto em um cacho de abelha. Foi uma grande confusão e um garoto que foi picado era alérgico, e foi levado para o hospital. Este fato ficou bem marcado em minhas lembranças.

Eu sei que era uma escola que eu gostava muito. Quando eu saí, eu fui para outra escola, mas eu sempre falava para a minha mãe que queria voltar.

Memórias de quem trabalhou nas creches.



A GENTE CUIDAVA, LAVAVA A ROUPA E DAVA “TRABALHINHO”

Beatriz Gonçalves Ferreira Ronque²², Denise Cabrera Cezare.

Quando inaugurou o CEMEI Dionísio da Silva, em 1987, eu trabalhava com as crianças. Eu trabalhei 15 anos lá com as crianças. Desde o início. Quando fui chamada pra trabalhar, era o seu Ozório naquela época. Eu pedi pra ele e ele me chamou.

Eu trabalhei com criança, eu trabalhei 15 anos com as crianças que iam completar sete anos. Depois eu fui trabalhar com os bebês. Trabalhei 15 anos, mas depois eu fiquei muito doente. Fiquei afastada cinco anos, e quando eu voltei para trabalhar lá na creche, eu não podia mais cuidar de criança, não podia mais trabalhar com as crianças porque eu não era professora e não tinha o estudo que precisava. Então, eu fui para a cozinha, comecei a trabalhar de merendeira.

Depois eu fui trabalhar um dia no parque e eles gostaram de mim, a Marli começou a mandar recadinho e falava que ela queria eu lá em cima, eu, eu. Elas ficaram tristes e alegres porque elas não queriam sair dali, mas eu, de quando inaugurou a creche, eu trabalhava de pajem com as crianças.

Quando a gente começou a trabalhar, quando inaugurou a creche, quem trabalhava aqui era a Suzana, eu, a Rosa, a Cidinha, a Ângela, a Téia. A Téia era merendeira e a Ângela era faxineira. As “cuidadoras”²³ eram: eu, a Rosa, minha prima, a Cidinha, a Canda, que era do correio, e a Suzana era encarregada.

Era diferente, a parte nova não tinha. Tinha só essas primeiras salas, a parte nova que tem agora não tinha. Depois que eu saí de lá que aumentou.

22 Entrevistada. Atuou com pajem e merendeira no CEMEI Dionísio da Silva e hoje tem um neto que frequenta a educação infantil municipal.

23 Que atuavam como pajens.

A idade das crianças era um mês antes de completar sete anos. Era desde bebê, parece que de três meses até essa idade. Tinha um berçário, tinha aqueles berços. Não era como hoje, que é colchonete. Então naquela época era berço. A gente cuidava das crianças, lavava a roupa. Não as roupas das crianças, mas lençol, toalha. Nossa, era um barato!

Era uma correria tão grande, não era como hoje. Hoje é um sossego, é só criança, e são poucas crianças. Aquela época era muita, tinha vez que eu ficava com 30 crianças. Era muita criança, de várias idades, e tinha duas salas: uma que ficava os bebês e outra que ficava os maiores. O berçário que era a Canda que cuidava. Não lembro muito bem não como era, mas acho que começavam a andar e já passavam para a outra sala.

A gente fazia de tudo, dava banho, brincava com eles. A gente fazia de tudo. Hoje eu admiro. Hoje é mais fácil que naquela época. Quando eu cuidava das crianças de cinco e seis anos, eu dava trabalhinho para as crianças, era coisa de professora. Eu fazia atividade com eles e colocava na pasta, cada um tinha o seu nome. E a gente usava muita sucata, demais, usava muita sucata, fazia tudo com sucata. Apresentava os trabalhos deles. Tinha a professora Nilva que passava dança pra gente. Vinha, passava a dança e a gente ensaiava eles, e a gente ia pro teatro municipal. Quando a gente ia ensaiar, a gente chegava em Santa Eudóxia meia-noite com eles.

A Nilva era de São Carlos. Ela vinha, passava a dança, a gente ensaiava e ia apresentar. Teve uma vez que eu me vesti de boneca, fiz uma sainha de tule, sapatilha, meia e fui. Chegamos lá nesse lugar com as crianças e apresentamos, com eles também. Era muita coisa!

Aquela época além de eu não ser professora eu fazia as coisas de professora, as coisas assim muito difícil. A gente trabalhava muito com colagem, fazia reunião com os pais, entregava os trabalhos pra eles na pasta, cada um tinha sua pasta e todo mês eles levavam os trabalhos na reunião. Os pais entregavam as crianças na sala. Às vezes até no berçário eles entravam.

Os pais tinham que ter carteira assinada para deixar as crianças na creche. A gente tinha que saber onde os pais estavam, porque as crianças chegavam às 6h e saíam na hora que fechava. O horário de saída era às 17h, mas às vezes ficava até mais tarde. Quantas vezes eu fiquei lá até 19h30, esperando os pais que não iam buscar.

Eu entrava às 6h. Eu abria a creche às 6h e saía às 16h. Tinha funcionária que ficava até às 17h, mas às vezes a gente ficava até às 19h lá, porque os pais não iam buscar, e tinha que ficar lá.

A gente abria nesse horário porque os pais trabalhavam na lavoura. Eles iam muito cedo, então cedinho tinha que abrir a creche pra receber as crianças, porque os ônibus saíam às 6 horas. Era caminhão de turma, não era ônibus que nem é agora, era tudo caminhão.

Hoje eu não vejo mais assim o pessoal trabalhando na lavoura. Hoje elas vão para São Carlos. A gente não vê mais como naquela época, os caminhões que levavam para o campo, hoje todo mundo vai para São Carlos.

A função dos pais mudou pra melhor.

Quando passou da assistência social para a educação, contrataram professores e eu não pude mais continuar com as crianças. Eu não sei quem era a diretora, acho que era a Célia. Ela ligou na minha casa e queria que eu fosse estudar. Eu falei “não, agora não”.

Quando eu voltei do afastamento eu trabalhei na creche um dia. Muito pouco porque era a Nice que trabalhava e a Eva, só que elas não queriam sair de lá, e eu pra não magoar elas eu fui pra lá.

Eu vejo que de lá para cá, a qualidade melhorou muito, nossa como mudou! Eu tenho um neto estudando na escola hoje e eu vejo quando eu vou lá, tratam muito bem. Até quando as pessoas falam algo, eu falo: “Põe na creche que você não vai se arrepender”. Eu trabalhei lá e agora eu incentivo as pessoas a colocarem seus filhos, porque eu sempre gostei.

Hoje aumentou o espaço, reduziu a faixa etária, até os três anos e ficou dividido cada espaço, cada sala fica com crianças de uma faixa etária, fase 1: são os bebezinhos de zero a um ano, fase 2: de um a dois anos e fase 3: de dois a três anos. Antes, as crianças eram todas juntas, então melhorou muito o atendimento para as crianças. O fato de ter mudado para a educação, de ter se contratado profissionais, professores, é um avanço. Mudou muito, e mudou pra melhor. Porque aquela época que eu trabalhei lá era muito assim, sabe aquela coisa? A gente tinha que fazer tudo. Dava risada de ver, a gente tinha que correr, tinha que

dar banho, fazer tudo. Então mudou, até chego a comentar quando vou lá com as pessoas de lá. Nossa, tá muito bom hoje, tá muito bom.

Agora, uma coisa que me marcou muito, que eu não esqueço, é a gente saía com as crianças e ia passear. Eu pegava uma corda e eles iam segurando, uma pessoa ia atrás e eu ia na frente, segurando pra não virar correria. Um dia, a gente estava ali brincando no parquinho e uma criança soltou o balanço e bateu numa outra criança, que cortou e fez um galo. A Suzana, que era a encarregada da creche, chamou e explicou tudo para o pai. Ele veio na minha casa, me xingou, falou horrores pra mim. Ele falou assim pra mim “Eu vou lá na casa da Suzana reclamar de você”. Eu, já que eu não tava muito bem, eu falei “faça o que bem entender, o que você quiser” Eu entrei pra dentro de casa e chorei, mas chorei tanto... Marcou-me muito, eu não esqueço até hoje o que aquele pai falou pra mim.

Mas eu trabalhei lá e me dava bem com todo mundo, e saí de lá bem, não saí de encrenca com ninguém, graças a Deus.

A CRECHE NO DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL E OS PASSEIOS

Maria Helena Iroldi Felix²⁴, Adélia Julieta Mercaldi Navarro,
Maria Eliza M. Da Silva, Renata Machado Soares, Fernanda
Zentil, Dione Gadelha e Maria Cristina da Silva.

O tempo em que as creches pertenciam ao Departamento de Serviço Social [DSS] era gostoso também, a gente passeava com as crianças e saía até para fora da unidade para passear com as crianças. Era muito bom, muito divertido. As crianças ficavam o dia todo e a gente atendia crianças de quatro meses até sete anos. Cada turma tinha a sua sala, as turmas eram de 15 crianças e a gente trabalhava individual (cada profissional com a sua turma).

Tinha a Cidinha, que era merendeira, mas também estava ficando com crianças, a Ilda que era pajem e continua como professora, e outras que já saíram como a Jandira.

As vagas eram da assistência social. Era a assistente social quem ia atrás de saber o porquê, pois antigamente as mães tinham que trabalhar mesmo para as crianças ficarem na creche. Se a mãe não trabalhava, a criança não ficava.

A gente atendia crianças de vários lugares: quem era daqui de perto, que não dependia de ônibus e até quem dependia de ônibus, que as vezes morava aqui perto e mudou. E também atendia crianças com deficiência, quando era o caso, por exemplo, uma criança com síndrome de Down, que frequentou a creche por um período. Isso no período da Assistência e até hoje. Quando eu entrei na creche, já tinha criança com deficiência, antes também teve e é assim ainda.

Em relação à organização do tempo e do espaço, eu lembro que naquele tempo (do DSS), as crianças saíam muito pra fora da unidade, agora já não pode mais, agora só ficam

²⁴ Entrevistada. Serviços Gerais do CEMEI Ruth Bloem Souto desde 1990. Durante 12 anos trabalhou junto às crianças (como pajem, no tempo do DSS), e depois que a Secretaria de Educação assumiu as creches, voltou para a função de Serviços Gerais, que é seu cargo de concurso.

dentro da unidade, no pátio, não podem sair. Naquele tempo também a gente tinha ônibus para levar as crianças no zoológico, iam muito no parque de diversão. Eu também pegava minha turminha ia passear na rua, até na minha casa eu ia.

Da parte pedagógica, lembro que tinha trabalhinho, tudo como é agora, a gente fazia trabalhinho e no final do ano tinha a pastinha.

Quanto aos trabalhos da equipe, a gente era Serviços Gerais, mas ficava com as crianças. Hoje eu não sei de nenhum caso assim. Hoje quem é professor, é professor; e Serviços Gerais é Serviços Gerais. Então, quem era pajem foi fazer pedagogia, outras foram fazer magistério e assim por diante. Quando chegaram as primeiras professoras, foi legal. A Cassinha foi umas das primeiras a chegar como professora e os pais gostaram muito.

O primeiro professor homem da escola foi o Eversson e acho que também foi bom. É lógico que a gente estranha um pouco essas mudanças, mais depois a gente adapta.

A verdade, eu não vejo muita diferença de antes e de agora. Tudo era com ordem, adaptava tudo com ordem e continua.

PAJEM, EDUCADORA, PROFESSORA: A PROFISSÃO E A FORMAÇÃO

Marlene de Fatima Bellotti Maroldi²⁵, Keila Maria Mota
Gonçalves e Ana Paula da Silva.

As crianças que frequentavam a creche Pedro Pucci eram de seis anos. Elas ficavam meio período na EMEI e meio período na creche, aí elas saíam onze e meia da EMEI e nós íamos lá buscar e trazíamos na creche. Aqui elas almoçavam, umas dormiam, faziam os trabalhos. Não tanto quanto agora, mas tinham a mesma função de fazer os trabalhos. Tinha os brinquedos e elas iam brincar no parque. Não foge muito do que é agora, mas agora está bem mais atualizado, as coisas estão mais modernas.

Os espaços eram a mesma coisa que é hoje. Não mudou. Só mudou agora pela reforma porque antigamente as salas eram menores, e as salas dos professores era uma sala de aula.

As pessoas que trabalhavam na época eram pajens, mas na carteira de trabalho delas as funções eram outras. No meu caso, eu prestei o concurso como pajem, mas as outras meninas, tinham várias que não eram pajem, mas elas trabalhavam como pajem na época.

As crianças que frequentavam a creche tinham de até seis anos e eram da comunidade mesmo, eram as que moravam mais próximas da unidade porque tinha mais creches, como Santa Maria II. Tinha outras creches que atendiam os outros bairros.

Para conseguir uma vaga, exigiam que as mães trabalhassem. Até teve uma época que elas tinham que trazer a carteira de trabalho, para mostrar que estavam trabalhando.

Em termos de organização do tempo e do espaço e da proposta pedagógica e de políticas públicas, as mudanças foram todas para melhor.

25 Entrevistada. Atua no CEMEI Pedro Pucci desde 1996, num primeiro momento, como pajem e depois, como educadora de creche.

Mas tem algo que não foi bom. As pajens que não eram registradas na carteira, voltaram a trabalhar cada uma na sua função e estão até hoje. Tem as que trabalham na cozinha, tem umas que são faxineiras, Serviços Gerais, por conta disso daí que elas saíram (do trabalho direto com as crianças). Então, no caso delas terem saído e voltado na função delas foi triste, pois já fazia muitos anos que elas estavam fazendo esse serviço, então elas gostavam de fazer isso (cuidar das crianças), mas como na carteira não era isso aí, “eles” estavam exigindo que trabalhassem com o que estava na carteira.

Quando eu entrei eu era “pajem”, e depois de pajem eu virei “educadora de creche”, mas isso acho que foi por conta que “eles” mesmos mudaram para educador²⁶.

A gente cuidava das crianças, dava banho, trocava, dava banho (até os de seis anos tinham que dar banho), dava almoço, só que as crianças eram maiores.

E as pajens, algumas já tinham até o colegial, outras até oitava série, outras quarta séries. Então, veio a Lourdes Crempe²⁷, que nos ajudou e nos incentivou a fazer o magistério. E foi quando mudou o Estatuto da Educação²⁸ que começou a mudar a nossa jornada. A gente trabalhava oito horas, ai agente começou a trabalhar seis horas, e mesmo no salário também mudou: antes se ganhava bem menos e trabalhava mais porque ficávamos oito horas, e agora, no caso, trabalhamos menos e ganhamos um salário melhor que antes. Isso foi uma mudança muito boa pra gente porque até então quem fazia meio período eram os professores, depois eu cursei o magistério, tivemos a formatura e pudemos trabalhar meio período também.

26 Se refere às alterações no Estatuto da Educação que extinguiu o cargo de pajem e criou a cargo de “educador de creche” como parte da carreira do magistério.

27 Se refere à Maria de Lourdes Crempe, que atuou como Orientadora Educacional da SMEC entre 2001 e 2004 e Diretora do Depto. de Ed. Infantil da SMEC entre 2005 e 2006

28 Lei municipal 13.889/06

SE PRECISASSE, A GENTE LEVAVA CRIANÇA PARA CASA

Romilda Aparecida Marchi Pereira²⁹, Sidnea Rosana da Silva,
Carla F. Florencio Lopes.

Sempre cuidei de crianças. Entrei aqui pra trabalhar com crianças de quatro meses. Aí passei (pelas crianças de) quatro meses, dois anos, até os sete anos eu cuidei. Dezesseis anos eu cuidei de crianças. De 1987 até 2003. Hoje sou Serviços Gerais, mas já cuidei de crianças de todas as idades.

Não existia concurso na época em que eu entrei na creche³⁰. Quando eu entrei, eu estava procurando serviço. Fui ao DSS, na época era a dona Madalena. Fiz uma ficha dizendo que eu queria trabalhar de qualquer coisa. Eu tinha 17 pra 18 anos. Falei “qualquer coisa, preciso trabalhar”. Eu tinha saído de outro emprego e fiquei dois dias desempregada. Eu fui numa segunda-feira e numa quarta-feira, ela me chamou. Eu fui lá, a perua veio me trazer e eu vim trabalhar no lugar da Francisca. Entrei aqui com 18 anos. Agora estou com 49, vou fazer 50.

Trabalhei sempre na mesma unidade. Só fui 15 dias trabalhar no Castelo Branco³¹ pra ensinar como a nossa creche trabalhava, pra passar como era a rotina da nossa creche.

Hoje em dia sou Serviços Gerais. Limpo, faço de tudo e cuido de criança também.

29 Entrevistada.

30 Em 1988, a Constituição Federal, ao legislar sobre a Administração Pública, estabeleceu em seu artigo 37 que “a administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência” e que “a investidura em cargo ou emprego público depende de aprovação prévia em concurso público de provas ou de provas e títulos, de acordo com a natureza e a complexidade do cargo ou emprego, na forma prevista em lei, ressalvadas as nomeações para cargo em comissão declarado em lei de livre nomeação e exoneração”. Antes da aprovação da Constituição Federal de 1988, portanto, não havia exigência de concurso para o ingresso no serviço público, conforme se observa nos relatos desta e de outras entrevistadas.

31 Aqui, a entrevistada se refere à creche Bruno Panhoca (hoje CEMEI Bruno Panhoca), localizada entre os bairros Azulville e Núcleo Residencial Castelo Branco.

Eu já fiz a hora do conto aqui e passou até na EPTV na época. Trouxe até pintinho para contar a história debaixo do pé de jambolão com as crianças. Não era igual agora. Eu acho que era melhor. Levava as crianças no parque ecológico. As crianças tinham três, quatro, cinco e seis anos. A gente ia de ônibus. Quantas vezes no Cedrinho nós fomos a pé. Na época da Eiva (diretora), nós íamos para passar o dia no Cedrinho e depois nós voltávamos. As crianças que frequentavam a creche era de quatro meses a sete anos. Tinha bebês, mas eles não iam (nos passeios), eles ficavam.

A creche recebia crianças de tudo quanto é tipo. Crianças problemáticas e crianças que não tinham problema. Crianças que não tinha nada para comer em casa, inclusive que a mãe não vinha buscar na sexta-feira e a gente levava para a casa. A Dora levou crianças que passou o final de semana, sexta, sábado e domingo. A mãe não veio buscar. E nessa época ficava eu e a Dora, das 17h até às 18 horas, que era quando a gente saía. Não era igual agora que a chegou 17 horas, as “tias” tão ligando pra ir buscar. As “tias” que saíam mais tarde ficavam e no caso era quem? Eu e a Dora. Nós ficávamos até 18h, 19h esperando a mãe vir buscar.

Então na época ligava para a assistente e ela permitia que a gente levasse (para a nossa casa). Eu não levava porque eu não tinha condições, tinha casa pequena, mas a Dora levou e na segunda-feira trouxe de volta para a mãe que não apareceu, e foi chamado o conselho tutelar.

Em relação ao espaço, a organização de espaço e da rotina das crianças, nós dávamos banho nas crianças, até nos grandes. As crianças entravam das 7h às 7h30. Ficavam duas “tias” na porta passando pente fino porque tinha piolho, uma piolhada. Aí a criança que tinha piolho voltava, a mãe tinha o dia pra cuidar, limpar e se não limpasse, não ia entrar. E quantas crianças a gente olhava, catava lêndeas, piolhos. Deixava a criança em ordem, tomada banho, limpinha pra dentro, jantada e no outro dia, vinha daquele jeito, igual acontece agora. A criança vai, toma banho e com a mesma roupa que foi, volta. Até com a mesma fralda encharcada. Elas não tão nem aí.

Em relação às mudanças, eu acho que mudou pra bem melhor. Igual as divisões que a Ana fez nas salas: a Ana que dividiu as salas, porque antes era junto as turmas. Era tudo junto. Aquelas duas salas, era tudo junto.

Onde é o refeitório agora, era a sala preta. Por que sala preta? Porque o chão era preto e as crianças apelidaram de sala preta. O refeitório nosso era lá embaixo onde ficou pra EMEI³². Antes era tudo nosso. E antigamente ali não era EMEI, era tudo nosso. Então era muito mais espaço. Perdemos a areia porque ficou pra EMEI. E o que nós ficamos ali? Pouca coisa. Perdemos muita coisa com esse negócio de deixar pra EMEI.

32 A entrevistada se refere à EMEI Professor Victorio Rebusci, que hoje divide espaço com a creche (CEMEI Papa João Paulo II). De acordo com informações disponíveis no site da Prefeitura Municipal de São Carlos, o CEMEI Vitorio Rebusci, foi criado com o nome de EMEI Papa João Paulo II e funcionava integrado à creche de mesmo nome, atendendo crianças de quatro a doze anos, uma vez que além da educação infantil, oferecia recreação para crianças de 7 a 12 anos em período contrário ao da escola. Em 1992 a EMEI desvinculou-se da creche, para funcionar em um terreno localizado nos fundos da creche e passou a se denominar EMEI Professor Victorio Rebusci. Todavia, no ano de 2000, a EMEI voltou a funcionar no antigo prédio, passando a dividir o espaço com a creche e lá permanece até hoje. Deste modo, tanto o CEMEI Papa João Paulo II quanto o CEMEI Vitorio Rebusci possuem hoje o mesmo endereço e atendem na Rua Ceará, n.600, no Jd. Pacaembu.

Fonte: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/nossas-escolas/157357-cemei-victorio-rebusci.html> acessado em 22 de novembro de 2014 às 18:16.

ESTATUTO DA EDUCAÇÃO E LEI DO PISO DO MAGISTÉRIO: O TRABALHO, A FORMAÇÃO, A JORNADA DE TRABALHO E OS SALÁRIOS

Sidnea Rosana da Silva³³, Edna Fátima de Oliveira³⁴, Gabriela Guarnieri de Campos Tebet e Silvana Farias

Na época que eu iniciei, era a parte do assistencialismo, só o cuidar mesmo. Hoje em dia a gente tem a colaboração em certo ponto, um apoio das merendeiras, das serventes. Mas o essencial são as professoras com a pedagogia, nos cuidados com as crianças. Na minha época ainda era aquele cuidar, que até eu lembro que tinha aquele lance que quando as crianças entravam de manhã, uma vez por semana as professoras olhavam na porta os cabelinhos das crianças. E, dependendo, as crianças tinham que voltar para trás. Se tivesse piolho tinha que voltar para casa. Toda segunda-feira era assim.

Eu lembro que se criança queria dormir, podia ficar dormindo mais um pouquinho. E a parte pedagógica era brincar, brincar. A questão de autonomia, a gente não estava muito preocupada, era o cuidar para os pais trabalharem. Essa foi a primeira creche onde trabalhei.

Na segunda, já teve aquela questão de ver atividades, tanto que na segunda eu lembro que eu fiz um circuito com a outra colega, e um tempo depois a gente até apresentou as fotos. Era um circuito que a gente fez. Eu e a outra professora bolamos tudo de cabeça com cabo de vassoura, e a outra professora fez ainda um túnel, porque não tinha aqueles túneis iguais a gente tem hoje. E por sinal eu recebia muito elogio da diretora na época, que é o que incentiva a gente.

Foi aí que a educação chegou. Antes não tinha atribuição da sala, que a gente hoje

33 Entrevistada. Foi admitida como pajem na Prefeitura Municipal de São Carlos em 20 de maio de 98. Iniciou sua carreira trabalhando na creche Caminhada com Jesus, na vila Jacobuci, depois trabalhou na creche Bruno Panhoca, na Ruth Bloem Souto e há doze anos trabalha como educadora no CEMEI Papa João Paulo II

34 Educadora do CEMEI Papa João Paulo II, também participou da entrevista complementando algumas falas da Sidnea Rosana da Silva.

escolhe em que sala vai trabalhar no ano seguinte. Antes não tinha nada disso. Quando eu entrei, por exemplo, estava precisando de vaga para uma turminha de dois anos, e eu fui. Na época da Bruno Panhoca, também. Quando eu fui para a Bruno ainda não tinha atribuição da sala, eu comecei a ter atribuição, foi na terceira creche, na Ruth Bloem Souto. Antes, a gente ia para aquela turma que estivesse precisando. Essas questões de contagem de pontos, de cursos, não importava. Porque eu tinha entrado em 1998.

E tinha muito assim: às vezes a gente chegava de manhã, e não tinha margarina, a gente ia lá comprar margarina, por causa das crianças. Mas era assim! Quando eu iniciei na primeira creche, não tive nada disso, não tinha a parte pedagógica, era assistencialista; quando eu fui para Bruno Panhoca, que foi a segunda, daí que começou.

E tem muitos casos com pais. Lembro-me na época em que trabalhei na Ruth Bloem Souto, que tinha gêmeos, e a mãe era toda queimada, tinha sido presa. Um dia deu o horário, e ela não apareceu para buscar as crianças. A mãe tinha ido embora para São Paulo e tinha deixado as crianças sozinhas. Ficamos lá preocupadas. E não tinha essa questão de conselho tutelar. A diretora teve que ir atrás da vó para pegar a criança. Ou teve casos, por exemplo, de um pai lá que queria ver a criança e não pôde. Porque não tinha autorizado, o pai subiu na torre de telefonia para ver o filho e deu até na rádio.

Mas do Estatuto³⁵ para cá, aí mudou muito. Muito, porque eu era do tempo que eu fazia oito horas³⁶. Aí as professoras começaram a ser admitidas. Elas iam embora meio dia. E eu ficava até o fim do dia. As pajens ficavam, e era uma frustração terrível. Porque a gente fazia tudo igual, só que elas tinham pedagogia e a gente não tinha. Então eu fiquei de 98 a 2006, fazendo oito horas por dia. A gente vivenciava mais coisas. Mas, que era frustrante, era!

Então eu fiz magistério a noite e a gente se formou. No caso, eu me formei num ano, e no outro ano era para ser passado para o novo Estatuto, para a nova carga horária³⁷, mas eu não levava a sério. Achava que isso ia demorar!

35 Estatuto da Educação. Lei Municipal 13.889/06

36 Carga horária diária na creche.

37 De acordo com o Estatuto da Educação de 2008, o função de pajem passou a ser denominada educadora e a carga horária de trabalho semanal dessas profissionais passou de 40h para 30h, das quase duas horas semanais deveriam ser utilizadas em reuniões de trabalho pedagógico coletivo (HTPC), e as outras 28 horas semanais, seriam dedicadas ao trabalho com as crianças.

Para fazer o magistério, durante dois anos eu estudei a noite. Eu tinha minhas filhas pequenas, tinha duas. Uma tinha quatro aninhos e muitas vezes ela falava assim: “Aí, mamãe, não vai hoje”! E eu falava: “Não filha, eu comecei, agora eu vou, é importante para mim”. Porque eu tinha receio, eu não sabia onde ia parar, porque as antigas pajens não tinham lugar garantido. Aí, eu fiz dois a noite de magistério e terminei! Até o meu marido falava: “Ih! Isso vai demorar”.

Quando foi no meio do ano (2006) o Estatuto foi aprovado. Mas a gente não sabia quando ia vigorar. Quando foi um belo dia, a diretora chegou, fez reunião, e falou o seguinte: “o Estatuto foi aprovado há dois dias. Vocês tem que sair meio dia e meia”. Eu não acreditava. E o salário? Quase dobrou, eu não acreditava. Aí ela falou: “hoje vocês vão sair meio dia e meia”. Gente, eu sai voando. Quando deu meio dia e meia eu podia ir embora, sabe? Ainda ficou dois dias em haver. Aí eu comecei ver que as coisas estavam mudando realmente, os direitos....

Demorou meio ano, mas aconteceu, e é uma mudança drástica. Muitas coisas. Eu lembro que na época (antes de aprovar o Estatuto), a gente não tinha direitos iguais aos das professoras. A gente tinha até que catar lixo. Mas daí: tchau! Tinha as meninas para catar o lixo (faxineiras), então por que eu ia catar?

Mas a cabeça da gente ainda era um pouco diferente das professoras. A gente ainda tinha muito a questão do cuidar. Aí a gente foi convivendo. Eu não tenho a pedagogia ainda. Aí a gente foi convivendo com muitas professoras, muitos estilos de professoras. Ninguém é igual. Aí foi mudando, e a cabeça da gente também muda.

No ano que aprovou o Estatuto, olha só como que são as coisas! A nossa preocupação era assim: com quem ia ficar a minha turminha? Aí eu escolhi de manhã lógico, mas com quem ia ficar com a minha turminha a tarde? Aí começou a questão: eu estava toda feliz, eu queria ir embora meio dia e meia. Aí começou, saiu a conversa de quem queria ficar³⁸. Mas eu falei “como? Se eu briguei tanto por um direito de meio período?” Porque querendo ou não era muito cansativo. Eu falei “Como? Não tem nada de ficar!”. Aí minhas outras colegas tiravam sarro, diziam: “mas você não pensa nas crianças?” E eu falei: “posso

38 Quem queria ficar na creche no período contrário, dobrar período e ganhar um adicional no salário, referentes às horas trabalhadas a mais.

até pensar, mais quem teria que pensar mais era as mães que não trabalhavam e deixavam o filho o dia inteiro, certo?” Minha opinião era assim: eu posso até pensar, eles vão estranhar um pouquinho, mas de hoje em diante vai ser assim, eles vão ter que se adaptar com uma professora de manhã e outra à tarde, vai ter que acontecer. Aí, algumas colegas agitaram. Eu falei “eu não vou agitar”, e ficou delicado porque não tinha ninguém para minha sala. E vinham tentar fazer a minha cabeça. Eu não vou, eu quero sair meio dia e meia. Aí um dia a diretora chegou e pediu: “dá para você ficar uns tempos?” E eu disse: “Eu posso ficar uns quinze dias. Eu posso ficar uns dias até você conseguir outra professora”. Ela ligou lá para Secretaria de Educação e falou que era o resto do ano ou não, e eu falei: “não, não quero”. E fiquei sabendo que muitos agitaram.

Mas tem mais um ponto: quando aprovou o Estatuto a gente começou a ficar na creche cinco horas e meia por dia, e um dia da semana a gente ficava seis horas, e a gente ainda tampava buraco quando faltava alguma professora. Então era assim: as professoras ficavam 25 horas semanais com crianças, 3 horas semanais livres e 2 horas semanais em HTPC. Então todos os dias elas faziam 5 horas com as crianças. Nós não, nós tínhamos 28 horas semanais com crianças: 5 horas e meia por dia, um dia a gente ficava 6 horas com as crianças e duas horas por semana a gente fazia o HTPC. Então a gente sempre ficava meia hora a mais. E às vezes acontecia que a gente tinha que cobrir meia hora em outra sala. Sempre tinha essas questões. E tinha um dia na semana para dar vinte e oito horas, que a gente ficava até às 13h. E quando a outra professora ia faltar, então a gente cobria, tapava buraco até às 13h, na outra sala, até ter a outra professora para ir para sala, tinha essas questões também. Aí foi quando saiu, agora há pouco tempo, a questão do piso salarial, que a nossa carga horária reduziu para vinte e duas horas semanais (em interação com as crianças). E mais três horas de HTPI (Horário de Trabalho Pedagógico Individual) e duas de HTPC³⁹.

Foi aí que gente começou a sair meio dia também. E foi mais uma vitória para a gente. E foi uma vitória muito grande. Mas quando começou a vigorar o Estatuto em 2006, o que aconteceu com a minha turma? Ficou o resto do ano a minha turma sem professor.

39 Se refere à Lei Municipal 16.889, de 4 de dezembro de 2013, que altera o Estatuto da Educação, para se adequar ao que estabeleceu a Lei do Piso Salarial, em relação à composição da carga horária docente. De acordo com a Lei Municipal 16.889/2013, a jornada de trabalho de professores de educação infantil e de educadoras de creche passou a ser composta de trinta e três horas semanais, sendo vinte e duas horas em atividades com alunos e onze horas de trabalho pedagógico, coletivo, individual ou livre. Para tal, se estabeleceu no § 1º do art. 44 da referida Lei, que os docentes e educadoras de creches, deveriam cumprir duas horas semanais de trabalho pedagógico coletivo (HTPC), três horas semanais de trabalho pedagógico individual (HTPI), na unidade escolar ou em outro local definido pela Secretaria Municipal de Educação, e as demais horas semanais em local de livre escolha do docente.

Algumas antigas pajens que viraram educadoras e que brigaram tanto aditaram o contrato e continuaram trabalhando o dia todo, mas algumas pajens como eu, que quiseram usar o seu direito, não aditaram o contrato, e então, foram essas turmas que a tarde ficaram sem professor. O Estatuto foi aprovado em junho e a minha turma, na época, ficou até o final do ano sem professor à tarde. O que tinha que fazer? À tarde tinha que dividir as crianças. E ainda que as professoras eram professoras antigas e elas quebravam o galho, porque não tinha aquela questão de quantidade de crianças certas, elas ficavam com todo mundo. Prestando atenção, são oito crianças por professor⁴⁰. Naquela época ainda sabe? Não sei se as professoras é que foram legais, porque ficaram com turma delas e metade da minha turma o resto do ano.

Só que a gente continua sendo educadora e é diferente. O tratamento com a gente é diferente, infelizmente. A gente ganhou algumas coisas. A gente conseguiu melhorar desse lado, mas existe muito preconceito. Inclusive no meu caso⁴¹, sabe? Eu não consegui terminar o magistério e o meu salário continua como antes, de pajem, como quando eu entrei⁴². É o salário-base da Prefeitura agora.

Quem fez o magistério, mesmo que não tenha a pedagogia, tem os seus direitos adquiridos: ganha o salário igual ao de professor (magistério) e completa um pouco com os triênios.

Sobre as mudanças vivenciadas na creche, além dessas mudanças de carga horária, de salário, de número de crianças por turma, tem mais uma mudança importante de destacar, que é assim: eles estão cada vez mais diminuindo a idade das crianças nas turmas!

40 Se refere aos parâmetros de organização de grupos e relação professor /criança estabelecido pela resolução CME n. 004/06, que em seu art. 12 estabelece que a organização dos grupos deverá considerar 1 professor para 6 (seis) crianças de 0 a 1 ano; 1 professor para 8 (oito) crianças de 1 a 2 anos; 1 professor para 12 (doze) a 15 (quinze) crianças de 2 a 3 anos; 1 professor para 20 (vinte) crianças de 3 a 4 anos; e 1 professor para 25 (vinte e cinco) crianças de 4 a 5 anos.

41 Esse trecho a seguir até o fim do parágrafo é um relato de Edna Fátima de Oliveira.

42 De acordo com o anexo III da lei municipal 13.889/06 (Estatuto da Educação), os vencimentos por classe de emprego para uma carga horária de 30 horas semanais eram em 2006: Educador de Creche I: R\$ 617,00, Educador de Creche II (com ensino médio completo): R\$ 629,34, Educador de Creche III (Magistério): R\$ 1.166,37, Educador de Creche IV (licenciado): R\$ 1.304,6, Educador de Creche V (especialista): R\$ 1.337,21, Educador de Creche VI (mestre): R\$ 1.470,93, Educador de Creche VII (doutor): R\$ 1.618,02, sendo os salários de educador de creche II, IV, V, VI e VII, equivalentes aos salários de Professor I com as titulações equivalentes., a saber: Professor I (Magistério) , com salário inicial de R\$ 1.166,37 , Professor I (Licenciado), salário de R\$ 1.304,60 , Professor I (Especialista), salário de R\$ 1.337,21, Professor I (Mestre), salário de R\$ 1.470,93 10 % e Professor I (Doutor), salário de R\$ 1.618,02. Estes valores foram atualizados pela Lei 16.889/13, mas a diferença salarial entre as classes se mantém. Hoje, de acordo com a Lei 16.889/13, o Educador de Creche I, recebe R\$ 1.105,00 por 33horas de trabalho semanais, o Educador de Creche II, recebe R\$ 1.105,86 e tendo magistério, tanto o educador de creche como o Professor I, de Educação Infantil recebem R\$1.959,00 por 33 horas semanais.

Na fase dois, esse ano eu peguei criança com um ano e um mês⁴³, na fase dois!!!! Criança de um ano e quatro meses, um ano e cinco meses. Eles diminuíram a idade, mas a quantidade de criança por turma continua a mesma⁴⁴. É muita diferença, entendeu? No começo do ano, havia oito crianças na turma em que eu era a única adulta e duas crianças não andavam. E é fase dois!

Nós começamos o ano bem, por causa da Lei do Piso. Mas as coisas foram complicando e a Prefeitura tirou os professores de apoio. Então, agora aqui, nós só temos duas agentes educacionais. As agentes não podem ficar sozinhas com as crianças. Então, está assim: a idade das crianças diminui, mas a quantidade não! A parte pedagógica tem que estar sempre fazendo. Só que, com mais bebês, tem a questão de mais fralda, troca, banho, isso continua, e tem que cuidar! Tem a parte do cuidar! Tem a parte pedagógica e tem os HTPI, que agora vai juntar a turminha⁴⁵. Esse lado está delicado! Mas nós estamos cumprindo.

As agentes educacionais ajudam nas trocas, banhos, dão comida e auxiliam, mas sempre com uma professora na sala. Elas só dão o auxílio, mas elas nunca podem ficar sozinhas. Então é assim: segunda, terça, quarta e sexta eu tenho sempre, uma hora da manhã que ficar com duas turmas. Entendeu? Porque não dá para ir com duas turmas no banheiro fazer uma troca, então uma vai cuidar daquela criança e a outra fica com as duas turminhas sozinha. Se bem que é questão de minutos, mas esses minutos são várias vezes e com várias crianças, que você precisa trocar, dar um banho... Então, isso tá complicado!

Porque começou o ano legal, entrou em vigor a Lei do Piso, com o novo prefeito,

43 Até o final dos anos 2000, a composição das turmas considerava a idade das crianças naquele ano, então na fase 2, matriculava-se as crianças de 2 anos, que completariam 3 anos até o dia 31 de dezembro daquele ano. Em 2011, com as discussões sobre data de corte para matrícula das crianças de 6 anos no ensino fundamental, a Prefeitura, em consonância com o estabelecido nas DCNEI (resolução CNE n.005/09), adotou 31 de março como data de corte para a matrícula das crianças em cada turma, e antecipou todas as idades, de modo a garantir que na fase 6 (última turma da educação infantil) as crianças não tivessem mais 6 anos no início do ano, mas que completassem 6 anos até março do ano seguinte, quando deveriam ir para o primeiro ano do ensino fundamental de 9 anos. Deste modo a fase dois, por exemplo, que antes começava o ano com crianças de dois anos, passou a receber crianças de um ano de idade, que completaria 2 anos até março do ano seguinte.

44 Se refere à quantidade de crianças por turma, estabelecida pelo Conselho Municipal de Educação de São Carlos na resolução CME 004/06. Antes a composição das turmas, na fase dois, por exemplo, levava em conta que a fase dois atendia crianças de 2 anos e portanto havia 1 professora para cada 8 crianças de dois anos. Hoje a proporção continua a mesma na fase 2, mas as crianças estão mais novas.

45 Para possibilitar que as professoras realizem o HTPI previsto pela Lei 16.889/13 e saiam de suas salas durante três horas semanais, uma vez que de acordo com as entrevistadas, as duas professoras de apoio da instituição que deveriam ficar com as turmas durante os horários de HTPI das demais professoras foram encaminhadas para outras unidades e ficaram apenas as agentes educacionais para desempenhar essa tarefa. No entanto, as agentes educacionais não podem ficar sozinhas com as crianças, segundo estabelece a resolução CME n.003/2011.

salário, com as horas livres, com HTPI, mas pesou esse lado! E as idades das crianças. Crianças com 10, 11 meses no início do ano. Não existe isso! Para mim, isso não é fase dois!

Então é assim: é fácil falar, é fácil a parte teórica, a parte teórica é muito fácil, a prática que é complicado. Eles lá estipulam, fazem as leis, as regras, mas eles não veem a sala, eles não sabem como que é! Quando não são as crianças, são os pais das crianças, que você tem que ter jogo de cintura para lidar com eles. Quando não, ai eles ligam na Secretaria, fazem reclamações e eles não querem ouvir a nossa parte. Eles ouvem a parte dos pais, mas não querem ver o nosso lado. Entendeu? E vem aquela história: “o juiz mandou, o juiz decretou, o juiz falou para pegar”, e aí então tem que ser assim! É o juiz! A mãe e o pai vão lá no juiz. E se a moda pega, como é que faz? O juiz quer acabar com a demanda!

Estão enxugando a quantidade de professoras, querem acabar com a demanda, diminuir as idades, mas ninguém veio para a sala ver como é que está o nosso lado. E a gente nunca tem o nosso momento, os pais vão, fazem as reclamações, vão no juiz, o juiz também não quer saber. Ele quer uma vaga, as escolas estão todas lotadas, mas ele quer uma vaga. São essas questões: É fácil falar Eles vem aqui, fazem uma visita de dez minutos, vão embora. E os professores tem que virar três em um. Trabalhando muito!

Sobre a sua admissão na Prefeitura, Sidnea relata que estava parada e um dia a cunhada avisou de um concurso: “vamos prestar um concurso da Prefeitura”? “Vamos”! E diz.

O meu concurso eram oito questões. Não tinha nada pedagógico, só sobre cuidar. Aí o tempo foi passando, quase dois anos, eu já tinha desistido, estava procurando emprego. Aí eu fiquei sabendo que uma amiga minha que também tinha prestado o concurso tinha sido chamada. Faltava um mês para caducar o concurso e me chamaram. Aí foi quando eu fui para a creche Caminhada com Jesus. Chamaram-me, eu fiz os exames e tal.

Foram oito questões! Só o cuidar. Uma das questões era assim “Se a criança estivesse com diarreia, quantas vezes ela teria que ser trocada? Uma, Duas ou quantas vezes fosse necessário?”.

E depois teve a segunda fase. A prova prática, que era para dar banho. Eu fui dar banho. Eu fui dar banho e na época ainda era a fralda de pano. E sorte que a fralda já estava

dobradinha. Eu tinha filha, o que me salvou! Aí eu dei o banho, bem na hora, o chuveiro desliga, quase que queima, eu fiquei nervosa. Mas eu não tinha culpa! Aí dei banho, conversei com o neném, e ainda bem que o bebê não deu “show”, não me estranhou na época. Aí eu não lembro porque foi que eu demorei para ser chamada, não lembro.

E minha cunhada na época não passou. Na segunda fase do concurso, ela foi contar história para as crianças, contou história e ela não passou. Eu entrei. Era assim na época, na hora da prova prática, eu acho que tinha umas três professoras lá no banheiro. Eram três dando banho e três anotando.

Era como eu falei, quando eu comecei estava no assistencialismo, na segunda, nas outras já eram educação. Eu sempre tive facilidade de me adaptar. A gente aprende, conhece muitas professoras, convive, aprende. Eu fico pensando na minha primeira turminha, devem estar com dezoito anos já. Então é uma profissão que tem que ter muito dom. Só que hoje em dia também tem muita parte pedagógica, tem que ter muitos cursos e isso e aquilo. Temos muitos cursos, mas a grande parte é voltado para a educação infantil de quatro, cinco, e seis anos. Também tem que ter cursos para zero, um e dois, no máximo três anos. Isso é a nossa vida, a nossa vida é adaptar. Adaptar tudo para nossa idade. Você nunca tem nada específico para nós da creche. E a educação infantil, é a base de tudo!

É nessa idade que forma a identidade. Mas nos cursos que a gente vai, cadê o olhar para as crianças menores? A atividade aqui para nós é para crianças de meses, um ano, dois anos, aí você olha as atividades que os cursos propõem: tudo é mais voltado para as crianças de quatro, cinco anos. Então a nossa vida é adaptar, entendeu?

Então, é assim. Eu acredito que hoje em dia toda criança tem direito a pelo menos meio período na creche para ter interação, para conviver, porque crescer só no meio de adultos deve ser muito ruim!

Uma colega veio fazer uma palestra para nós. E ela usou uma palavra: primeira infância! Então, em vez de falar em creche, ela falou em “centro de primeira infância”, para valorizar mais a gente, porque ninguém entende, mas aqui é a parte essencial para crianças. E ainda tem gente que não dá valor para a creche.

SOBRE A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO PARA A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SOBRE SER HOMEM E ATUAR NESSA ETAPA DA EDUCAÇÃO

Éder Edson de Carvalho⁴⁶, Kamila Francine Guiguer.

Minha formação ainda foi no antigo Normal, em nível de Ensino Médio, ou como alguns chamam, antigo magistério. Estudei no Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério – CEFAM (Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério) – projeto de formação do estado de São Paulo. Estudei em uma das últimas turmas antes do projeto ser extinto por um decreto do governador do estado que na época era o Geraldo Alckmin, e a Secretaria da Educação estava nas mãos do Gabriel Chalita. Durante o tempo em que estou trabalhando na rede municipal de São Carlos tentei fazer a pedagogia em diversas instituições na modalidade à distancia. Entretanto nenhum dos cursos em que me matriculei trouxe a formação que eu necessitava para preencher as lacunas da minha formação inicial. Logo, no ano de 2011, eu comecei o curso de pedagogia noturno na UFSCar, onde estudo atualmente. No próximo ano já me formo porque são cinco anos de estudo.

O curso superior nesta instituição me possibilitou um novo olhar para as práticas desenvolvidas na Educação Infantil e permitiu que a minha formação fosse mais completa. Apesar de o CEFAM ter me dado uma boa base prática, foi no curso superior que compreendi melhor as bases teóricas que me permitiram fazer uso da reflexão crítica sobre minha própria prática docente.

Quando comecei, em 2005, no CEMEI José Marrara, fui para a unidade me apresentar e assumir a minha turma que na época correspondia a crianças da fase um com faixa etária de quatro meses a um ano aproximadamente. Quando me apresentei para a diretora

⁴⁶ Professor no CEMEI Dionísio da Silva desde o ano de 2010. Também atuou no CEMEI José Marrara em 2005 e outros CEMEIs de São Carlos. Foi o primeiro professor homem a atuar como professor de educação infantil (PI) nas unidades compreendidas como creches.

e para a equipe, o pessoal lá ficou doido. Disseram que não sabiam o que fazer com um homem na creche. Então fiquei um tempão esperando a diretora conversar com o pessoal da Secretaria para ver aonde iriam me colocar. Depois de alguns telefonemas decidiram me colocar para trabalhar com as crianças que hoje compreende a fase quatro, com faixa etária de três a quatro anos de idade. Essa turma era de uma professora que estava afastada e não tinha sido atribuída ainda para nenhum outro professor. Segundo a diretora, era uma turma mais independente que já ia ao banheiro sozinha, e não precisava trocar fraldas.

Quando cheguei nesta unidade escolar havia pouco tempo que as creches em São Carlos estavam vinculadas a Secretaria Municipal de Educação, portanto entrei em um ano de muitas transformações. Muitos professores novos, a instituição passou por uma grande reforma e ainda tinha muita necessidade material a ser suprida. Para as turmas em que as crianças ainda usavam fraldas existia uma espécie de auxiliar ou apoio: as meninas do Programa Jovem Aprendiz e CEFA (Centro de Educação e Formação ao Adolescente) que ocupavam essa função. O trabalho delas consistia em auxiliar a professora na troca de fraldas e banhos, e dar algum outro suporte que fosse necessário para cada turma. Com o passar dos meses elas foram completando dezoito anos e foram saindo aos poucos. No início eram três, mas o ano terminou com apenas uma. As professoras reclamavam muito; o comentário mais recorrente era o seguinte “não precisa estudar tanto para trocar fraldas de crianças”. As reclamações eram uma tentativa de colocarem apoios para essa função e substituir as meninas que estavam saindo. Entretanto não foram colocadas outras pessoas para a realização dessa tarefa.

Recordo-me também que existiam algumas educadoras, que eram pessoas que foram pajens e continuavam sua escala de trabalho, onde faziam uma jornada de 8 horas diárias. Nesse período estava em discussões a construção do estatuto do magistério, que regulamentava a função das pajens e traçava um plano de carreira para os demais funcionários da educação. Participei de algumas reuniões e com a aprovação do estatuto as pajens foram enquadradas em uma nova função e passaram a ter os mesmos direitos que os professores: plano de carreira, diminuição da carga horária e aumento salarial. A única impossibilidade era atribuir turmas que não compreendiam a faixa etária atendida nas creches, ou seja, ainda hoje elas só podem trabalhar com as turmas de fase um, dois ou três (com crianças de até três anos de idade).

Quando comecei a trabalhar no CEMEI José Marrara a faixa etária atendida compreendia dos quatro meses aos três anos e onze meses, quando completavam quatro anos as crianças iam para outras unidades. Por estar localizada em uma região central a unidade recebia os filhos dos trabalhadores da região: domésticas, comerciários, moradores da localidade e ainda recebiam também os filhos de estudantes da Universidade de São Paulo. Cheguei a trabalhar com crianças de outras nacionalidades nesse período, como argentinos, venezuelanos e cubanos. Isso porque os pais faziam pós-graduação na USP e deixavam as crianças na unidade. As crianças eram selecionadas por ordem de chegada. Se havia vaga, quem se inscreveu primeiro era atendido. Normalmente só se atendia em período integral as crianças cujo os pais trabalhavam. As outras eram atendidas de acordo com a disponibilidade de vagas, mas só em período parcial: ou na parte da manhã ou da tarde. Existia uma lista de espera enorme nessa época.

O tempo que trabalhei no CEMEI José Marrara foi muito bom, tinha um ótimo relacionamento com a equipe. Lembro que trabalhei com a Elaine que era a diretora, com Bia que era pajem na época, com a Vera e a Sônia Zanetti que também eram pajens, com a Carol, a Karen, a Mariana, a Cleide, a Gabriela, a Maria e a Márcia que eram professoras. Também existia um porteiro que não me recordo o nome. Também trabalhei com a Dona Maria que cuidava das roupas, a Soninha que era a merendeira, a Nilda e a Cida que eram Serviços Gerais na época. Também tinham as meninas do CEFA e do Jovem Aprendiz: Néia, Thais e Regiane. Era muita gente trabalhando nessa unidade.

Algumas atividades eram desenvolvidas com as crianças maiores. Alguns projetos, quando trabalhei lá, fizeram parte da minha rotina como professor, o projeto horta em parceria com a Secretaria Municipal de Educação foi um dos destaques. Entretanto, com as crianças mais novas eu não percebia uma prática de projetos, mas sim uma prática voltada para o cuidado, onde a preocupação maior eram a higienização e alimentação.

Segundo a Secretaria Municipal de Educação, eu fui o primeiro professor do sexo masculino a trabalhar diretamente com as crianças na faixa etária atendida pelas creches, no município de São Carlos. Eu sei que outro professor trabalhou com essa faixa etária no CEMEI Dionísio da Silva, mas era como professor de Educação Física, apenas com as crianças maiores com idades entre cinco e seis anos. No CEMEI José Marrara foi o lugar onde começou o projeto-piloto de Educação Física Infantil. Na ocasião a professora Cláudia desenvolvia as atividades com as crianças de dois, três e quatro anos de idade.

Quando comecei a trabalhar no CEMEI José Marrara além do preconceito enfrentado pela equipe, eu enfrentei o preconceito dos pais também. Para que os pais sentissem segurança no meu trabalho precisei chamá-los para participar das atividades que eu desenvolvia com a turma, só assim eu fui ganhando a confiança e a credibilidade deles. O mesmo aconteceu quando assumi minha sede no CEMEI Dionísio da Silva. As mães fizeram até abaixo-assinado para me tirar da unidade. Ao saber disso convidei as mães para acompanhar a minha rotina com as crianças e algumas participaram. Só assim conquistei a confiança delas. Hoje os pais sempre me procuram manifestando o desejo de que eu assuma a turma dos seus filhos. Já ganhei, de certa forma, a confiança dessa comunidade.

Comecei a trabalhar na rede municipal de São Carlos em um momento ainda de transição entre a assistência e a educação nas creches. Então fui testemunha de diversos momentos de luta e valorização da Educação Infantil aqui no município. A discussão e construção do estatuto do magistério foi uma delas e, também, a questão do direito ao recesso no meio do ano foi outra conquista dos profissionais que atuavam nas creches. Entretanto, o mais importante foram as mudanças nas práticas docentes. Quando as creches foram vinculadas à Secretaria Municipal de Educação e os professores começaram a fazer parte do grupo de profissionais que trabalhavam nessas instituições, uma confusão foi instaurada no interior dessas instituições: a dicotomia entre o cuidar e o educar. Algumas práticas eram totalmente voltadas para o cuidar, e outras totalmente voltadas para o educar, como se uma não fosse parte integrante da outra.

Foi nesse cenário que senti, assim como muitos colegas, que a minha formação não era suficiente para lidar com essa situação. Logo procurei participar de debates onde se discutiam os rumos da educação infantil em uma perspectiva pedagógica, sociológica, antropológica e até sobre as políticas públicas que avançavam nesse processo. O que percebi e percebo ainda hoje é que a Educação Infantil no município deu um salto muito grande na qualidade, pois o atendimento aumentou garantindo mais acesso a Educação Infantil, e essa modalidade de educação passou a ser vista como um direito da criança e não da mãe que trabalhava. Ainda precisa ser feito muito para que efetivamente tenhamos em nosso município uma Educação Infantil de qualidade, que respeite o direito da criança e da infância, mas, em pouco tempo, já conquistamos mudanças significativas nesse sentido. Eu percebo que as pessoas não estão mais acomodadas. O tempo todo está sendo discutido os rumos da Educação Infantil nos cenários acadêmicos, profissionais, sindicais e sociais, isso é muito importante para quem levanta essa bandeira de luta.

Como eu já disse, eu ingressei na Educação Infantil no município como professor contratado em caráter temporário, em março de 2005. Para a seleção desses contratados a Secretaria de administração utilizava a lista de classificados no concurso: 159 professores pré-escola do ano de 2003. Mas fui efetivado apenas em 21 de junho de 2007. Trabalhei como ACT durante dois anos e meio e passei por diversas escolas. O ruim de ser professor contratado é que a gente não tinha os mesmos direitos dos efetivos. Não recebíamos décimo quarto salário e muitas vezes trabalhávamos por anos sem direito a férias e recesso, pois eram os contratados que trabalhavam nos plantões de férias que existem até hoje.

Os plantões acontecem apenas nas instituições que eram compreendidas como creches. O atendimento é apenas para os pais que trabalham e não tem onde deixar seus filhos, por isso a Secretaria abre algumas escolas no período de férias e recesso, e fazem uma espécie de nucleação onde essas crianças frequentam até o início do semestre letivo subsequente. Já trabalhei em muitos plantões no município de São Carlos.

Por fim, eu gostaria de compartilhar que acredito muito na formação do professor de educação infantil. Que só é possível garantir uma qualidade efetiva se tivermos pessoas comprometidas com essa luta. Hoje posso dizer que sou outro professor, com concepções novas sobre criança, infância, cultura infantil e prática pedagógica. Hoje enxergo a criança como um sujeito histórico, mas que também constrói sua própria cultura e deve ter o direito a uma educação que a coloque no protagonismo de suas ações, construções simbólicas e sociais. Uma educação que não privilegia os estereótipos racistas, homofóbicos, sociais, culturais e religiosos veiculadas pelos meios midiáticos. Também uma educação que não privilegia as diferenças, mas sim que as valorize e resguarde todos os direitos legais que a constituição de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente, A LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) de 1996, as DCNEI de 2010 e todas as outras leis que fixam um mínimo de qualidade na educação pública que a gente tanto sonha.

Hoje por estudar na UFSCar e por participar de vários movimentos sociais, sindicais e políticos dentro e fora da educação, posso dizer que sou um profissional mais comprometido com a educação de nossas crianças e mais consciente nas discussões sobre os Direitos Humanos. Já participei de ações ligadas ao movimento do Fórum de Educação Infantil, inclusive com a professora Gabriela Tebet que coordenava as ações na época, também já fui Conselheiro Municipal de Educação. Atualmente sou Conselheiro de Alimentação Escolar

e Conselheiro do Fundeb no município. Também participei das Conferências Municipais, Estaduais e Nacionais de Educação e estou envolvido nas lutas sindicais pela valorização da educação e pela qualidade da educação pública.

Também participo e já participei de diversos cursos de formação continuada. O mais recente foi o curso de Educação para as Relações Étnico Raciais, oferecido pela UFSCar em parceria com a Prefeitura Municipal de São Carlos para atendimento ao TAC (Termo de Ajuste de Conduta), que prevê a formação dos professores do município para atender a aplicação da Lei 10.639 de 2003, que garante o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas instituições educativas.

Acredito que o professor nunca estará pronto e acabado, mas que nessa incompletude que nos compõe devemos participar de formação teórica, prática, política e de atuação nos movimentos sociais. Só assim podemos fugir um pouco do universo alienante que nos engessa. Por isso sou um profissional que não para no tempo e no espaço, assim como nosso planeta, estou sempre em movimento.

SALAS CHEIAS E FALTA DE HIGIENE

Sonia Maria Rigo Guirra⁴⁷, Ana Paula de Barcellos Almeida,
Talita Justel Pinto, Sandra Regina do Nascimento e Lilia
Marilena Morette de Andrade.

Quando entrei, olhava as crianças do berçário. Eram crianças com idade entre zero e três anos, e tinha mais uma sala de crianças com idade entre três e sete anos. Eram muitas crianças no berçário: havia mais de trinta, para três professoras. Trabalhei por 15 anos nessa função. Não tinha ninguém com formação para professor, eram todas cuidadoras.

Bem no começo, quando a creche fazia parte do Departamento Social, nós cuidávamos mais da higiene mesmo. Dávamos comida e banho e as deixávamos brincar. Na hora do banho, era parecido com uma linha de produção: enquanto uma dava banho, a outra trocava. Toda segunda-feira, fazíamos uma revista nas cabeças das crianças para verificar se havia piolho, caso houvesse, estas deveriam voltar para casa. Uma vez por semana, um médico visitava a creche, examinava e medicava as crianças. As crianças não iam embora quando estavam doentes, éramos nós que as medicávamos.

Os pais não tinham acesso nenhum dentro da creche, as crianças eram entregues à porta e os pais iam embora. Havia uma interligação da EMEI José Antunes com a Creche José Marrara. As crianças entre três e sete anos eram levadas pelas cuidadoras até a EMEI José Antunes pelas ruas movimentadas, uma cuidadora no começo da fila e a outra atrás. A EMEI José Antunes era considerada lugar de educar; já a creche era lugar do cuidar. A creche pertencia ao Departamento Social, enquanto a EMEI era do Departamento de Educação.

As crianças que frequentavam eram bem pobres, ninguém chegava aqui de carro ou van escolar; os pontos de ônibus ficavam lotados. As mães eram, na maioria, empregadas

⁴⁷ A entrevistada trabalhou no berçário por 15 anos desde 1987, na creche José Marrara. Atualmente, é servente-merendeira na mesma instituição.

domésticas. Caso as mães não comprovassem que trabalhavam, as crianças eram dispensadas da creche. As assistentes sociais visitavam as casas periodicamente. A seleção para frequentar a creche era a comprovação de trabalho por parte dos pais.

Algumas coisas ficaram muito marcadas para mim. Por exemplo, naquela época, nós éramos como mães para as crianças. Muitas vezes, quando íamos entregar as crianças, elas não queriam ir, e as mães diziam: “no final de semana elas querem vir para cá”. Outro fato impressionante era a falta de higiene. Lavei muitos cobertores de crianças que cheiravam mal. Naquela época, as crianças tinham muita diarreia, vômitos. Caso usássemos luvas, achavam que era preconceito. Eu tinha filhos pequenos e queria protegê-los, não era preconceito. Eu dizia: “gente, estou me precavendo”. Você sabia que as crianças tinham problemas e não podia usar luvas.

Entre a equipe, a gente se dava bem. Éramos três em cada sala: duas na limpeza, duas na cozinha (em vez de merendeiras, eram Serviços Gerais), uma para cobrir férias e uma encarregada. Os cargos de direção vieram depois que a creche deixou de ser de responsabilidade do Departamento Social. Não havia muito critério para contratação, as pessoas eram contratadas e iam para as vagas com maior necessidade de pessoal.

Antigamente, todas as crianças entravam às sete horas e saíam às dezessete e trinta. Hoje, existe o período integral e meio período com horários melhores. As salas, atualmente, são organizadas por idade, sem tanta mistura. Isso deve facilitar o trabalho. Nos dias de hoje, está muito melhor.

As professoras falam, mas em comparação, hoje aqui é o céu.

MUITAS CRIANÇAS PARA ATRAVESSAR A RUA!

Gláucia Aparecida Elebroch do Guanor⁴⁸, Maria Vera Lúcia Martins Pascoal⁴⁹, Carla Renata de Souza, Laudicéia Aparecida Ronchin Thamos, Maria Augusta Fahl, Mylene de Fátima Rodrigues Vieira, Ruth Benini Costa

No berçário, eram quase 30 bebês entre zero e dois anos. Ficavam todos juntos numa única sala que não era muito grande. Não havia muito tempo para pensar em “atividades”, passávamos o tempo todo dando banho e trocando as crianças. Era bem cansativo para nós e para elas. As crianças entre quatro e seis anos ficavam de manhã na EMEI José Antunes. No período da manhã, nós ajudávamos na limpeza e na cozinha. O berçário almoçava pouco depois das dez horas da manhã. Todos ficavam numa sala grande, onde hoje há divisórias. Havia entre 70 e 80 crianças de quatro a seis anos com poucas professoras.

Nós entramos por concurso. Nessa época, a gente trabalhava onde precisasse: cozinha, faxina, lavanderia, com as crianças; não podíamos escolher. Não havia cobrança de planejamento pedagógico, nós fazíamos conforme nossa vontade. Planejavamos festivais, danças. Mas o foco era trocar, dar banho, dar carinho, dar “corpo humano”. Naquela época, éramos mães deles. Era o dia todo, não era meio período, como é hoje.

No começo, os brinquedos não ficavam ao alcance das crianças, os enfeites e as mochilas ficavam no alto, as crianças não tinham acesso. Depois, nós abaixamos os ganchos das mochilas, o que foi um ponto positivo. Outro ponto positivo foi a redução no número de crianças. Naquela época, eram muitas crianças. O grupo entre quatro e seis anos era de 20 a 25 crianças para cada professora. E a maneira de trabalhar com as crianças melhorou muito. As crianças tinham que ficar como soldadinhos, todos certinhos, não podiam fazer barulho, não conseguiam se comunicar, as professoras chamavam muito a atenção. Era o

48 A entrevistada trabalha no CEMEI José Marrara desde janeiro de 1992. Quando entrou, como pajem, tinha feito metade do magistério. Com a mudança para a Educação, Gláucia graduou-se em Pedagogia.

49 A entrevistada começou como pajem no CEMEI Pedro Pucci, em novembro de 1991; logo foi para o José Marrara, onde atua como educadora até hoje.

dia todo, aquele barulho, aqueles banhos, tinha que dar banho naqueles meninos grandões. Não havia segurança, éramos apenas nós.

Nós ficávamos o dia todo na creche. Na parte da manhã, fazíamos faxina. Por volta das 11h, nós íamos a pé para a EMEI José Antunes buscar as crianças. A gente trazia as crianças a pé, atravessando a Rua Miguel Petroni, movimentada. Eram três grupos de 25, mais de 70 crianças atravessando a rua com nós duas e mais uma cuidadora que ia com a gente, às vezes. Parávamos o trânsito, com os braços abertos, para as crianças passarem. Nós tínhamos um apito e as crianças vinham em fila, cada uma de nós em uma ponta. Vínhamos cantando e dançando, porque muitas crianças estavam cansadas e queriam colo. Isso acontecia todos os dias, era uma luta. Depois, começaram a vir policiais em motos para nos acompanhar e parar o trânsito. Ao chegar à creche, a gente já colocava a mesa para almoçar, pois eles almoçavam na creche e não na EMEI. O almoço era feito aqui, depois as crianças dormiam.

Ao passarmos para a Educação, o pessoal que era dos Serviços Gerais que trabalhava com criança precisou deixar o cargo e fazer outras coisas. Por exemplo, algumas que estavam com crianças precisaram ir para faxina, e ficaram muito chateadas. Uma delas que estava no berçário foi direto para a cozinha; foi um choque para ela.

Quando as professoras novas chegaram, foram bem recebidas. Algumas tiveram dificuldades em trabalhar no berçário, talvez porque não estivessem acostumadas a trocar fraldas, já que alfabetizavam em outros lugares. A maior diferença foi que, na época, nós trabalhávamos oito horas e elas trabalhavam quatro horas apenas. E nosso salário-base era bem baixo. Quem passou para a Educação teve o salário dobrado. Houve um professor homem, as crianças gostavam muito dele, chamavam-o de “tio”. Alguns pais acharam estranho e ficaram inseguros.

As professoras não tinham preparação para lidar com as primeiras crianças que chegaram com necessidades especiais - não tínhamos estrutura para recebê-las. A creche parou de atender crianças entre quatro e seis anos, o que não agradou aos familiares. Muitos reclamavam que não havia vagas suficientes nas EMEIS, que as crianças tinham que ficar na creche.

Com a mudança do serviço social para a educação, as condições melhoraram consideravelmente, a gente teve formação, a estrutura da escola melhorou bastante, o salário melhorou muito. A Prefeitura deu a oportunidade para as pajens fazerem o curso de Pedagogia, mas algumas não quiseram fazer. A Prefeitura também subsidiou um terço do valor da mensalidade, a gente pagava um terço e o outro terço a própria instituição pagava.

SER HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL, O LÚDICO E AS MUDANÇAS CONQUISTADAS E POSSÍVEIS

Otto Émerson Barnabé⁵⁰, Rosane Maria Mello Sepe, Andréa Carolina Lopes de Aguiar e Rosemeire da Silva

Meu ingresso na rede municipal se deu por intervenção da Promotoria. Eu passei no concurso público, mas, na época, havia uma demanda de vagas que não haviam sido totalmente preenchidas. Então, houve um acordo entre a Secretaria e a Promotoria que efetivou uma parte das pessoas que tinham passado no concurso.

O que mais me chocou na creche foi que no meu primeiro dia aqui, uma mãe me ofereceu um bebê. Foi uma mãe, talvez apavorada em uma situação extrema, que chegou e me ofereceu o filho dela. Conversei com ela, e disse que não podia ser assim. Mas foi um grande susto, a ponto de eu pensar: “será que eu vou entrar?”. Era uma realidade com a qual eu não contava, não passava na mente que era possível uma mãe entregar o filho daquela forma. Foi o apoio da diretora, Heloísa, que chegou para mim e falou “calma, aqui o bairro é assim mesmo, você vai vendo, vai aprendendo” que me fez acalmar.

Minha chegada foi tumultuosa, acho que tanto por parte do preconceito da sociedade como o meu. Eu achava a creche algo diferente, algo que eu não me imaginava trabalhando. Comecei a trabalhar, adorei e acho que isso com o tempo foi irradiando para os pais. No início havia desconfiança dos pais nos trabalhos, mas com o passar do tempo acho que conquistei a comunidade inteira.

Na época, havia crianças entre três meses e três anos. Eu evitava pegar criança muito novinha, dei preferência para trabalhar com crianças de três anos. Isto para evitar, talvez, um conflito com o pai/mãe por eu ser do sexo masculino, e não ser bem entendido.

50 O entrevistado é pedagogo e especialista em Educação Especial. É professor da rede municipal de São Carlos e atuou no CEMEI Pedro Pucci cerca de sete anos.

A creche sempre foi bem democrática. Havia crianças do bairro, de outros Estados, das cidades em volta, cidades satélites, tinha uma população bem diversificada aqui antes. Sempre seguia uma ordem, uma fila de espera, conforme a ordem de chegada. Não havia um sistema ainda informatizado, era feito em um caderninho e esta era a ordem seguida.

A organização do tempo mudou bastante. Antigamente o horário das vans buscarem as crianças coincidia com o horário de saída, era muito tumultuado. Soltávamos as crianças juntas. Houve uma grande mudança no horário de entrada e de saída.

No que diz respeito à estrutura, a instituição foi passando por uma reforma, e a escola hoje é completamente diferente. O prédio era muito quente, com telhas de eternit; era realmente difícil ficar dentro da sala, tínhamos taco em vez de piso frio que até ficava com um cheiro ruim. Foi realmente uma mudança positiva.

Com relação à proposta pedagógica, acredito que não sofreu tantas mudanças. Nossa forma de trabalhar é sempre em cima da brincadeira, do lúdico, do aprender brincando. Essa era minha prática, eu era muito mais ligado à área de projeto, até mais professor fora de sala do que propriamente dentro de sala. Eu acho que isso se manteve bem sólido nesses anos que eu estive lá. O espaço e a rotina da criança eram organizados nos famosos cantinhos, trabalhava-se muito com os cantinhos como espaços educativos.

No período em que eu estive na instituição, recebemos apenas uma criança com necessidade especial. Não era da minha turma, mas de certa forma a gente sempre conversava um pouquinho, porque era difícil tentar mostrar para a mãe a necessidade dessa criança com novos encaminhamentos.. Mas eu, especificamente, não trabalhei com essa criança. A criança era autista, um autismo leve a médio que foi detectado. Ela foi para a APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) fazer outro tipo de acompanhamento.

As instituições ainda têm muito que avançar. A gente espera que a educação venha cada vez mais se tornar forte e diminuir as políticas assistencialistas. Embora a criança exija cuidado, a gente não pode abrir mão disso, ainda temos muito que avançar na parte de educação.

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO E A MOTIVAÇÃO PARA ESTUDAR MAIS

Alice Pereira Lima⁵¹, Adelci Magali Gonçalves Andriani,
Evelyn de Camargo Franco Lemes e Máira Rabello.

Eu entrei por concurso na Prefeitura como Serviços Gerais. Trabalhei por um ano, em 1996, na Piscina Municipal. Uma pessoa descobriu que eu tinha feito Magistério. Uma assistente social perguntou ao meu chefe como eu era, e ele disse que eu era boa e educada. Por causa desse contato, em 1997, fui transferida para trabalhar na creche João Muniz. Eu comecei a trabalhar como Serviços Gerais. Esse era o nome do cargo, mas minha função era de pajem, eu trabalhava com as crianças.

Quando comecei, havia muitas crianças. Nós organizávamos as crianças, a rotina. Eram mais os cuidados com a alimentação. Não havia muitos brinquedos pedagógicos no parque, as crianças brincavam no tanque de areia, na quadra, nesses espaços livres. Às vezes, a gente levava brinquedo, contava história, fazia brincadeiras de faz de conta, amarelinha, peteca, brincadeiras livres. Eram atendidas crianças entre zero e seis anos. Por vezes, parecia um depósito.

Atualmente, parece-me que as creches estão mais organizadas, os lugares estão mais apropriados para as crianças, com divisões por fases, cada fase com um grupo de professores. Parece-me um grande avanço, pois há uma preocupação em não apenas cuidar, mas educar também. A mudança para a Educação tornou a preocupação pedagógica mais presente, desde bebês, com um incentivo para contação de histórias, para estímulos. Muito diferente de quando entrei, em que a maior preocupação me parecia ser o cuidado.

Lembro-me de muitas histórias de envolvimento com as crianças. Era um trabalho muito gratificante. Foi através das crianças que eu descobri que tinha vocação para ser

51 A entrevistada trabalhou entre 1997 e 2003 no CEMEI João Muniz como Serviços Gerais; entre 2003 e 2007 no CEMEI João Paulo. Atualmente, é professora de Educação Infantil no CEMEI Ruth Bloem Souto. Licenciada em Pedagogia e especialista em Neuropedagogia.

professora; se não fosse por essa primeira experiência, eu não teria estudado mais, feito Pedagogia, prestado concurso. Também tive muito estímulo de diretores. Uma diretora especificamente sempre me incentivava, entrava na minha sala, via meu trabalho com as crianças e dizia que eu tinha um pulso pedagógico muito bom. Isso tudo me incentivou para estudar e me tornar uma professora.

ROTINAS, FESTAS E PASSEIOS

Sandra Regina Petrucelli⁵², Adelci Magali Gonçalves
Andriani, Alice Pereira Lima, Evelyn de Camargo Franco
Lemes e Máira Rabello.

Quando eu entrei, trabalhava na parte da manhã na limpeza, e na parte da tarde trabalhava com as crianças entre quatro e seis anos.

Eram crianças cujas mães necessitavam trabalhar fora. Havia assistentes sociais que frequentavam as casas para verificar se realmente a mãe estava trabalhando, porque a creche era apenas para as mães que trabalhavam e, por isso, necessitavam mesmo da creche.

A rotina da creche não mudou muito, a diferença é que havia crianças de quatro meses a seis anos; as de quatro, cinco e seis anos ficavam na EMEI no período da manhã, e nós as buscávamos na hora do almoço e ficávamos com elas na parte da tarde fazendo trabalhinhos, brincadeiras e jogos.

As mudanças na organização do tempo e do espaço foram grandes! Nós fazíamos trabalhos com as crianças, para isto, frequentávamos cursinhos preparatórios. Mas hoje, as professoras têm Pedagogia e tudo melhorou nesse aspecto.

As situações que mais me marcaram foram, primeiro, quando colocaram o ônibus para buscar as crianças na EMEI, porque nós descíamos a pé, em quatro professores, e vínhamos com quase 60 crianças. Passávamos pelo meio do Parque do Bicão, que tinha muito mato na época, e atravessávamos a rua com as crianças. Quando colocaram o ônibus melhorou muito, muito mesmo.

Outro fato marcante foram as festas juninas, com quadrilha e tudo! No final do ano, também havia o encerramento, então as crianças foram ao shopping fazer um canto, foi bem legal. Havia muitos passeios com as crianças, piqueniques, zoológico, shopping, Bicão, era muito bom.

52 A entrevistada atua como Serviços Gerais no CEMEI Ruht Bloem Souto, desde 1997.

O DIREITO DE EDUCAR E AS MUITAS MUDANÇAS

Maria Aparecida Alves⁵³, Éder Edson de Carvalho.

Eu trabalhava como empregada doméstica em Santa Eudóxia. O subprefeito de Santa Eudóxia me procurou na casa onde eu trabalhava e me falou que gostaria que eu fizesse uma entrevista para trabalhar na creche. Ele achava que meu jeito dava certo para o trabalho porque eu era uma pessoa boa. Foi assim: eu fiz a entrevista que ele pediu e passei. Então, já fiquei com o emprego. Eu fiquei até surpresa. Surpresa e feliz, porque eu trabalhava de doméstica e não ganhava tanto.

Quando fiz a entrevista, eu ainda não sabia qual função desempenharia na creche. Porque quando fomos chamadas, eram muitas pessoas disputando a vaga. Eram 30 meninas, aproximadamente. Logo, qualquer que fosse minha função, ficaria satisfeita, mas eu não sabia que iria ser pajem.

Para organizar a divisão de funções na creche, veio uma diretora de São Carlos. Ela nos atribuiu as funções, de acordo com o que ela achava que tínhamos mais afinidade. Houve pessoas que não quiseram desempenhar a função que ela pediu, mas eu não recusei porque eu nunca escolhi serviço, então não houve problemas pra mim.

Eu fiquei muito feliz por trabalhar na creche, porque trabalhar como doméstica em casas de fazenda não era fácil. Mas o que me lembro é que havia matriculado meu filho para frequentar a creche, pois eu trabalhava e não tinha com quem deixá-lo. Mas quando me chamaram para trabalhar aqui, pediram para eu escolher se eu queria a vaga para o meu filho ou se queria a vaga do emprego. Caso eu quisesse que ele frequentasse a creche, eu não podia trabalhar aqui. Então passei muita dificuldade no começo porque ele era pequeno, mas conversei com a minha mãe e ela cuidava dele para eu trabalhar. Eu só acho que eu tinha direito da vaga do meu filho, porque eu trabalhava assim como as outras mães.

⁵³ A entrevistada trabalha no CEMEI Dionísio da Silva desde a inauguração em 1987. Começou seu trabalho como pajem e atualmente ocupa o cargo de Serviços Gerais.

Quando me tiraram do trabalho de pajem, eu fiquei muito sentida, mas depois eu entendi. Eu sei que eu deveria ter mais direitos porque trabalhei 17 anos com crianças e, de repente, fui trabalhar como agente de Serviços Gerais. Eu poderia ter ficado como pajem e hoje trabalharia como educadora, trabalhando menos tempo, apenas meio período como as professoras. O problema é que eu não tinha na carteira profissional o registro de pajem, então quando passou para a Educação, eu passei a ser agente de Serviços Gerais. Eu perdi o direito de ser educadora. Ainda na época que chegaram os professores, eu fiquei por algum tempo ajudando com as crianças como um apoio. Depois as pessoas foram se aposentando, e me colocaram na faxina. Ajudei muitas professoras.

Como pajem, eu cuidava bem das crianças e fazia o que eu sabia e podia, porque eu não estudei muito, mas, com as pajens, cuidar é normal. Nesse cuidado, existia também uma dimensão pedagógica. Eu tirava muito da minha cabeça. Eu era muito criativa, isso eu me lembro. Cada dia eu inventava uma coisa; a gente tinha um caderninho onde eu marcava. Um dia eu ia para a areia, marcava. Um dia fazia uma atividade na sala, marcava. Então, criava coisas da minha cabeça.

Com o tempo, a creche se mudou para a Educação e eu mudei de função. Achei que a escola mudou muito com os professores que entraram. Eu lembro bem de uma das primeiras professoras a chegar aqui, que foi professora da minha neta, com três anos na época.

Era tudo diferente. Na época, nós tínhamos que dar banho. As brincadeiras, a merenda, nosso trabalho: tudo era diferente. Tínhamos uma cozinheira, uma faxineira, uma encarregada e éramos três pajens. Não precisava de formação escolar naquela época, eu mesma tenho somente o sexto ano primário. Entramos na creche sem precisar de nenhuma formação específica.

As crianças que frequentavam a creche eram filhas de trabalhadores da zona rural, das roças; filhas de alguns trabalhadores de fábricas em São Carlos e domésticas. Havia muitas mães que eram empregadas domésticas. Elas não tinham onde deixar as crianças e traziam para a creche. Naquela época, abria às seis horas da manhã e fechava às seis da tarde. Nesse período, a gente revezava. As idades das crianças eram entre quatro meses e seis anos e onze meses, pois quando completavam sete anos, saíam. Trabalhávamos com crianças grandes.

Havia seleção para a matrícula dessas crianças: o trabalho. O pai tinha que trabalhar em emprego fixo e de carteira assinada para comprovar, do contrário, não ficava o dia todo. A vaga era exclusivamente para as mães que trabalhavam. Existia lista de espera com muitas crianças e os pais esperavam muito tempo para serem atendidos. Havia muitas mães que trabalhavam e não tinham com quem deixar seus filhos, e acabavam perdendo o emprego porque não tinha vaga na creche.

Naquela época era muito diferente, hoje está melhor. Melhorou muito, como a educação dos professores. Tudo. Mudou tudo. Os professores têm mais formação e trazem mais informações para a gente e para as crianças. Eles possuem mais estudos. Ficou melhor depois que entraram os professores. Quanto ao planejamento, os professores são mais organizados e sabem qual atividade vão realizar com as crianças e para cada idade. Diferente da gente que tirava tudo da nossa cabeça, da nossa criatividade.

A mudança na idade das crianças foi positiva também, porque primeiro eram crianças grandes misturadas com as pequenas e agora aqui só há crianças pequenas, é mais fácil de trabalhar. Naquela época, ficávamos todas juntas de manhã. As crianças chegavam e nós recebíamos todas juntas e misturadas na mesma sala. Depois, vinha a hora das atividades. Os bebês eram a babá quem pegava. Eu pegava as crianças de dois anos para dar a atividade e a gente tinha que dar o banho. Eram dois banhos. Então, cada uma tinha sua turma e o seu horário. Todas as crianças tomavam banho, até as maiores de seis anos. Havia horário pra tudo porque, do contrário, não dava certo. O espaço era dividido, a gente fazia um rodízio para que todos fizessem a atividade, o banho e a alimentação. Tinha hora para comer, dormir, tomar seu banho e fazer atividades. Tínhamos tudo no caderninho.

Ficávamos mesmo todas juntas, e só nos separávamos nesses horários. A maior parte do tempo, estávamos juntas. As atividades duravam em torno de 40 minutos a uma hora. Depois, voltávamos a ficar juntas.

CUIDADO, CARINHO E DEDICAÇÃO

Maria de Fátima dos Santos⁵⁴, Josiane Conceição dos Santos, Valdete Maria Severino Ferro, Andréa Carolina Lopes de Aguiar.

Eu comecei a trabalhar na creche como educadora com o registro de Serviços Gerais. Na época, não precisava ser professora, ter formação para trabalhar com as crianças, assim, eu fui educadora, eu trabalhava com as crianças. Hoje eu trabalho como Serviços Gerais na creche. Há outra funcionária, a Clarinha, na creche, que trabalha na unidade há 23 anos que era educadora e hoje também atua como servente merendeira.

Na época, não havia concurso público. Havia uma contratação por um período de três meses, no qual a chefia decidia se ficávamos ou não. No final desse período, havia pessoas que não passavam na experiência e iam embora.

Quando eu entrei, as creches eram do Departamento do Serviço Social, cuja preocupação era mais com o cuidar. Entretanto, as funcionárias também estavam bastante envolvidas com a parte pedagógica. O trabalho com as crianças era muito bom, porque cada dia nós víamos as crianças aprendendo: cores, a contar, etc. Isso nos fortalecia e nos fazia muito feliz.

Havia cerca de 60 crianças que eram divididas entre as funcionárias; 20 ou 30 alunos por grupo. Variava também conforme o número de funcionários, pois quando alguém faltava, não havia como repor, então dividíamos as crianças. Já ficamos com 60 crianças para duas pessoas, e tínhamos que dar conta.

As crianças que frequentavam a creche eram filhas de mães que precisavam trabalhar. Elas tinham que provar que realmente precisavam da creche, por isso era exigido todos os meses dessas mães uma declaração de trabalho, na qual constasse o lugar onde trabalhavam e o horário. Eram crianças da comunidade, dos arredores da creche. Há algumas crianças que já se tornaram pais da escola que trazem os seus filhos. Nós nos encontramos, cruzamos com eles pelo corredor. São pais que já foram nossos alunos.

54 A entrevistada é formada em História, e atua no CEMEI Pedro Pucci como Serviços Gerais desde 1985.

Depois da mudança para Educação e Cultura, houve alterações na proposta pedagógica, já que todas as pessoas que trabalham com crianças têm que ser professor. Antes, não era necessário. Como o que mais se visava era o cuidado, as pessoas trabalhavam com crianças desde que se trabalhasse direito. Eu sou professora, mas havia muitas funcionárias que não tinham formação de professor, mas eram muito carinhosas e dedicadas. Eu sempre considerei a creche como uma casa com vários filhos e nós somos as mães. Aqui sempre houve pessoas bastante envolvidas com as crianças, o que é muito importante.

Eu ouvi que o prédio da nossa creche começou a ser construído por uma senhora que tinha o sonho de ter uma escola. Ela veio a falecer e os filhos, que não quiseram dar continuidade à obra, doaram para a Prefeitura, que continuou a obra. Não sei se é verdade, mas eu achei um gesto muito bonito da parte dela, um ato de amor às crianças e, de certa forma, a nós, que agora somos funcionárias aqui.

Muitos acontecimentos me marcaram. Nós fazíamos muitos passeios, etambém os torneios entre creches (Inter creches). Era uma competição gostosa, nós nos encontrávamos nesses passeios, funcionárias, diretoras e crianças, havia interação e socialização. Aos domingos, havia as “manhãs de recreio”, cada domingo num bairro, não era apenas para as crianças das nossas creches, mas para a população em geral. Essas manhãs eram repletas de brincadeiras e gincanas, era muito bom!

MUITAS HISTÓRIAS PARA CONTAR!

Angela Maria Mirarchi Tassin⁵⁵, Maria Dorotéia Françoso Vendrasco⁵⁶ e Jussara Florencio

Eu entrei na creche por entrevista e trabalhei por dezoito anos. Eu saí porque fiquei muito doente. Eu comecei a desmaiar. Eu fui ao médico, minha pressão subia muito e eu caía. Então eu precisei me aposentar antes do tempo, em 2005.

A creche era muito diferente no começo. Na hora de dar banho, deslocava a Téia [Maria Dorotéia Françoso Vendrasco] da cozinha e eu da faxina para ajudar as meninas a dar banho. E naquele tempo, tinham os meninos que ficavam até os seis anos, na idade escolar. Saía daqui e já ia para a escola. No momento em que eles saíam, tinha que dar banho para ir dormir, para que eles não sujasse a roupa, porque eles ficavam que nem um tatuzinho. Naquele tempo, era tudo grama. Tinha asfalto, mas na frente da creche tinha essa grama. Tudo grama. Quando chovia, as crianças nem para fora podiam ir. Era tudo aqui dentro. E antigamente aqui, tudo, quando começou a creche, não era assim, maravilhoso, não. Eram aqueles plásticos pretos. Era tudo emborrachado, com bolinhas por cima. Era horrível pra limpar aquilo. Tinha que limpar, tinha dia que tinha que jogar água. Porque não tinha jeito, principalmente no refeitório.

O refeitório era só a mesinha, as cadeirinhas. Tinha só uma parte. Depois que entrou o Rubinho⁵⁷, ele fez a outra parte. As meninas tinham que se virar com os grandes, e com os pequeninos, os nenezinhos. E naquele tempo tinha berço, depois que começou a pôr no chão, as crianças dormiam no chão, no tatame, nos colchonetes. Aí tinha que lavar toda a roupa, lavar e passar os lençóis e as fraldas de pano. Era tudo de pano. De tarde, nós tínhamos que lavar cocô, tudo na mão. Era tudo eu que lavava. Era eu que tirava tudo.

55 A entrevistada atuou como Serviços Gerais no CEMEI Dionísio da Silva desde sua inauguração até 2005, quando se aposentou.

56 Amiga de Ângela, também foi funcionária da creche e participou da entrevista com contribuições que constam neste texto.

57 Rubens Massucio Rubinho foi prefeito de São Carlos de 1993 a 1996 pelo PDS.

Os pais não mandavam as crianças com fraldas. A escola dava a fralda, toalha. Tinha que lavar tudo e as roupinhas das crianças, os uniformes. Eu me lembro que era amarelinho, as calcinhas amarelinhas e as blusinhas branquinhas. E quando a máquina quebrava, era tudo na mão. Quando a gente ia embora à tarde, punha tudo nas cadeiras do berçário. E limpava todas as cadeirinhas, até de tarde. Tinha um horário. Quem entrava às seis horas saía às quatro horas. E sobrecarregava aquela que ficava à tarde. Tinha que limpar toda a cozinha, todo o refeitório, tudo em ordem. Por isso, uma semana vinha às seis horas a Téia, e uma semana vinha às seis horas eu. Quem ficava a tarde fazia o serviço da outra. Puxar a descarga dos banheiros, recolher as roupas, pôr as roupas nas cadeirinhas, limpar o refeitório, arrumar tudo de cozinha. Aquele tempo as crianças eram grandes, tinha grande e tinha pequeno. Não era só criança pequena como agora.

As primeiras professoras eram todas daqui de Santa Eudóxia, depois vieram de São Carlos. A primeira diretora nossa foi a Dona Angela. Depois da Dona Angela, veio a Dona Lurdinha.

Eu fiquei um tempo na faxina, depois passei para a cozinha, por quatro anos. Depois, eu saí. Fiquei na cozinha com a Eva. O horário da Eva vir era cedo, e eu vinha às 7h. A Eva saía e eu ficava com toda a cozinha para arrumar e o refeitório para limpar. A gente fazia esse revezamento.

Além de ajudar a Eva, eu ajudava a dar banho em criança. Eu e a Eva. A gente fechava a cozinha e dava banho nas crianças e limpava tudo, até ajeitar os berços e as coisas todas no lugar, recolhia a roupa.

Naquele tempo tinha que pôr em cima do lavatório. Não tinha escadinha pra subir e as crianças eram grandes. No começo, algumas crianças gritavam. Porque nunca tinham frequentado creche, com gente estranha. Tinha um menino [...] Até hoje eu lembro e conto para ele, que já está mocinho. Ele chegava na cozinha e falava: “Ô tia Anja, ô tia Anja, eu num quero mio [milho], num quero mio. O mio a tia Anja dá pra galinha de minha vó!” Ah! Que gostoso! Dava vontade de morder ele. E tinha um que fazia arte no banheiro. Todo dia encontrava o banheiro cheio de cocô. Na parede, em cima, na privada. Eu falei para ele limpar o banheiro. Fiquei com ele e ajudei, e depois pedi para ele me falar se alguém sujasse o banheiro. Acabou meu pesadelo!

Quando eles dormiam, tinham uns que ficavam acordados. Aqueles que ficavam acordados ficavam atormentando os que estavam dormindo. Faziam caretas um para o outro. E era engraçado, porque era só eu chegar e ele fazia uma careta, eu falava para ele dormir. Até que ele dormia. Tinha horário para levantar, aí eu chamava as crianças.

Tinha criança que não queria entrar na creche; só entrava quando eu chegava. Uma pajem ficava espantada como as crianças me obedeciam. Eu não maltratava, nem xingava, acho que só de olhar para minha cara, elas ficavam com medo de mim. Era uma coisa incrível. Só que eu amava as crianças. Se chegasse uma criança diferente que chorasse porque queria a mãe, eu chorava junto, ficava lá na cozinha com as lágrimas descendo. A gente se apega. Eu fui inclusive convidada para ser madrinha de um menino daqui, ele foi para Pernambuco. Muitas famílias pediram para eu ser madrinha das crianças, mas eu tinha perdido meu marido e não podia batizar.

Tinha uma criança que falava: “Eu tenho amindoinho! Eu trouxe pra tia Angela”. Que gracinha! Tinha outro também, que gostava de mamão. E um que sempre sumia. Um dia eu o peguei e ele me deu uma unhada. Hoje ele é moço, está casado e tem filho, quando ele vem aqui na mãe dele, ele quer me ver. Tinha um que era uma coisa, ele não olhava na cara de ninguém. Ele adorava a Téia. Adorava. Ia embora e ele queria ficar com a Téia. Não queria ir para casa. Eu a adorava. As crianças também choravam por causa da Téia. A Téia bajulava demais! A Téia bajulava demais! E era assim. Até hoje eu tenho a lembrança dos meninos. Tenho saudades. Dá saudades.

Houve um dia em que eu botei sapato de salto alto e bolsa. E eu andei por esse corredor com as crianças para desfilar. Era um show aqui! A gente brincava de desfile. Eles gostavam! Tinha uma professora que se vestia de bruxa e vestia eu também. E era só risada e as crianças ficavam com raiva de mim depois.

A gente trabalhava muito! Mas tinha um clima bom de trabalhar aqui dentro! Ninguém brigava, a gente se dava bem uma com a outra, dava risada. Caso precisássemos, uma chamava e a outra corria e ia ajudar. A gente trabalhava feliz! Tinha uma que era muito engraçada, esquecia-se do que fazia.

A gente ajudava as pajens, porque do contrário, não tinha como. Porque tinha pajem também que entrava de manhã. Não era tudo junto. Tinha pajem que deixava eu

tomar conta das crianças. No berçário, tinha criança que levantava, chorava e a gente tinha que pegar e pôr no carrinho. Punha no carrinho e ficava comigo, e eu limpando a cozinha e ele lá junto comigo. Eram poucas pajens, duas. Cada sala tinha duas. E quase 60 crianças. Depois começou a diminuir. Depois que tirou os maiores, sossegou um pouquinho mais. No começo, a gente trabalhava muito! Não era fácil, não. No começo foi difícil.

Sobre a alimentação das crianças, no começo comia tudo num pratinho só, junto. Depois mudou, e cada um tinha o seu. Cada um na sua cadeirinha, aí foi normalizando, cada um na sua cadeirinha. Mas não tinha funcionário suficiente para dar comida para as crianças. Tinha uma funcionária que deixava as crianças dormirem, tinha criança que dormia até depois da hora da comida, e tinha que falar para ela acordar a criança para comer. Naquele tempo, uma falava com a outra, ninguém achava ruim. As meninas que vinham de São Carlos eram uns amores de pessoas.

Tem criança que até hoje se lembra da comida! Ah! Gente! Que saudade que eu tenho da creche! Lembra da comida que nós fazíamos. Vinha de tudo, de tudo! Tudo, tudo! Vinha palmito, sobremesa, fruta vinha de caixas! Até Danone. Era uma fartura! Tanto material de limpeza quanto alimento, vinha de São Carlos. Tinha almoxarifado também. Quem tomava no começo era eu. Eu que tinha que conferir tudo, checar o que estava faltando. Quando alguém queria algo, tinha que falar comigo. Tinha que controlar os gastos.

No começo, a gente não podia comer na creche. Tinha que comer em casa. O café da manhã podia tomar, mas o almoço não. Foi o Melo⁵⁸ que permitiu que a gente comesse. A gente tinha duas horas de almoço e a comida era controlada para não precisar jogar fora, a nutricionista que controlava. Era uma comida maravilhosa.

Às vezes, os prefeitos vinham na creche e comiam com a gente, davam uma volta com a gente na área externa, falando com pedreiros quando tinha reforma.

Quando mudou para a Educação, vieram as professoras, as pedagogas. Vieram algumas, mas logo iam embora. Lembro de uma pedagoga que veio, era um amor de pessoa. Até hoje eu sinto tanta saudade dela!

58 João Octávio Dagnone de Melo foi prefeito de São Carlos por dois mandatos não consecutivos: 1983 a 1988, e 1997 a 2000, pelo PMDB.

Antes, tinha criança desde colo até seis, sete anos. Houve um período que começaram a ficar só crianças até três anos aqui. As famílias acharam ruim porque não podiam mais trazer as crianças, que já estavam acostumadas. E as crianças tomavam banho na creche e iam embora limpas; quando foram para a escola, não tomavam banho. Foi um falatório! Mas, com isso, diminuiu nosso trabalho aqui. Os grandes davam mais trabalho.

Mas o amor que eles sentem. Eles tinham aquele amor na gente! Que amor que eu tinha em tudo. Quando ia embora, aquela choradeira!

Quanto às crianças com deficiências, eu me lembro que havia uma que não falava nada, mas hoje ele fala de tudo! Ela fazia tratamento e até hoje está na cadeira de rodas.

Tinha uma criança que não falava. Quando ela começou a falar, começou a falar palavrão. E acharam que eu estava ensinando! Eu falei para a mãe dela que ela estava falando palavrão e não era eu quem estava ensinando. Pensei que ela ia ficar brava comigo, mas ficou feliz que ela estava falando! E tinha uma menina, que falou para mim um dia (eu não tinha ido no dia anterior): “Mas amanhã eu senti tanta saudade da tia Angela”! Eu tinha vontade de soltar um abraço nela. Era só dando risada!

Eu adoro criança!

NÃO PODIA ENTRAR NA COZINHA, ENTÃO A CRIANÇADA SENTAVA NA PORTA PARA BRINCAR, E ÀS VEZES PARA CONVERSAR COMIGO.

Maria Dorotéia Françoso Vendrasco⁵⁹, Jussara Florencio

Eu trabalhei na creche desde quando foi criada, desde março de 1987. As crianças que ficavam aqui na creche eram pobres, as mães traziam os filhos cedo para trabalharem na roça. Naquele tempo era cana-de-açúcar. Até eu cortei cana quando morava na Fazenda Figueira Branca, antes de vir para a creche.

Quando eu entrei não tinha concurso como tem agora. O prefeito era quem achava se a pessoa servia, então colocava. Mas você tinha que passar numa moça que chamava Dona Angela⁶⁰. Ela que via isso, se você servia ou não. Então, ela chamava a gente, e a gente ia lá com essa Dona Ângela⁶¹ e ela via se a pessoa servia ou não. Pelo modo que a pessoa falava e do jeito que era. Eu não sei, mas foi assim. E quem nos ajustou naquela época foi o Sr. Osório, que era o prefeito que tomava conta daqui⁶².

Foi ele quem chamou todos nós para trabalhar, todo mundo que está aqui. Ele falou para mim: “Ô Téia, eu vou falar para você, se chamar você para trabalhar na creche, você vai trabalhar lá para cozinhar”? E eu disse: “Eu vou. Ô se eu vou, Sr. Osório, eu vou sim, eu estou precisando mesmo, é claro que eu vou”. E ele falou: “olha, então você vai, porque eu vou conversar tudo lá com o prefeito”.

59 Aposentada. Atuou como merendeira da creche Dionísio da Silva desde o ano de inauguração da instituição (1987) até 1998, antes, portanto, da creche ser assumida pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de São Carlos e passar a ser denominada CEMEI. Em 1998 se aposentou.

60 Refere-se à Ângela Oioli, Diretora do Depto. de Serviço Social de São Carlos (DSS) entre os anos de 1985 – 1988, durante a gestão do prefeito João Otávio Dagnone de Melo conforme apontado por Tebet (2007)

61 Durante a entrevista, Dorotéia se refere à ela como “Dona Anja”.

62 Refere-se ao sub-prefeito de Santa Eudóxia durante a gestão de João Otávio Dagnone de Melo(PMDB).

Antes não era igual agora que tem que fazer concurso. Tinha a entrevista com a Dona Ângela, mas era diferente. Então, pela entrevista ela via se a pessoa podia entrar ou não. Daí ela me chamou e eu comecei a trabalhar como merendeira na creche.

Eu sei que quando nós fomos fazer a entrevista, foi com a Dona Ângela, mas depois quem vinha de São Carlos no tempo do Vadinho era a Dona Lurdinha⁶³, que tomava conta da gente, e vinha sempre também uma moça de São Carlos aqui, que chamava Bete⁶⁴. Elas vinham sempre na creche ver como estavam as coisas.

Aqui, era eu quem fazia toda a comida. Eu fazia a merenda para as crianças, e quando estava apertado, eu ajudava a dar banho nas crianças e a dar o almoço. Minha rotina era assim: Eu entrava às seis horas e vinha fazer as mamadeiras, fazia o café das crianças, tudo. Todo mundo tomava café e as crianças mamavam. Daí os pequenos ficavam aqui, e os que eram maiores, a pessoa que tomava conta deles os levavam lá no Parque Escola⁶⁵.

A gente levava as crianças todo dia, daí, quando eram 11 horas, a moça que tomava conta ia lá buscá-los, os traziam e eu dava almoço. A gente dava o almoço duas vezes. Às 10 horas para os pequenos, e às 11 horas para as crianças maiores. Daí eu arrumava a cozinha, limpava tudo. Quando era meio-dia eu ia para casa almoçar. Duas horas eu voltava. Então, eu fazia o lanche para eles, daí outro lanche, outra vez, e aí eu lavava todas as mamadeiras, porque aqui a gente dava mamadeiras para as crianças de novo às duas horas. Então, eu lavava todas as mamadeiras e “ferrava” na janta.

63 Se refere à Maria de Lourdes Micceli e Silva, que foi Diretora do Depto. De Serviço Social (DSS) no período de 1989 – 1992, durante a gestão do prefeito Neurivaldo José de Guzzi (PTB), também conhecido como Vadinho conforme aponta Tebet (2007).

64 Refere-se à Elisabeth Lino, diretora do DSS no período de 1993 – 1996, durante a gestão do prefeito Rubens Massucio Rubinho (PDS).

65 Refere-se à instituição que hoje se denomina CEMEI José de Brito Castro, localizada na Rua Rui Barbosa, s/nº - Santa Eudoxia. De acordo com dados disponíveis no site da Prefeitura, no início da década de 1980 as instituições de Educação Infantil para crianças de quatro a seis anos eram denominadas “Escola Parque Integrada”, tal como era o caso da “Escola Parque Integrada do Jardim Cruzeiro do Sul” e da “Escola Parque Integrada do Jardim Santa Maria”, ambas inauguradas em 1980. No final da década de 1980, essas instituições tiveram seus nomes alterados. Desde modo, a “Escola Parque Integrada do Jardim Santa Maria” passa a denominar-se oficialmente “EMEI Monsenhor Alcindo Siqueira” em outubro de 1989, tal como estabeleceu a Lei Municipal nº 10191.

Em 16 de maio de 2007, novamente, a instituição teve seu nome alterado e passou a ser denominada CEMEI Monsenhor Alcindo Siqueira. O mesmo ocorreu com as demais instituições de Educação Infantil do município que atendiam crianças de quatro a seis anos. Assim, a “Escola Parque Integrada do Jardim Cruzeiro do Sul” passou a se denominar EMEI em 31 de agosto de 1987, por meio do Decreto nº 084 e passou a se denominar CEMEI em 07 de maio de 2007, conforme decreto nº 146, e o mesmo ocorreu com a escola parque que hoje denomina-se CEMEI José de Brito Castro. Fontes: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/nossas-escolas/157346-cemei-octavio-de-moura.html> <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/nossas-escolas/159231-cemei-monsenhor-alcindo-siqueira.html>

Era pauleira, porque eu era sozinha, tudo correndo. Tinha que “lascar brasa” mesmo. Quando eram quatro horas, as crianças já tinham jantado eu deixava a cozinha com tudo arrumado e ia embora. Era eu sozinha. Só no fim que colocaram uma ajudante para mim, que foi a Eva, mas isso já foi quase quando eu estava aposentando. Logo que a Eva entrou, eu já aposentei. Então, foi mais ou menos em 1997, 1998.

Eu era sozinha, mas não faltava comida. Vinha tanta coisa! Principalmente fruta. Mas vinha carne, vinha fruta, bastante legumes, vinha de tudo. Eu vou falar, o tempo que eu trabalhei aqui nunca faltou nada. Vinha muita coisa mesmo.

Quando eu entrei aqui, tinha quase umas 60 crianças. Vinha um grupo para comer, o que ficava aqui na creche e depois ia à escola, e o outro grupo que vinha mais cedo. Não era como agora, que as crianças saem daqui com três anos e já vão para a CEMEI José de Brito⁶⁶. Antes, as mães não tinham que levar lá. Ficava tudo aqui na creche.

Às seis horas, as mães tinham que ir trabalhar na roça, então as crianças ficavam aqui, ficavam quase uns sete anos aqui com a gente na creche⁶⁷. E ficavam o dia inteiro.

Então, elas ficavam aqui. As mães traziam as crianças cedo aqui e de tarde vinham pegá-las aqui. E tinham aqueles que iam lá para cima, na José de Brito e depois desciam e ficavam aqui. A Beatriz e a Rosa é quem as levavam. De vez em quando ia a Candinha também, porque não deixavam as crianças irem sozinhas. Então, quando chegavam aqui, tomavam café, depois as levavam lá em cima, no Parque Escola, e em seguida trazia para creche de novo.

A creche tinha bem menos salas do que hoje. Não tinha quase nada. Ficava tudo assim: junto, perto, porque não era como agora, que tem todos os espaços. Naquele tempo era diferente. Tinha a cozinha. Acho que tinha uma sala aqui e tinha outra para lá. Até quando eu estava aqui, fez outra para lá. Tinha essa e tinha a de lá. Eu lembro que as crianças grandes vinham almoçar, depois iam dormir.

⁶⁶ Refere-se ao fato de que hoje o CEMEI Dionísio da Silva atende apenas crianças de zero a três anos. Quando as crianças terminam a “Fase 3”, com três anos de idade, são transferidas para o CEMEI José de Brito, que atende as crianças de quatro e cinco anos, uma vez que hoje as crianças de seis anos já devem se matricular no Ensino Fundamental. Na época em que a entrevistada trabalhou na creche, atendia crianças de 0 a sete anos.

⁶⁷ Informação confirmada pela atual diretora do CEMEI, Eliane Françoso T. Salatino. De acordo com ela, quando a creche foi inaugurada e nos seus primeiros anos, atendia crianças até sete anos.

Quando eram 14 horas, todos já levantavam para tomar lanche. Eles tomavam o lanche deles, depois ficavam brincando até a janta, e depois as mães chegavam para buscá-los.

Hoje é diferente. Elas são mais estudadas (as professoras), mas a rotina das crianças ainda é a mesma coisa. Porque primeiro eles colocavam as crianças lá fora para brincar, e também na sala de aula, e ainda é assim. As crianças sempre foram muito bem cuidadas. Antes, a creche dava banho em todo mundo. Nos pequeninhos e até nas crianças maiores, que já iam para a escola. Todo mundo ia embora de banho tomado.

E na hora de dormir, os grandes dormiam de um lado e os pequenos do outro (refere-se aos diferentes espaços/salas da creche). Mas era duro fazer dormir os grandões, eu acho que eles não tinham sono. A gente colocava os colchões no chão e quando chegavam estava tudo no jeito pra eles deitarem. Acabavam de almoçar e cada um já corria pro seu colchão. Uns conversavam, conversavam, era duro para dormir.

E a comida? Ah, eu fazia tanta comida, menina. Fazia arroz, feijão, carne de panela, carne refogada, arroz temperado [...] Às vezes eu fazia até coxinha, fazia torta. Para os menorzinhos tinha que fazer sopa, né. Então, a comida era boa. E fruta? Nossa Senhora, no tempo do Vadinho você precisava ver o que era fruta que esse homem mandava!

Era maçã, caqui, melancia. As crianças aqui passavam bem, viu? Para a gente falar que no tempo que trabalhei aqui as crianças não passava bem, eu estaria mentindo. Tinha comida mesmo para fazer. Nunca faltou nada.

E hoje quando eu vejo essas crianças que eu trabalhei, menina do céu! Outro dia vinha passando um rapaz que me falou: “Oi Dona Téia”. E eu falei: “Ô fio, quem é o cê?” E ele me disse: “Dorotéia, a Sra. cuidava da gente, a Sra. dava comida para nós”. Tudo isso, você dá risada. Às vezes é a mãe quem fala: “Olha, o menino tem vontade de comer sua comida!” De vez em quando eu saio na rua e esses grandes falam: “Ô Dorotéia e a comida, hein?! Tô com saudades da sua comida”.

E tinham também as festas! Eu lembro até que uma vez eu me vesti de Papai Noel. Eu mesma me enfiei na roupa para brincar com as crianças. Só para brincar com eles. E o Papai Noel vinha, dava presentes!

E tinham também as festas juninas e as festas de aniversário. Cada mês a gente fazia um bolo, e para as crianças que faziam aniversário a gente cantava os parabéns. O bolo era eu mesma quem fazia, com cobertura e tudo. Eu pegava as coisas daqui, pegava farinha, e fazia o bolo para as crianças. Era sempre bolo recheado, e a gente enfeitava. As crianças gostavam! Então fazia bolo, fazia suco, cantava os parabéns. Quando tinha festa junina então, a gente fazia bolo, suco, fazia tudo para as crianças e para as mães também.

Era muito bom! Sabe, eu gosto de criança! E eu lembro que não podia entrar na cozinha, então a criançada sentava tudo na porta para brincar, e às vezes sentava do lado para conversar comigo. Eu dava tanta risada com as crianças.

Eu brincava com eles. Às vezes eu pegava a bolsa e saía correndo, que era do gosto deles. Eu pegava a bolsa, colocava alguma coisa por cima e falava “agora vou embora. A vó vai embora!” E eles se matavam de dar risada. Então, de vez em quando, eu estava ali brincando assim, vinha correndo porque eu podia ficar lá um pouco com eles para brincar. Nunca ninguém brecou.

A nossa equipe era assim: tinha a Candinha, a Cidinha, a Beatriz, a Rosa, a Ângela, a Suzana e eu. E de vez em quando vinha o Eder também⁶⁸. Era um rapaz que trabalhava em São Carlos. Ele ajudava a olhar as crianças também. Eu não sei bem de que jeito que era, mas ele vinha também. Não faz muito tempo que eu o vi, que ele veio aqui. Ele falou que depois daqui ele foi para São Carlos, já foi diretor. Ele é um rapaz bom.

A Rosa era uma moça muito boa e divertida. Ela chegava brincando: “Já cheguei Dorotéia!” E ia passear. Pegava numa corda, na qual as crianças pequenas também pegavam, e os levavam para andar por aí, todas elas iam. Então, para não perder as crianças, cada criança pegava numa parte da corda para não correr para rua, porque era perigoso. Eu não sei se elas levavam as crianças para o campo, ou para onde elas iam. Porque eu ficava aqui e não via, mas aquele tempo era um tempo bom aqui com as crianças.

Eu gostei muito de trabalhar nessa creche, eu gostava de trabalhar com as crianças. Eu me aposentei com 62 anos. Foi o Roselei que veio com os papeis para eu assinar, disse

⁶⁸ Refere-se a um professor de Educação Física que trabalhou na creche Dionísio da Silva ainda sob a responsabilidade da Secretaria de Promoção Social, quando havia professores de Educação Física designados para atuarem também nas creches.

que aposentado nenhum ia trabalhar mais. Teve gente depois que entrou até com processo contra a Prefeitura para poder voltar. Então, agora acho que você pode trabalhar até os 70 anos. Depois dos 70 não pode mais, mas naquela época disseram que eu não podia mais e eu tive que aposentar. Mas eu sempre gostei muito aqui da creche. Caso não tivessem me tirado, eu estaria aqui até hoje.

NA CRECHE TAMBÉM JÁ SE LÊ: LEITURA COM AS CRIANÇAS PEQUENAS EM PROJETOS PREMIADOS!

Cícera Martins Palmeira⁶⁹, Gabriela Guarnieri de Campos Tebet, Maria Claudia Bullio Fragelli

Cheguei à creche⁷⁰ em fevereiro de 2008, quando fui efetivada na rede municipal de ensino de São Carlos. Como tive uma passagem muito breve na creche, como professora contratada, já conhecia o espaço físico. Durante uma semana do mês de janeiro de 2006, trabalhei na unidade em questão com crianças que estavam sendo atendidas durante o período de férias. Nesse tempo não foi possível conhecer os profissionais, nem a rotina da creche, devido à dinâmica do trabalho desenvolvido na época. Portanto, não houve surpresa em relação ao espaço físico. Já em relação aos profissionais, posso dizer que tive grande alegria em encontrar pessoas comprometidas com o trabalho desenvolvido com as crianças. A maioria dos profissionais tinha formação específica, e quem ainda não tinha, estava estudando.

Os espaços eram organizados de forma que a rotina estabelecida não sofresse grandes alterações. Havia uma sala de berçário na qual ficavam as crianças de até um ano, um ano e seis meses de idade, em média. Essas crianças praticamente não interagiam com as demais. Somente em dias de festas eram colocadas em contato com as outras, em carrinhos ou cadeirões. A sala tinha uma passagem que permitia a entrada e saída das crianças sem precisar entrar no espaço no qual ficavam as outras crianças. Além do berçário, existiam mais três salas de berçário II, e duas salas de maternal. Até então eram assim denominadas. Mais tarde viraram fase 1, fase 2 e fase 3. Enquanto as crianças do berçário tinham seus espaços com banheiro e uma área coberta anexa à sala, as demais crianças dividiam os banheiros que ficavam entre as salas, assim como o parque, o refeitório e a sala de televisão. As atividades desenvolvidas nos espaços comuns eram organizadas de forma que ninguém sofresse prejuízo.

69 Professora no CEMEI José Marrara durante dois anos (2008 e 2009). Desde 2010 atua como professora de Fase 1 no Cemei Juliana Peres.

70 CEMEI José Marrara

As crianças atendidas moravam nos bairros ao entorno da creche, e tinham entre zero e três anos de idade. Eram crianças filhas de estudantes, trabalhadores/as domésticos/as, professores/as e trabalhadores/as do comércio, entre outros. Os critérios adotados para que as crianças pudessem frequentar a creche eram os mesmos utilizados até hoje na rede municipal de ensino, ou seja, a matrícula que é feita respeitando a ordem de inscrição, na qual tem direito a período integral filhos de trabalhadoras com comprovante em carteira ou declaração do empregador. As demais crianças frequentavam meio período quando não sobravam vagas para o período integral ou quando, assim, seus pais ou responsáveis desejavam.

Durante os dois anos nos quais estive trabalhando na creche não houve mudança significativa em relação à organização de tempo e espaço. O trabalho pedagógico realizado já vinha contemplando questões importantes, como o tocante às relações étnico raciais com o trabalho reconhecido e premiado pelo CEERT (Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade), em 2009. O trabalho foi premiado na categoria escola, que, de acordo com o CEERT, visa apoiar e incentivar iniciativas institucionais praticadas pela gestão escolar que fortalecem práticas pedagógicas desenvolvidas por professores. Com o prêmio, pudemos adquirir alguns brinquedos e ainda tivemos oportunidade de obter livros que tratavam da temática para a creche. Mesmo reconhecendo a importância do prêmio em dinheiro, não podemos negar a importância de ter desenvolvido um trabalho que contribui para a implementação da Lei das Diretrizes e Bases, assim como das Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana. Todas as atividades trabalhadas antes da premiação continuaram a ser desenvolvidas e ampliadas com todas as turmas, e puderam ser vivenciadas por profissionais que chegaram depois na creche, como aconteceu comigo. Pude conhecer o projeto e dar continuidade, mesmo sem ter feito parte do grupo inicial. Isso mostra o comprometimento do grupo de professoras e demais profissionais com a temática em questão.

A minha contratação se deu através de concurso público. Fui efetivada pela Prefeitura Municipal de São Carlos em fevereiro de 2008. Como professora de crianças entre um e dois anos, meu trabalho envolvia o cuidar e educar. Ao cuidar, tinha a responsabilidade de acompanhar a alimentação, fazer e acompanhar a higiene, zelar pelo sono das minhas crianças, entre outros. No tocante ao pedagógico pude, junto com a professora Gabriela, com quem trabalhei no primeiro ano no José Marrara, fazer trabalhos importantes. Como

tínhamos as mesmas crianças que frequentavam a creche em período integral, podíamos desenvolver projetos que demandavam mais tempo. Penso que o fato de compartilharmos de ideias semelhantes no tocante à Educação Infantil, quando se trata, principalmente, da valorização e entendimento do principal ator que é a criança, tornou o nosso trabalho menos difícil e muito prazeroso.

Gostaria de falar de um trabalho que foi extremamente significativo para mim. Pude, ao longo do ano de 2008, junto com a professora que dividia a sala comigo, desenvolver alguns projetos, todos muito importantes. Mas o de Leitura com crianças pequenas foi muito desafiador, inovador e, por isso, muito gratificante. Assim como os trabalhos feitos com a temática das Relações Étnico Raciais, o incentivo à leitura também já vinha sendo feito na unidade. Acreditando que uma das principais questões que se colocam para a Educação Infantil, através de suas instituições, é “como estimular e possibilitar o contato das crianças pequenas com a leitura e a escrita, contribuindo dessa forma com a formação de leitores”, convidamos todas as turmas para participar de um projeto que tornasse possível o estímulo à leitura. Cada professora teria autonomia para realizar as alterações que julgasse relevantes para as diferentes faixas etárias. Foi dessa forma que surgiu o nosso trabalho de leitura com crianças de berçário II durante todo o ano de 2008.

Desenvolvido em etapas, iniciamos com uma pesquisa feita com as famílias das crianças que foram convidadas a participar do projeto, respondendo a um pequeno questionário sobre os hábitos de leitura e contação de histórias nas suas casas. Com o resultado apresentado, enviamos mais uma vez para as famílias uma pasta montada com livros de literatura infantil, blocos de papel e lápis de cor para que fosse feito um registro do momento da leitura, caso a família desejasse fazê-lo, com desenhos ou simplesmente uma escrita. O resultado nos surpreendeu e mais uma vez seguimos com o trabalho, agora com outra pesquisa junto às famílias sobre a sua origem. Aqui, outra vez, o projeto se relaciona com o grande trabalho que já vinha sendo desenvolvido na creche, o da valorização da identidade das nossas crianças.

Com o resultado da pesquisa, iniciamos a construção de livros junto com as crianças. A escolha dos livros a serem confeccionados se deu através da origem das famílias das nossas crianças. Dessa forma, praticamente todas as regiões do Brasil foram contempladas. No final do ano, fizemos um lançamento dos livros com a presença das crianças e de suas

famílias e, no ano seguinte, o nosso trabalho foi finalista do Prêmio Viva Leitura junto com grandes trabalhos de todo o Brasil, sendo muito aplaudido e lembrado com o único trabalho finalista que contemplava na Educação Infantil e mais, com crianças de creche, ou seja, crianças muito pequenas. Foi muito importante para mim, foi muito importante para a outra professora, mas foi muito importante também para as nossas crianças, para as suas famílias, para a creche, para a cidade de São Carlos e para a Educação Infantil.

O nosso projeto foi apresentado para muitas/os professoras/es e gestores da rede municipal e em alguns congressos de Educação, assim pudemos plantar uma semente importante para a construção de grandes trabalhos envolvendo leitura com nossas crianças desde os primeiros anos de vida nas instituições de Educação Infantil.

O TRABALHO COMO GESTORA COMUNITÁRIA, A VOLTA À DOCÊNCIA E O CONSELHO DE ESCOLA

Anelisa Pereira Spinola⁷¹, Gabriela Guarnieri de Campos Tebet, Priscila H. D. Oliveira e Maria Claudia BullioFragelli

Em 2009 eu já trabalhava na Prefeitura, mas foi quando eu me removi para o CEMEI Bruno Panhoca. Nesse mesmo ano fui chamada para desempenhar a função de Gestora Comunitária da Educação⁷² e permaneci nela até 2012, quando eu tive a oportunidade de atuar na mesma região do CEMEI Bruno Panhoca e de ter mais contato com os profissionais da escola, as crianças, os pais e a comunidade em geral.

Como professora, atuei realmente no CEMEI Bruno Panhoca a partir de 2014. De lá para cá, eu pude conhecer tudo e todos (claro que não completamente), pois estamos o tempo todo em constante transformação. Em 2014, assumi uma turminha de 24 alunos da fase II (um a dois anos), com mais duas professoras. Havia seis anos que eu estava afastada da sala de aula. No começo a adaptação foi difícil, tanto com o meio ambiente, os demais profissionais, as crianças, enfim, tudo.

Os espaços na escola desde que entrei eram bem divididos: três salas de aula, atendendo duas fases II (um a dois anos) e uma fase I (quatro meses a um ano). A fase I contava com um lactário próprio e uma merendeira disponível. Uma cozinha com duas merendeiras, área coberta do refeitório, sala da direção e uma pequena sala que organizamos como brinquedoteca, onde as salas revezavam para brincadeira, contação de histórias e assistir filmes. Na área externa havia dois tanques de areia e alguns brinquedos de parque (em condições razoáveis). A unidade contava a princípio com uma servente geral, e poucos anos atrás outra pessoa foi designada para auxiliar nos serviços.

71 Professora de Educação Infantil do CEMEI Bruno Panhoca. Quando era criança, frequentou a mesma instituição no ano de 1985.

72 De acordo com a Lei 13.889/06 (Estatuto da Educação, artigos 4º e 25º), a função de Gestor Comunitário em Educação é atribuída aos docentes do quadro do magistério municipal e está ligada ao Programa Escola Nossa, que tem como objetivo integrar os agentes sociais e a comunidade.

O perfil das crianças, dos pais e das suas origens é bem diferenciado, o que é bom pensando na aprendizagem com a pluralidade existente. Pelos cadastros podemos constatar que a maior parte é de classe baixa a média, e uma pequena porcentagem de classe alta, filhos de pais instruídos e com ganho mais elevado. Praticamente a metade são moradores dos bairros vizinhos, vêm para escola a pé carregando as crianças nos carrinhos, e a outra metade conta com condução própria e alguns necessitam de transporte de van.

Como professora, vivenciei algumas transformações na creche, nos espaços em geral, materiais, brinquedos, parque, salas de aulas, enfim, na parte de infraestrutura, para atender melhor as crianças e propiciar um ambiente de trabalho mais adequado às necessidades de seus funcionários. Tenho orgulho em dizer que muitas das conquistas tiveram origem nas reuniões do Conselho de Escola, que por sinal desde que entrei era bem ativo.

Em termos mais gerais, do município, observo também que a questão de política é bem decisiva na indicação de diretores, coordenadores pedagógicos, técnicos da Secretaria de Educação e demais funcionários que são cargos de confiança e também são importantes para todo o processo de funcionamento das escolas públicas.

Outra questão que me marcou foi quando, em 2007, houve a alteração do Estatuto da Educação de São Carlos. Lembro que essa ação causou grande impacto na Educação Infantil. A classe das “Educadoras de Creche”, até então, era dominante nas escolas que atendiam aos primeiros anos de vida, a cultura do assistencialismo era forte ainda no município. O novo Estatuto possibilitou uma transformação na rotina das creches, no sentido de carga horária das educadoras, antes de 40 horas, com salários menores e depois com carga de 30 horas, e melhor remunerada, e isso foi uma mudança importante que eu vi e vivi nessa minha trajetória como professora de Educação Infantil.

Memórias de quem respondeu pelas creches.



OS FESTIVAIS DE DANÇA E A FORMAÇÃO DAS PAJENS.

Débora Cristina Campos Moretti⁷³, Luciana Arruda
Minuchelli, Márcia Elisa Canova Bedendo e Renata Aparecida
Drape.

Tive a oportunidade de trabalhar na creche José Marrara - como era chamada - em dois momentos. No primeiro, como professora de dança. Fiquei encantada com o trabalho desenvolvido, e junto à equipe realizamos um festival de dança no final do ano. Retornei anos depois como diretora, cargo de confiança indicado pelo prefeito da época. Foi um momento de transição, as creches passaram da Secretaria de Assistência Social para Secretaria de Educação.

Foram dois anos de muito aprendizado, as creches atendiam as crianças de quatro meses a seis anos, porém as crianças de quatro a seis anos frequentavam os CEMEIs meio período.

A equipe da José Marrara era maravilhosa, tinha um trabalho encantador, conheciam cada criança como sua palma da mão. O cuidar era perfeito, precisava, então, adequar todo esse trabalho com a parte pedagógica.

Foi então que a equipe de direção das creches, junto à Secretaria Municipal de Educação, iniciou um trabalho de formação das pajens. Eram encontros muito ricos e eficientes. Iniciou-se, então, um trabalho com projetos que eram desenvolvidos em todas as fases, respeitando a rotina de cada uma e que tiveram produtos finais maravilhosos.

Tenho este período guardado em minhas memórias, pois foram anos de aprendizado e conquista, e um trabalho que merecia ser conhecido por todos os moradores de São Carlos.

73 A entrevistada é professora e atualmente ocupa o cargo de diretora da EMEB Arthur Natalino Deriggi.

O DISTRITO, A CIDADE E OS TRABALHADORES DA LAVOURA

Suzana Tassim da Silva⁷⁴, Denise Cabrera Cezare.

A creche Dionísio da Silva inaugurou no dia 8 de fevereiro de 1987, e eu fui contratada como encarregada na época. Então, eu trabalho aqui desde quando inaugurou. O subprefeito de Santa Eudóxia divulgou que ia acontecer a abertura da creche, e foi um chamado, foi uma indicação.

O encarregado era a pessoa responsável por tudo, pelo pessoal, funcionários, enfim, por tudo. Eu fazia toda a parte burocrática da escola, as matrículas, pedidos de alimentação, higiene, de limpeza, tudo feito por mim, pela encarregada. E hoje eu continuo exercendo mais ou menos as mesmas atividades, mas como auxiliar de direção, pois o cargo de encarregada foi extinto a partir do momento em que as creches passaram da assistência social para a Educação⁷⁵.

A partir do momento em que começou a funcionar, a gente fez uma lista de espera conforme as mães procuravam a vaga. Na época, a maioria das mães trabalhava na lavoura, então os critérios para que os filhos frequentassem era ter um atestado de trabalho. Lembrome que foi feita uma lista antecipada do dia que ia iniciar as atividades, e acho que foram inscritos, na época, umas 33 crianças entre todas as idades. A idade atendida aqui era de quatromeses a seis anos e onze meses. Então, a partir das seis horas começavam a chegar essas crianças. Era feito um revezamento entre as funcionárias semanalmente. Eram sete

74 Entrevistada.

75 Quando foram criadas, as creches se configuravam como um serviço de assistência social e respondiam aos setores da Prefeitura responsáveis por criar e manter as Políticas de Assistência e Serviço Social. Ao longo do período da história das creches municipais de São Carlos, denominado genericamente por muitos como o “período da assistência”, elas estiveram ligadas ao DSS, ao DAS e à Secretaria Municipal de Cidadania e Promoção Social (TEBET, 2007). Com a promulgação da LDB (Lei 9394/96), a Educação Infantil de zero a seis anos passou a se configurar como a primeira etapa da Educação Básica, devendo passar a ser gerida pelos órgãos municipais responsáveis pela Educação. No município de São Carlos, isso ocorreu no ano de 1999. Foi nesta data que as creches deixaram de ser responsabilidade da Secretaria Municipal de Cidadania e Promoção Social e passaram a ser uma responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Foi, portanto, em 1999 que as creches municipais de São Carlos “passaram da Assistência para a Educação”, o que não significa dizer que deixaram de ser assistenciais para se tornarem educacionais, conforme já destacamos na introdução deste livro.

funcionárias, sendo parte de limpeza, uma na cozinha e as cuidadoras.

A gente recebia as crianças no portão da escola, sem que a mãe tivesse acesso dentro. A mãe entregava a criança logo de manhãzinha e as cuidadoras, que seriam as pajens, entravam numa sala onde eram atendidas todas as idades. Então, era dividido, elas faziam uma divisão com os próprios berços para o espaço, entre os bebês e os maiores.

Era uma sala só onde ficavam todas as crianças, um espaço único. Tinha a rotina, o café da manhã, depois tinham as atividades, o banho de sol para os bebês e as atividades livres. Não tinha assim uma orientação pedagógica como tem hoje, então elas tinham que se virar assim, diversificando as atividades, as brincadeiras ou até mesmo no caderninho. Elas usavam [o caderno], tanto é que a gente ainda tem documentado os diários das pajens.

Na época, havia uns brinquedos de madeira, tinham alguns de doação tipo bonecas; para os bebês, a Secretaria fornecia aqueles brinquedos de borracha, emborrachados, choalhos, carrinhos, carrinhos de madeira, a maioria era tudo de madeira. E com o tempo a gente se desfez de tudo.

Mas tudo fornecido pela Prefeitura. As fraldas e roupas eram as mães que traziam. Na época, quando iniciou, nem tinha fralda descartável. Era de tecido e algumas que não tinham tanto poder aquisitivo traziam o que tinham em casa, pano, pedaços de roupa e calça plástica. Elas traziam na mochilinha a troca para o banho e iam embora com a troca que elas mandavam. Mas tinha a de uso daqui da escola, tinha uma reserva que durante o dia era usada da escola, a toalha de banho e as fraldas, tudo lavadinho, tinha a moça da limpeza que cuidava de tudo: a limpeza geral e a roupa.

Em termos de mudanças, desde que inaugurou até agora, a gente pode dizer que mudou tudo. E foi pra melhor. No começo achamos até meio estranho, porque [...] No começo a gente atendia as mães no portão e depois de um tempo as mães começaram a participar, a entrar na escola, a deixar o filho na sala de aula, a conhecer o espaço onde o filho ia ficar o dia todo, as pessoas com quem iam ficar, como era o trabalho, até mesmo chegavam a ver as atividades. E antes não, elas deixavam no portão e já viravam as costas e iam para o trabalho. Não tinham aquele contato com a pessoa que ia cuidar, com o lugar, o espaço que a criança ia ficar. Acho que nessa parte melhorou muito, e muito mais. O espaço aqui da

escola era uma sala só com todas as idades, depois se criou um espaço pra cada idade, fase I, fase II e fase III com as idades adequadas pra essa fase. E os brinquedos, a parte pedagógica, tem agora a formação dos professores. Antes era a orientação de alguém que passava as informações do que tinha que fazer e elas desenvolviam a partir do modo como elas tinham pra trabalhar, não era uma profissional mesmo, mas desempenhavam esse trabalho.

Tinha uma pessoa da Secretaria, a coordenadora, que passava mais ou menos uma vez por mês, eu acho que mais ou menos isso, e elas [as pajens e Serviços Gerais que atuavam com as crianças na época] desenvolviam as atividades com as crianças. Tinha um trabalho pra ser registrado, tinha uma data pra elas reverem o caderninho pra coordenadora vistoriar isso, mas não era uma coisa assim como as professoras que hoje tem um projeto. Eram atividades diversificadas, mas orientadas não como um projeto, então melhorou muito.

Mas esse trabalho que as meninas desenvolviam no tempo da assistência social me marcou. Elas não tinham um projeto, mas sempre finalizavam o ano letivo com um festival de danças com as crianças maiores. Então tinha uma professora de Educação Física, uma vez por semana, que vinha, passava a coreografia pras pajens e elas ensaiavam determinado tempo para que no final do ano apresentassem essa dança lá em São Carlos. Já foi realizado no teatro Diocesano, lá no Teatro Municipal [...] Então teve umas datas de finais de ano bem marcantes. Essas danças tinham um tema, cada ano era um tema, teve a dança das bonecas, teve a dança do café, e as mães que se empenhavam em fazer e confeccionar as roupas. Era fornecido o tecido, e elas colaboravam na confecção.

E tem mais uma coisa que eu queria dizer: hoje quando o aluno fica doente, a gente chama a mãe, mas antes na época da assistência, era assistencialismo, então tinha que a gente mesmo socorrer a criança. Socorria, se a criança adoecesse, se ficasse com febre a gente mesmo levava ao postinho, se fosse o caso de levar até São Carlos, até mesmo internação era a encarregada que tinha que acompanhar. Tudo isso, eu era responsável. Uma vez teve um aluninho que caiu na frente da escola, bateu a cabeça na quina do alambrado e cortou. Eu tive que levar pra São Carlos, pois no postinho não fazia ponto, tive que levar no pronto socorro e lá foram feito os pontinhos na cabeça. E outras coisas mais, teve criança com alergia do remédio, a mãe mandou o medicamento com a receita, e foi ministrado o remédio e em seguida apareceu os sintomas de alergia. Teve que levar correndo. Hoje não é mais assim. Hoje nem medicam mais na escola e eu acho que é melhor, porque tira a responsabilidade

da Saúde. Quando a criança está doente, a mãe e o pai é quem tem que cuidar, tem remédio pra tomar, a mãe e o pai têm que regular os horários certinho e dar, em casa.

Antes, a gente funcionava das 6h às 18h. Eram feito turnos com os funcionários. Todos trabalhavam período Integral. Iniciamos aqui trabalhando nove horas por dia, depois de um certo tempo passou pra oito horas⁷⁶. Hoje o atendimento é das 7h às 17h.

No início, a gente abria às 6h para atender as crianças que os pais trabalhavam na lavoura. A maioria dos pais trabalhava na lavoura, não tinha ninguém indo pra doméstica em São Carlos, não tinha ninguém pra firma em São Carlos, eram todas daqui mesmo para as lavouras daqui do Distrito. Era serviço pesado, corte de cana. Era muito sofredor para as mães montar num caminhão, sem proteção nenhuma, com aquelas roupas pesadas e ir pra roça.

Hoje não tem mais os trabalhadores rurais. Hoje acho que é bem pouco; acho que dois ou três. E hoje nem tem mais a agricultura. O maquinário substituiu tudo e melhorou a qualidade de vida também. Hoje elas vão para o trabalho de ônibus confortável, a vida melhorou bem.

E a escola hoje se encontra com vários lugares para as crianças brincarem. Na época, a parte externa era tudo terra, então as crianças ficavam, imagina, da cor da terra, e não por estar tão sujo, fazia parte né, é bom o contato com a terra. Mas hoje temos dois parquinhos, duas caixas de areia. Na época, era uma caixinha pequena, poucas opções de brincadeiras aqui fora.

76 Depois, a carga horária das pagens passou para 30 horas semanais, conforme estabeleceu o Estatuto da Educação do Município aprovado em 2006, sendo 28 horas semanais atuando com as crianças e duas horas semanais participando do HTPC (Horário de trabalho Pedagógico Coletivo), e sua função passou de pajem, à educadora. Hoje, em atenção ao que estabelece a Lei do Piso (Lei 11.738/2008), a carga horária semanal das educadoras é de 33 horas semanais, das quais 22 são desenvolvidas em interação com as crianças e 11 são desenvolvidas sem interação com as crianças, compreendendo Horários de Trabalho coletivo, individual e livre) e o tempo de permanência das educadoras nas creches hoje é de cinco horas diárias. Havendo um grupo de profissionais que atua no período da manhã e outro grupo que atua no período da tarde.

REFORMAS, ORGANIZAÇÃO E COMUNIDADE

Célia Massoli⁷⁷, Éder Edson de Carvalho.

Com a mudança de nomes de creche para CEMEI em São Carlos, por causa da mudança do Serviço Social para a Educação, Santa Eudóxia não mudou por dois anos. Foi então que, em 2002, eu trabalhei no CEMEI Dionísio da Silva.

Quando cheguei lá, havia começado uma reforma na parte estrutural da instituição, que levou praticamente o ano todo, e havia certa dificuldade em encontrar profissionais para trabalharem nessa escola. Quando as creches foram para a Secretaria de Educação, elas passaram por reformas. No Dionísio não foi diferente, quando cheguei em fevereiro de 2002, não havia parque para as crianças, houve toda uma mudança. Hoje, há dois parques. As crianças maiores usam o parque de cima, e as menores, o de baixo.

Quanto à comunidade, a grande maioria dos pais trabalhava na lavoura, então o horário era diferenciado, abrindo às seis da manhã por conta das mães cortadoras de cana. Quando fui para lá, a orientação era assim: mães que trabalham, a criança ficava período integral, e mães que não trabalhavam, era meio período. Nessa época, houve certa resistência por parte das mães, portanto, era algo que sempre precisava ser trabalhado. Às vezes, entrava como criança de risco, mas estava bem no começo essa história de creche para mãe que não trabalha, pois até então era só pra mãe que trabalhava. Quando passou a ser direito da criança, começaram os problemas e começou a ter certo conflito.

Como não vivenciei o período anterior à mudança, não sei ao certo como era. Mas estantes foram compradas para organizar os brinquedos e os espaços reformados pensando na criança.

⁷⁷ A entrevistada trabalha há 30 anos na rede municipal. Foi diretora por um ano do CEMEI Dionísio da Silva em 2002, e do CEMEI Ruth Bhloen Souto por quatro anos.

Tinha horário para tudo, era organizado: banho, comida, sono, horário de brincar no pátio, de atividade na sala, de música, de brincadeiras que aconteciam. Eu me lembro de uma professora fazendo árvores, montando atividades, tinha uma rotina, cada faixa etária com sua sala, seus horários. Foi até engraçado, uma vez liguei lá e ouvi uns chorinhos, e pelo horário, era de soninho, pois as crianças ficam um pouco irritadas quando estão cansadas.

O CEMEI atendia aos bebês, era B1 (berçário), B2 e Maternal 1. Eram três salas. O critério adotado para a matrícula: mãe que trabalhava e a criança de risco era período integral, se tivesse algo que comprovasse; e meio período para as mães que não trabalhavam.

Eu me lembro que tive muito problema com licença. Quando eu cheguei, fiz uma primeira reunião e logo algumas pessoas saíram, ou por motivos de doença ou por afastamento para cuidar de familiares, então não havia ninguém para substituir.

O PPP (Projeto Político Pedagógico) foi feito depois, em 2003 ou 2004, eu já não estava mais lá. O que tínhamos eram os planejamentos, mas o PPP foi feito depois. Até então, eu nunca tinha trabalhado em creche, então, a experiência das pessoas que já trabalhavam teve uma grande importância, pois elas estavam no cotidiano dos pequenos. Quando o estatuto começou a ser elaborado, pois ele é recente, eu apoiei as pajens que se esforçaram, estudaram e passaram a ser educadoras. Elas precisam de uma valorização do seu trabalho. Houve mudanças de concepção pedagógica e organização de trabalho.

Não conheci bem a época do Serviço Social. Mas percebe-se que quando você investe em alguma coisa, pois houve um grande investimento na educação, há melhora. E diferenciar educador e professor, eu não tive problemas no Dionísio. Eu me lembro de uma educadora, de admirá-la por fazer as crianças dormirem, ela ajudava na hora do soninho, era um dom maravilhoso. Pois quando eu peguei não estava estruturado, então aos poucos fomos adaptando, acertando.

Eu era assistente de direção no Keppe, com salário de assistente. Como eu costumava acumular dois períodos na Prefeitura, de 1987 até 1999, compensava mais acumular do que ficar como assistente. Então eu pedi pra sair, pois dobrando, ficando em sala de aula, eu ganharia mais. Até houve um ajuste de salário na época. Mas foi então que a Suzana pediu para sair, surgindo assim uma oportunidade, e fui pra Santa Eudóxia. Alguém me

indicou, não sei quem. Foi a Marina Palhares, uma pessoa muito humana, que me chamou. A Marina era uma grande batalhadora, conseguiu muita coisa. Fui ser assistente enquanto ela era secretária, depois fui como diretora no Dionísio.

Depois que saí do CEMEI Dionísio, eu fui para o CEMEI Ruth Bhloen Souto, como diretora. Quando, ainda, havia mudanças e rodízios de diretor. Fiquei lá durante quatro anos, na administração do prefeito Newton Lima, até a eleição do prefeito Barba. Foi então que pedi pra sair, porque uma das desvantagens do cargo de direção é que, por ser um cargo político, não é estável. A demanda do Ruth era muita de criança de risco, e todo momento tinha de falar com juiz. Essa responsabilidade é muito complicada. Mas eu gostei muito, foi uma experiência muito rica. Acho que fiz o melhor que pude.

OS ESPAÇOS, AS CRIANÇAS E OS PROJETOS PEDAGÓGICOS

Elaine Terezinha Turati Cavicchioli⁷⁸, Patrícia Helena Sudano,
Mirian Alvarez Rodriguez e Rubia de Oliveira Pierre Vaz.

De acordo com a LDB de 1996, as Prefeituras teriam tempo para adequar as creches, transformando-as em unidades educativas que até então eram assistencialistas, puramente assistencialistas, e com o que aconteceu em 1999, houve a mudança para a Educação. As nossas unidades não tinham estrutura, exerciam bem o trabalho de cuidar, a única preocupação dentro da unidade era que as crianças comessem, tomassem banho e fossem limpas para casa, arrumadinhas. Isso era a necessidade dos pais, também porque as mães queriam trabalhar e que ficassem num lugar seguro, não se tinha a preocupação do educar, do ensinar, a preocupação das mães era a segurança e o cuidado. E as unidades, por sua vez, tinham pessoas que não eram professoras, eram as antigas pajens, que exerciam esse papel muito bem e que cuidavam muito bem das crianças dentro das condições de trabalho. Havia um laço afetivo muito grande com essas crianças. As condições de trabalho eram bem precárias, porque as crianças não tinham brinquedos, não tinham espaço, uma sala adequada, não tinham um trabalho pedagógico dirigido, apesar de que muitas dessas educadoras desenvolviam trabalho pedagógico: ensaiavam danças, ensaiavam teatro, trabalhavam com as crianças com oficina de sucata, tinham festivais, não era um trabalho dirigido, mas eu percebo que havia essa preocupação de trabalhar com as crianças. As crianças de zero a três anos entravam na unidade logo pela manhã; as crianças entre quatro e seis anos frequentavam meio período numa unidade próxima, e às onze e meia as educadoras iam até a unidade buscar essas crianças para as creches onde elas ficavam até às cinco horas da tarde.

Eu comecei como diretora, em 1999, na Creche Ruth Bloem Souto. Houve uma reforma total, adequando os espaços, uma reforma no prédio, melhorando as condições de trabalho das funcionárias, melhorando as condições de higiene, melhorando o acesso dos pais na escola. Foi feita uma mudança muito grande, deixando o espaço mais agradável para

⁷⁸ Entrevistada. Foi professora da rede municipal desde 1986. Atuou como diretora do CEMEI Ruth Bloem Souto e do CEMEI José Marara, onde ficou até o ano de 2013.

as crianças, colocando os parquinhos para que elas pudessem desenvolver atividades, as salas de aula com os móveis, os banheiros com os vasos, as pias na altura das crianças, facilitando o trabalho e o acesso das nossas crianças.

Na Creche José Marrara também. O José Marrara é uma escola que fica num lugar de trânsito muito intenso, porque foram construídas as marginais em volta, e ela ficou ilhada, no meio das avenidas. Houve a mudança das escolas, de creche para CEMEI. Mas só mudar o nome não bastava, então precisava fazer mudança realmente. Ali no José Marrara o portão de entrada ficou na contramão da rua quando se vem da marginal, então o acesso dos pais era muito perigoso, era ônibus, era carro, as mães tinham que parar de um lado da rua para atravessar, para poderem ingressar na escola que tinha uma escada enorme. As crianças tinham que descer ali, cada mãe com carrinho de bebê tinham que subir uns 20 degraus com os carrinhos de bebê, tudo para ter acesso dentro da escola. Então, de imediato, a ideia foi fazer na área ao lado o estacionamento que já tinha sido feito, só que eles não tinham aberto o acesso para a escola, então foi aí que a gente fez uma rampa de acesso, colocou o portão, outra entrada. Assim, as mães vêm da marginal, entram com o carro no estacionamento e podem descer com o carrinho, do ônibus na esquina, ter maior acesso dentro da escola.

As salas eram muito amplas com 40, 50 crianças cada. Com a nossa proposta, essa transformação do assistencialismo, do cuidar para o cuidar com o educar, nós diminuimos o número de crianças do CEMEI José Marrara. Eram 160 crianças de zero a seis anos, e nós passamos a atender cerca de 90 crianças de zero a três anos. Com as salas com o número adequado, de acordo com os parâmetros de Educação tentando trabalhar dentro do número adequado de zero a um, de um a dois e de dois a três anos, os espaços foram readequados, colocamos divisórias, trouxemos móveis, brinquedos, reformamos os banheiros, reformamos os parques, pintura, as cortinas, material de higiene; a cozinha também foi equipada com louças, com eletrodomésticos. Tudo pra que melhorasse a qualidade de trabalho dos funcionários e que atendesse melhor as crianças. Foi tudo rápido porque junto com isso sempre houve formação continuada dos professores, as educadoras começaram a participar de vários tipos de formação e cada vez mais se inseriu o projeto pedagógico, o trabalhar, o cuidar e o educar juntos dentro de uma unidade. Foi feito também o curso de magistério para todos os educadores que não tinham formação, depois foi oferecido o curso de Pedagogia, então todos os professores, todos os educadores puderam ter acesso à formação. O que também foi uma grande melhoria dentro das unidades no trabalho pedagógico. Quando você começa a

realizar um trabalho pedagógico, e aí junto com tudo isso também foi feito um trabalho de aproximação da comunidade, de valorização da comunidade, de se perceber a necessidade da comunidade que a gente atendia, quais eram as dificuldades do bairro, as dificuldades de acesso desses pais e a valorização dos pais, trazendo esses pais para a escola através das festas. A gente fazia cada festa!

A gente fazia umas festas imensas, trazendo a comunidade pra dentro da escola, valorizando a participação dos pais. Começou com reuniões de pais, oficinas que os pais participavam, as festas. Hoje eu acredito que há muito que se fazer ainda, mas acho que nós já demos um passo muito grande dentro das nossas unidades.

Sobre as crianças que frequentam as creches, no começo tinham um perfil assim: a maioria eram crianças filhas de empregadas domésticas, sem carteira assinada ou eram diaristas, eram poucas crianças que a mãe tinha um emprego melhor ou que tivessem uma formação maior. Hoje, temos dentro das unidades os filhos dos comerciantes do bairro, filhos de professores da rede, filhos de estudantes da USP, da Federal [UFSCar], que procuram a nossa unidade, que querem vaga, a demanda aumentou muito por isso, as pessoas de fora, a comunidade de fora percebeu que houve uma mudança ali dentro e que essa mudança estava aberta a todos. Tanto que ali no bairro mesmo só tem uma escolinha particular. Não têm várias escolinhas ao redor porque as mães ali, eu percebia, davam preferência para nossa escola, inclusive vários diretores de governo, secretários de governo tinham os filhos na nossa escola, porque isso era um trabalho de oito anos no José Marrara.

Eu nunca vou me esquecer, logo no começo, tinha uma moça que sechamava Roberlania. Ela passava com carrinho de supermercado com duas crianças pequenas dentro, ela catava papelão na rua. Um dia, eu estava saindo no portão e eu perguntei para ela por que ela não matriculava as crianças na creche. E ela respondeu: “Pode?”. Então, aquele dia foi pra mim um choque porque a gente pensa que está aberto a tudo, a todos, mas ainda têm pessoas que se sentem discriminadas. Ela era negra, pobre, não tinha um emprego. Eu percebi o quanto essas crianças não tinham acesso à educação, não tinham acesso a frequentar uma escola. No nosso país, além das dificuldades econômicas, também tem uma carga de preconceito, uma coisa que eu avaliava no começo, a maioria das mães que eram registradas era branca, as que tinham carteira assinada. Apesar de termos uma grande maioria da nossa população negra dentro das nossas unidades, quantas mães negras nós atendemos? Quantas

crianças negras nós atendemos? Porque se tinha o preconceito das mães, as que eram negras tinham uma condição financeira menor, a escolaridade menor, não conseguiam um emprego fixo, então essas mães eram prejudicadas com isso também.

Antes, para ter vaga, a mãe tinha que estar registrada ou com a cartinha da patroa, todo mês atualizava o cadastro. Quando houve essa mudança, as mães começaram a perceber que a escola, a antiga creche, não era mais para atender as mães, mas para atender as crianças, a escola era um direito da criança, então, independente da mãe ter trabalho ou não, da mãe precisar ou não, a criança tinha o direito de frequentar a escola, meio período ou período integral. Então, o Estatuto da Criança e do Adolescente vem completar isso, que a escola é um direito da criança. E quanto às nossas crianças entre zero e seis anos, não tem como você não conciliar o cuidar e o educar.

Então, o professor que trabalhou com essa idade entre zero e seis anos, foi ciente de que a criança precisaria de cuidados, e também do educar, então não dá para você trabalhar só a parte pedagógica com as crianças, o professor também ficou responsável pelo atendimento, pelos cuidados físicos da criança, pelo banho, alimentação, os cuidados de higiene, mais o trabalho pedagógico com suas crianças.

Em 2008, nós fizemos um projeto na escola toda sobre a diversidade, ressaltando que em 20 de novembro se comemora o dia da consciência. Todos os professores participaram, das suas formas, e nós mandamos o projeto em nome da escola, foi como categoria escola e nós ganhamos em 1º lugar entre zero e três anos. Foi reconhecido o nosso trabalho, falando sobre a diversidade dentro da escola, trabalhando com crianças entre zero e três anos. Em 2008 não havia muitos trabalhos apresentados nessa área, a maioria da educação infantil era entre quatro e seis anos, e o nosso trabalho foi bem pioneiro, tanto é que fomos convidados para fazer o programa da TV Futura. Fizemos um programa de 40 minutos, num total de dez programas falando sobre a diversidade dentro das unidades de 0 a 100. Os programas foram feitos no Brasil todo, em todas as faixas etárias, inclusive no EJA (Educação de Jovens e Adultos). Aqui na cidade, tinha uma senhora de quase 100 anos que frequentava o EJA. Então, foram feitos em todo o país programas sobre todas as faixas etárias, sobre as comunidades, como era o acesso, sobre a diversidade dentro dessas escolas. O nosso foi entre zero e três anos, e São Caetano entre quatro e seis anos; os dois na categoria Educação Infantil. Isso foi uma grande realização, porque foi um trabalho em equipe. Eu percebo que houve

grande mudança dentro da unidade, os professores se dedicando, tendo outro olhar para essas famílias, essas famílias começaram a valorizar nosso trabalho e foi muito divulgado, aliás, foi mais valorizado fora da cidade do que dentro da nossa própria cidade. Na rede não foi muito divulgado, depois eu fui convidada para apresentar o nosso projeto no Mackenzie em São Paulo, fui duas vezes pra lá participar do congresso. Fui eu, a Gabriela e a Cícera. Houve outro projeto, que a Gabriela e a Cícera escreveram; ficamos em 2º lugar a nível nacional no Projeto Leitura, ganhando o Prêmio Viva Leitura, com o projeto que as crianças vivem na escola. Nós perdemos para um professor da Amazônia.

Foi um trabalho que foi crescendo aos poucos com a participação de todos. Foi tudo acontecendo e a gente foi correndo atrás, trabalhando com as pessoas e correndo atrás do aspecto físico, do aspecto pedagógico, então eu acho que até agora continuamos nessa luta.

Eu fico muito feliz de ter tido a oportunidade de trabalhar nessas unidades. Não sei se eu fui a melhor diretora ou a pior diretora, mas eu tenho a certeza de que eu fiz a diferença na vida de muitas pessoas, de muitas mães, de muitas crianças que tiveram a oportunidade de ficar o dia todo num ambiente melhor, mais agradável, de ser respeitado como pessoa, como cidadão, de ter sua família valorizada. Eu fico muito feliz de ter tido a oportunidade de ter trabalhado com essas crianças, de ter trabalhado com os professores, de ter trabalhado com as educadoras. Sem elas eu não teria conseguido mudar nossas unidades, porque elas faziam tudo dentro das unidades, e quando as unidades passaram para a educação elas arregaçaram as mangas e assumiram esse compromisso com os diretores. Então, é uma história de trabalho, uma história de dedicação que não pode ser esquecida. Eu fico muito feliz de ter ficado 14 anos como diretora, agora eu voltei para a sala de aula e percebo que estou tentando fazer a diferença na vida dessas crianças também; é uma clientela que eu já conheço, um bairro onde as crianças são pobres, a maioria dos pais ali onde eu trabalho tem influência do tráfico, uma grande parte das mães são prostitutas, é uma realidade muito difícil a que eu vim trabalhar agora, e eu espero fazer a diferença ainda na vida dessas crianças. Uma avó falou para mim: “a mãe do fulano foi para a maternidade com o cachimbo de crack na boca”; então eu acho que tenho muito o que fazer ainda por essas crianças que eu estou trabalhando atualmente.

A CRECHE NÃO PODIA MAIS SER UM DEPÓSITO DE CRIANÇAS

Marcia Cristina Martinez⁷⁹, Cássia Aparecida Romanelli
Vicente Dragana, Elisabeth Camarino Ricci Toniolo, Kenia
Fidelis Leal de Moraes de Angelis, Aparecida Andressa Costa
Gregório Ferreira, Leiliane de Almeida Lopes Santos, Marcela
Quintal Fernandes dos Santos e Maria Raquel Lopes Solci
Negrini.

Como encarregada, eu era responsável pela parte administrativa de crianças, família e funcionários. Eu fazia o levantamento das famílias que realmente precisavam da creche, se a mãe realmente trabalhava ou não, fazia visitas com a assistente social; a lista de espera era muito grande. Quanto às funcionárias, acompanhava a folha de ponto e tentava resolver alguns problemas que elas tinham, assim elas trabalhavam mais tranquilas, porque eu sabia que o trabalho delas era difícil e cansativo.

Quando iniciei o trabalho era tudo novo para mim, não tinha experiência nenhuma. Fui contratada para trabalhar e aprendi com o tempo. Os meus primeiros dias foram bastante difíceis, cada funcionária queria falar uma coisa, barulho de criança o dia todo, criança chorando. Fui aprendendo na prática, fui várias vezes para o pronto socorro, tive muitos problemas, mas não deixei a peteca cair, abracei a creche e fui administrando com muito sacrifício, no início.

A idade das crianças era de quatro meses até entrar na escola com sete anos. Eu dava prioridade à mãe que tinha filho na creche para colocar o irmãozinho. Quando a mãe ficava grávida, já colocava o nome da criança na lista de espera. Quanto ao perfil da criança, avaliava a mais carente e baixo peso e, obviamente, a mãe que trabalhava.

As funcionárias não tinham preparo nenhum pra isso, elas só cuidavam das crianças, davam café da manhã, almoço, café da tarde e o sopão, além do banho, e não deixava as crianças brigarem, essa era a tarefa delas. Eu, como encarregada, avaliava se elas tinham

79 Encarregada de creche de 1984 até 1995. Hoje ainda é funcionária da Prefeitura e trabalha como guarda municipal.

condições pra isso ou não, trocava as funções caso não julgasse o trabalho adequado. Como todas eram contratadas como Serviços Gerais, as encarregadas podiam colocá-las na função mais adequada.

Hoje me lembro do quanto era tudo mais difícil, não havia a separação por fases como há hoje em dia. Na época, os bebês ficavam no berçário até os dois anos e meio, quando saíam das fraldas. A rotina do berçário era assim: Eles tomavam mamadeira, hora da troca e hora do almoço, trocava novamente e depois brincar. Uma tia levava todos para o sol, a outra limpava o berçário e tinha a tia que ficava só na mamadeira, lavando roupa, fazendo esse tipo de coisas. Cuidava por extinto maternal. Elas cuidavam dos bebês porque gostavam, elas amavam as crianças, cuidavam direitinho, davam remédio, trocava toda hora, tomavam o maior cuidado com todos os bebês. Era tudo separado, os bebês só ficavam junto com os maiores na hora do almoço.

Havia uma sala com crianças de três a quatro anos e outras salas de cinco e seis anos. Havia duas educadoras por sala. As crianças de seis anos frequentavam a sala de aula dentro da creche, uma turma no período da manhã e outra no período da tarde. Além das crianças da creche, vinham crianças de fora do bairro, tanto de manhã quanto à tarde. Quando todas as crianças chegavam, as turmas faziam filas para entrar, filas para ir ao refeitório, e quando chegava todo mundo a tia fazia uma fila com suas crianças. A rotina dos grandes era a seguinte: café da manhã, saíam para brincar até a hora do banho, todos eles tomavam banho, punham a roupinha deles, eles já eram grandes, já sabiam qual era a sua mochila, a sua roupa, as tias ajudavam a pôr a roupa dentro da mochila e todos eles traziam uma troca de roupa, então eles saíam limpinho de lá, tomavam o sopão e ficavam ali aguardando, metade em uma sala e metade em outra, conforme a mãe ia chegando saíam com a mochila.

Uma época muito complicada foi no mandato do prefeito Vadinho⁸⁰, com a secretária Maria Lurdes Misselli. Para ela, a creche não podia mais ser um depósito de crianças. A parte pedagógica começou a ser inserida para as crianças de três e quatro anos. A secretária achava que a criança não tinha que ficar na creche o dia todo sem ter uma ocupação, que a prioridade não era dar comida, dar banho, nada disso, ela achava que tinha que entrar uma parte pedagógica na creche.

80 Neurivaldo José de Guzzi, prefeito de São Carlos de 1989 a 1992, pelo PTB.

Aos poucos foi adaptando, porque as funcionárias tinham que ter um aprendizado, eram pessoas simples, não estavam preparadas para dar nenhum tipo de atividade para as crianças. Elas sabiam cuidar, davam amor, cuidavam direitinho, mas essa parte pedagógica era muito difícil.

As funcionárias passaram por treinamentos, faziam capacitação para poderem dar atividades para as crianças, o que foi muito difícil, pois mudar a cabeça das funcionárias não foi fácil, e a ideia não era trocar as funcionárias, e sim aproveitar as que já estavam lá, a mão de obra que já estava, elas gostavam das crianças, gostavam de trabalhar, a gente achou melhor capacitar do que colocar gente de fora, porque não tinha concurso ainda. Foi mudando também esse conceito de abrir concurso para pajem, para colocar pessoas de um nível um pouquinho melhor.

Assim as tias das turmas de três, quatro, cinco e seis anos davam trabalhos pedagógicos para as crianças, faziam uma série de coisas que elas não estavam acostumadas e, por isso, também o foi difícil selecionar as funcionárias de dentro da creche. Já era difícil o trabalho, muitas tias foram saindo da creche para fazer o curso, um dia saiam duas, no outro saiam três, e assim sucessivamente, as que ficavam estavam sobrecarregadas, então essa parte foi muito complicada.

Nesta época, resolveram separar a EMEI. Transferiam salas para a EMEI Osmar Stanley⁸¹. Tivemos mais dificuldade, porque essas crianças nós tínhamos que levar na EMEI, buscar na hora do almoço e levar depois do almoço. Não era tão perto, a gente tinha que pegar duas tias, eu ia sempre junto, pegar uma servente para ajudar a tomar conta dessas crianças, porque a gente ia com elas na rua, fazia uma fila e ia embora, atravessava o Bicão e levava as crianças para a EMEI.

Foi difícil também lidar com essa mudança com relação às mães. Elas tinham um conceito de que as crianças deveriam sair trocadinhas, limpinhas da creche, elas não queriam saber de trabalho pedagógico, não queriam saber de nada, a ideia era que a criança ficasse o dia inteiro na creche, e fosse limpinha para casa.

81 Refere-se à então EMEI Osmar Stanley de Martini, localizada no bairro Boa Vista. De acordo com dados da Prefeitura Municipal de São Carlos, a instituição atende moradores e moradoras da Boa Vista, bem como dos bairros Redenção, Jardim Medeiros, Botafogo, Jardim das Torres, Vila Carmem e Zona Rural, hoje denominada CEMEI Osmar Stanley de Martini. Fontes: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/nossas-escolas/157347-cemei-osmar-stanley-de-martini.html> e <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/nossas-escolas/159231-cemei-mon-senhor-alcindo-siqueira.html>

Quando a gente começou a mudar isso, foi difícil porque as mães não queriam saber. Alguns irmãos com idades diferentes foram separados, e as mães tiveram dois trabalhos, levavam os bebês para a creche, e os mais velhos para a EMEI. Elas se acostumaram àquela rotina da gente fazer tudo, cuidava da criança, dava remédio, mandava a criança bem alimentada e bonitinha para casa, arrumadinha. Mas com o tempo a gente foi fazendo reunião, mostrava os trabalhos que as crianças faziam, como as crianças estavam se desenvolvendo, então foi amenizando um pouquinho.

Foi difícil para todo mundo, para as funcionárias, para as mães, para a parte da assistência social que na época era responsável por tudo.

Foi tudo separado, quem era da limpeza ficou só na limpeza, quem era merendeira só na merenda, as pajens exerciam a função pedagógica, só no berçário que tinha três tias e elas tomavam conta de tudo, até da limpeza, porque os bebês não faziam trabalhos, os trabalhos deles eram mais de montar os bichinhos, chocalhinhos, não tinha parte prática.

Todos esses serviços, essas mudanças, eu tive que ir lidando com encarregada, era mais ou menos 80 crianças, e até a parte médica eu tinha que dar conta, pois quando a criança ficava doente dentro da creche a gente era instruída pelo médico para dar os remédios. Eu lembro mais ou menos isso, que o médico ia lá, e a gente dava remédio de verme para todo mundo, o médico receitava e a gente dava para todas as crianças, tinha lá remédio de febre, a gente dava vitamina também.

Se a criança já vinha com febre, a gente não aceitava. Só se a criança ficava doente eu dava remédio, só que a mãe tinha que resolver o problema, por exemplo, o piolho. A gente fazia uma revista uma vez na semana, com piolho não podia entrar, até eu peguei piolho.

A gente fazia conforme achava que era o certo para as crianças. Eu pensava no bem-estar das crianças ali dentro, no melhor pra eles. A gente trabalhava da hora que chegava até a hora que ia embora. Eu não tinha tempo pra pensar em mais nada. A gente se dedicava ao máximo.

Eu tinha autonomia para eu fazer o que eu quisesse. Por exemplo, uma festa junina na creche eu podia fazer. Caso eu arrecadasse algum dinheirinho, eu usava para comprar as

coisas para as crianças, brinquedos, etc. Comprava e mandava a nota lá para a Prefeitura. Eu ia ao mercado, fazia toda a compra do mês. Às vezes encontrava outras encarregadas e a gente fazia a compra de tudo o que precisava: material de limpeza, açúcar, tudo, enchia de sete a oito carrinhos. A gente tinha livre arbítrio para fazer isso. Ia ao mercado municipal e comprava toda a verdura da semana: tomate, batata, cebola, tudo.

A gente também definia o cardápio. O açougue também; uma vez na semana ligava para o açougueiro e fazia o pedido: “Ai, eu quero cinco de carne moída, cinco de carne de panela”. A criança acabava de tomar o sopão e chupava uma laranja, ou comia uma maçã, banana. Todos os dias. A banana era um complemento depois do almoço para os bebês.

Naquela época, eu cuidava de tudo e de todos; das crianças, das funcionárias, das mães. Eu trabalhava como encarregada da creche e procurava ajudar todo mundo. A maior dificuldade nossa eram as mães, a cobrança das mães, por isso eu falo, foi um trabalho de formiguinha. Às vezes sobrecarregava demais, eu fazia a matrícula, o livro de ponto, resolvia problemas com as faltas, atestado, tudo eu mandava.

A assistente social ia uma vez na semana, passava a tarde para resolver algum problema. A gente fazia visita nas casas para saber se realmente as mães trabalhavam para fora. E quando havia alguma denúncia que a mãe não estava trabalhando, a gente dava um prazo para arrumar emprego.

Eu procurava ajudar todo mundo. Ajudava todas as funcionárias que vinham com problemas. Eu achava que se elas estavam bem, o trabalho também estaria. Agora, se elas vinham cheias de problemas, aí elas não iam ter como cuidar das crianças, porque tinha que ter muita paciência. Era pouca gente e muita criança.

Todas essas lembranças ficaram registradas na minha memória e nas fotos, e tudo ficou na creche, eu não trouxe nada, só trouxe as boas recordações.

A EDUCAÇÃO INFANTIL E AS SUAS PROFISSIONAIS

Andrea B. Moruzzi e Cleonice Tomazelli

Ao longo da história da Educação Infantil no município de São Carlos, é possível observarmos uma diversidade de formas de nos referirmos às pessoas que cuidavam e educavam as crianças nos espaços oferecidos pela Prefeitura para este fim, bem como uma diversidade de nomes dados a estes espaços. Ao longo deste livro, vimos referências aos Serviços Gerais, pajens, educadoras, professoras e agentes educacionais que atuaram em creches, em CEMEIs, que levavam as crianças para as escolas-parque, para as EMEIs. Algumas delas, com Ensino Fundamental incompleto, outras com magistério de Nível Médio, com Licenciatura e até especialistas. Apesar de todas essas diferenças, há algo em comum entre essas profissionais: em sua grande maioria, são mulheres.

No início da trajetória da educação das crianças pequenas, eram exclusivamente elas que cuidavam das crianças, e eram as mulheres porque realmente se concebia que esta atividade de cuidado era específica do sexo feminino. Pouco se exigia destas em termos de formação, e pouco se exigia para além do cuidado das crianças. Entretanto, este cenário começa a mudar na década de 1980, e com o passar do tempo alguns homens começam a se interessar pela carreira do Magistério da Educação Infantil.

Ao discutirmos a formação de professoras da Educação Infantil, duas mudanças políticas imediatamente surgem em nossas lembranças: primeiro, a Constituição de 1988 que afirma o direito à educação das crianças pequenas como direito da criança e não mais dos adultos – pai ou mãe trabalhador/a. E segundo, a LDBENacional de 1996, que insere a Educação das crianças pequenas ao nível da Educação Infantil e a define como primeira etapa da Educação Básica.

Estas mudanças políticas e legislativas impactam na forma de conceber e pensar o profissional que atua com as crianças pequenas. Pode-se dizer que até a década de 1990, os profissionais que trabalhavam com crianças entre zero e três anos de idade nas creches, em

sua grande maioria, não tinham formação superior, e em muitas circunstâncias não tinham nem o Ensino Médio. Esta falta de exigência com a formação destes profissionais existia porque se atribuía à creche um caráter assistencialista no qual prevaleciam orientações sobre higiene, cuidados com a alimentação das crianças e outras medidas que tentavam suprir a pobreza e “compensar” assistencialmente àquelas crianças de origens pobres. Por outro lado, os profissionais que trabalhavam com as crianças entre quatro e seis anos de idade tinham majoritariamente o curso de Magistério e uma parte significativa com Curso Superior, e as crianças que frequentavam a pré-escola eram também de classes sociais mais elevadas. Esta diferenciação pode ser compreendida à medida que as creches, sendo uma extensão dos asilos, atendiam crianças pobres e a mentalidade da época entendia que aos pobres bastavam cuidadoras com uma formação limitada e precária como tratamento. As pré-escolas, por sua vez, atendiam as crianças de classes abastadas, porque eram uma extensão dos jardins de infância formados no Brasil no final do século XIX e início do século XX.

A entrada das creches no âmbito da Educação, e das creches e pré-escolas no âmbito da Educação Básica provocou uma reviravolta no sentido de atribuir um aspecto educativo ao que antes era atribuído um caráter meramente assistencial. Esta mudança garantiu em termos legais uma igualdade nas condições de atendimento, tanto para crianças de classes sociais elevadas quanto para crianças de classes sociais baixas. E a década de 1990 foi importante neste sentido, atribuindo ao profissional da Educação Infantil o papel de cuidar e educar as crianças, de forma indissociável.

Conforme as mudanças sociais ocorriam, a Educação repercutia tais mudanças na organização e funcionamento do atendimento à criança pequena, mas reconhecemos que a história da Educação Infantil surge de uma perspectiva assistencialista, e atravessada pelos movimentos das organizações, grupos e sujeitos sociais e suas demandas. Relacionada às concepções de infância e à notoriedade da criança como sujeito de direitos, vai se construindo enquanto política pública que visa atender às necessidades educativas, inicialmente do zero aos seis anos e, atualmente, por mudanças nas políticas educacionais, até os cinco anos de idade.

É possível identificar nas políticas mencionadas que passou a existir a preocupação com a educação da criança pequena em um espaço institucionalizado. Esta demanda fez com que fosse necessário instituir políticas que regulamentassem e orientassem as práticas

educativas nestes espaços, assim como a formação e a seleção dos profissionais para este trabalho.

Nesta direção, a Lei de Diretrizes Básicas da Educação Nacional (LDBEN/1996) passou a exigir a formação superior em cursos de Licenciatura para este profissional, entretanto, abriu brechas para que fosse criado o chamado “Curso Normal Superior”. Esta modalidade de formação foi muito criticada durante seus primeiros anos de existência.

Ao ser considerado um nível de ensino e primeira etapa da Educação Básica, foi preciso também construir orientações curriculares para a Educação Infantil. E, neste sentido, foram produzidos documentos que serviram, e depois de revisados e atualizados, têm servido para orientar as práticas da Educação Infantil, tanto nas creches como nas pré-escolas. Os mais discutidos são os Referenciais Curriculares Nacionais de Educação Infantil, publicados em 1998, e as Diretrizes Curriculares de Educação Infantil de 1999. Embora estes textos tragam noções em torno do lúdico e das brincadeiras, não são poucas as críticas que se fazem sobre eles. A principal crítica é a de que estes primeiros documentos estão muito próximos às práticas da escola das crianças maiores, e não conseguem afirmar a especificidade da etapa da Educação Infantil, pois os aspectos do “ensino de conteúdos” dificultam a construção da identidade docente deste profissional que se dedica às práticas educativas com as crianças menores de seis anos. Uma das principais características desta identidade é a educação integrada ao cuidado como respeito às necessidades de aprendizagem e de desenvolvimento das crianças pequenas.

O ideal seria manter um equilíbrio entre estes aspectos, e que fosse construída uma perspectiva de ensino para a Educação Infantil com a especificidade desta etapa. É importante entender que cuidar não é uma tarefa menor, e que esta faz parte do trabalho do profissional que atua com a criança pequena. Também é importante entender que “ensinar” na Educação Infantil não é, ou não deveria ser, o mesmo que ensinar no Ensino Fundamental. E que estas diferenças também constroem a qualidade desse atendimento à medida que estrutura os ambientes e organiza situações em que as interações entre as crianças, e destas com adultos e materiais, permitem a ampliação da experiência das crianças em relação ao conhecimento de si, dos outros e do mundo.

Respondendo a esta afirmação da diferença e especificidade em relação à educação escolar das crianças maiores de seis anos de idade, simultaneamente ao fortalecimento da ideia de que a criança pequena é capaz, é competente para a aprendizagem e as interações,

foram propostas diretrizes para a formação do licenciado em Pedagogia que indicam as especificidades do trabalho pedagógico das etapas escolares da Educação Infantil e dos anos iniciais – entre zero e dez anos de idade. As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, de 2006, começaram a ser construídas neste movimento de constituição da identidade docente sob a perspectiva do cuidado e da educação, bem como das necessidades específicas para o profissional formado em Pedagogia trabalhar com crianças entre zero e dez anos.

A especificidade da formação do educador da pequena infância vai surgir com maior destaque nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, publicadas em 2009, com forte ênfase no cuidar e educar. Estas novas diretrizes afirmam que os eixos principais do currículo da Educação Infantil são a “Interação e a Brincadeira”. O que se exige do profissional a partir de então é uma ação que integre o cuidar, o educar e o brincar. Sim, o brincar faz parte da Educação Infantil. Brincar também não é uma atividade menor, assim como o cuidar não o é. Há inúmeros estudos sobre a importância do brincar para o desenvolvimento da criança em seus aspectos físicos, motores, emocionais, cognitivos, e o quanto o desenvolvimento destes aspectos influem nas aprendizagens posteriores que ocorrerão no Ensino Fundamental, por exemplo. Limitar ou impedir a brincadeira é cercear significativas vivências da criança e do desenvolvimento.

O que se observa é que este documento ainda não está fortemente aderido nos Centros Municipais de Educação Infantil. Muitos municípios não atualizaram a orientação legal e continuam usando os Referenciais Curriculares Nacionais de Educação Infantil, de 1998, como documento principal de orientação aos professores. Entretanto, os municípios que buscam se adequar às legislações atuais já incorporam as, de DCNEI/2009 (Resolução Nº 5, de dezembro de 2009), como documento central. Isto significa pensar na formação do profissional que atua na Educação Infantil de forma a integrar o cuidar, o educar e o brincar, e construir experiências que promovam a interação entre os elementos que se integram a estas atividades, tais como as descritas nas Diretrizes, de 2009.

Nesse sentido, a formação especializada para a Educação Infantil tem papel relevante, pois a partir da Constituição Cidadã (1988) e da LDBEN (1996) a criança passou a ser concebida como sujeito de direitos e, mais recentemente, como centro do planejamento e das práticas pedagógicas na Educação Infantil (DCNEI/2009).

Assim como o atendimento institucionalizado da criança pequena foi assumindo diversas formas ao longo do tempo, também as exigências e as características da formação para o profissional que trabalha com a faixa etária entre zero e cinco anos e onze meses foi mudando, politicamente e pedagogicamente⁸². Por isso, afirmamos que a Educação é compreendida como fenômeno histórico relacionado aos fatos sociais que produzem as mudanças e são produzidos por elas, inclusive na configuração do trabalho das professoras e professores da pequena infância. Dentre estes, o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, as transformações nas famílias, novas concepções e representações acerca da infância e outros.

O reconhecimento de que a criança pequena tem necessidades específicas de desenvolvimento, de aprendizagem, de interações, de afeto, de educação e de cuidado também foi sendo alcançado à medida que o conhecimento sobre a educação das crianças avançava, se especializando e se afirmando como área específica da Educação em geral, e da política educacional em especial.

Por isso, a formação necessária para trabalhar com a criança na Educação Infantil foi sendo modificada, ao mesmo tempo em que se modificavam as concepções sobre a criança e suas diferenças em relação à educação do Ensino Fundamental. Assim como a concepção da criança capaz e dotada de inteligência desde o nascimento vem produzindo outros estudos que, ao longo das décadas, vêm contribuindo, cada vez mais, para dar voz e vez às crianças.

Assim, percebemos que no âmbito municipal, além de políticas voltadas para a implementação, organização e orientação do atendimento educacional, há o reconhecimento de que o trabalho que as profissionais da Educação Infantil outrora desenvolviam vai sendo afetado e modificado em função das mudanças que ocorrem nas concepções sobre crianças, infâncias, desenvolvimento e aprendizagem na escola; as exigências aos docentes também mudam e sofrem alterações em função da formação e da especialização das/os profissionais da Educação Infantil.

E, nesta direção, reafirmamos a importância da formação para as/os profissionais da Educação Infantil. Principalmente a formação continuada - que é uma oportunidade de reflexão a partir das práticas educativas sobre as especificidades do atendimento escolar para

82 Lei nº 11.114, de 16 de maio de 2005 – torna obrigatória a matrícula das crianças de seis anos de idade no Ensino Fundamental. Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 – amplia o Ensino Fundamental para nove anos de duração, com a matrícula de crianças de seis anos de idade e estabelece prazo de implantação, pelos sistemas, até 2010.

as crianças pequenas, e sobre as necessidades formativas que dão sustentação para o trabalho qualificado nesta etapa como a primeira etapa da Educação Básica.

Como campo do conhecimento que se consolida, a Educação Infantil precisou ser pensada em várias dimensões, desde a faixa etária de atendimento a que se destina às condições de acesso, à estrutura física das instituições, à formação de professores, bem como no que se refere à qualidade deste atendimento.

Estes são aspectos contemplados de modo progressivo e diferenciado nas políticas educacionais, os quais têm sido destacados como prioridade, a fim de atender as demandas das crianças e das suas famílias nas realidades vivenciadas na sociedade brasileira.

Por isso, percebemos o quanto as medidas que vem alterando a preparação e a formação profissional das professoras e professores da Educação Infantil estão relacionadas às mudanças nas concepções sobre as crianças e seus modos próprios de viverem sua infância. E gerando impactos sobre o trabalho realizado no dia a dia das creches e pré-escolas, exigindo que novas ações sejam realizadas, respondendo às outras necessidades a serem supridas com novas estratégias políticas.

Por fim, reiteramos que a “Educação Infantil é um direito da criança” e que, independentemente da diversidade das suas condições e características étnicas e sociais de origem, de credos religiosos e de condições materiais das famílias, esse atendimento deve ser de qualidade.

Este fato político e legal nos faz perceber o quanto as professoras e professores, e demais profissionais também são exigidos em seu trabalho, e buscam conhecer as demandas e as exigências contemporâneas para atuarem com as crianças pequenas; e o quanto estes profissionais têm se tornado cada vez mais capacitados para esta profissão.

É importante que se reconheça e que se valorizem estes profissionais investindo mais em sua formação e capacitação. Ao mesmo tempo, nós mães, pais, familiares e/ou responsáveis pelas crianças, e usuários da Educação Pública Municipal, precisamos partilhar, opinar e colaborar com estes profissionais no sentido de reconhecermos o trabalho por eles realizados e estarmos juntos para fazer da Educação Infantil pública um espaço coletivo de educação de qualidade, que represente as famílias e a diversidade cultural existente, bem como que atenda às demandas e exigências legislativas atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito de fazer este livro era o de registrar, reunir e compartilhar as memórias das pessoas que participaram ativamente dos processos de educação e cuidado das crianças pequenas na cidade de São Carlos.

As histórias aqui contadas trazem os impactos das políticas públicas no cotidiano das creches são-carlenses. Mostram as mudanças vividas pelas crianças, suas famílias e educadoras no que diz respeito ao atendimento oferecido; mudanças nos modos de conceber as crianças e a sua educação. Algumas dessas mudanças já estão consolidadas e outras ainda estão em disputa.

Deste modo, o documento final da CONAE (Conferência Nacional de Educação) 2010, tendo em vista a obrigatoriedade da Educação Básica a partir dos quatro anos de idade, indica que: “O Brasil não pode correr o risco de deixar de priorizar o aumento de matrículas na etapa da creche em favor da expansão das matrículas na pré escola” (BRASIL, 2010, p.68). O documento aponta, ainda, a necessidade de ampliação dos investimentos em formação de professores para a Educação Infantil e de recursos financeiros para esta etapa da Educação, por parte do Poder Público.

No entanto, nem todas as questões apontadas pelo documento final da CONAE 2010, podem hoje ser encontradas no Plano Nacional de Educação, homologado em 2014. Este Plano pretende universalizar até 2016 a Educação Infantil para crianças de quatro a cinco anos e atender, no mínimo, 50% das crianças até três anos até o final da vigência do PNE. Para tal, estabelece como metas promover a formação dos professores, garantindo, progressivamente, o atendimento por profissionais com formação Superior. Entretanto, não estabelece medidas para ampliação de investimento, conforme sugerido pela CONAE.

Em meio a todo esse debate sobre formação e investimento, encontram-se as trabalhadoras, as famílias e, especialmente, as crianças, grandes protagonistas dessa história cotidiana. São essas vozes que precisam se fazer ecoar. São essas as vozes que pretendíamos registrar e perpetuar. São essas pessoas que fazem o cotidiano da Educação e que sentem de modo mais intenso o impacto das políticas de Educação Infantil implementadas pelo Governo. Pessoas com muitas histórias para nos contar.

Chimamanda Ngozi Adichie diz que nós somos impressionáveis e vulneráveis em face de uma história. Por isso, nos alerta sobre os perigos de uma história única, que ao ser repetida várias vezes é tida como a única verdade sobre um fato. Segunda a escritora, “A única história cria estereótipos, e o problema com estereótipos, não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história se tornar a única história”.

O que este livro propõe é justamente a valorização e o reconhecimento das várias histórias que existem sobre as creches de São Carlos. A preservação dessas memórias é a garantia de que essa história, mais diversa, multifacetada, seja contada pelas pessoas que a fizeram e fazem todos os dias.

Por meio deste projeto, todas as pessoas que compartilharam suas memórias conosco, de algum modo transformadas em espécies de Griôs, contadoras(es) de histórias, historiadores, genealogistas. Bibliotecas vivas que guardam consigo diferentes olhares sobre a história da Educação Infantil no município.

Se você colocar muitos fotografos no mesmo lugar, todos farão fotos muito diferentes. Cada um desenvolve sua forma de ver de acordo com sua história.

(Wenders e Salgado, 2014)

O mesmo ocorre com as histórias: mesmo estando num mesmo lugar as pessoas podem produzir memórias distintas de um mesmo acontecimento, pois as nossas memórias são atravessadas por nossas histórias. É por isso que esse livro não busca contar a história das creches de São Carlos, e sim suas histórias. Aqui reunimos um conjunto de histórias dos primeiros 30 anos das creches municipais de São Carlos, mas sabemos que há muitas outras histórias, sendo vividas cotidianamente. Com este livro, desejamos evidenciar o papel de cada um e cada uma de nós não só nas histórias da Educação Infantil, como também na definição de seus rumos.

Até aqui colecionamos um conjunto de vitórias, conquistas e avanços, mas também de dificuldades e desafios. Que possamos vencer cada desafio e seguir colecionando avanços e conquistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, Anete. O direito das crianças à educação infantil. Pro-posições. Campinas, v. 14, n.3 (42), p.13-24, set./dez. 2003.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Vídeo disponível no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuhW8> acesso em 05/01/2014 às 16:49

BRASIL. Constituição: República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996. Disponível em: <www.mec.gov.br/legis/pdf/LDB.pdf> Acesso em 15/09/2004 21:37

BOSI, Eclea. Memória e Sociedade: memórias de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO CARLOS. Lei n. 6.453, de 25 de junho de 1970

_____. Lei n. 7.631, de 13 de agosto de 1976

_____. Lei n. 8.412, de 21 de maio de 1980

_____. Lei n. 9.763, de 05 de maio de 1987

_____. Lei n. 10.283, de 03 de abril de 1990

_____. Lei nº 13.899/06, de 18 de outubro de 2006

_____. Lei n. 16.889, de 4 de dezembro de 2013

CAMPOS, Maria Malta. A formação de professores para crianças de 0 a 10 anos: modelos em debate. Educ. Soc. [online]. 1999, vol.20, n.68, pp. 126-142.

DAS – Depto. de Assistência Social de São Carlos. Projeto para a Implantação de Central de Creches, 1978.

DAS – Depto. de Assistência Social de São Carlos. Plano para Instalação de Creches, 1979.

FARIA, Ana Lucia Goulart e PALHARES, Marina Silveira (orgs.). Educação Infantil pós-LDB- rumos e desafios. Campinas, Sp: autores associados, 1999.

KISHIMOTO, Tizuko, Morchida. Os jardins de Infância e as Escolas Maternais de São Paulo no início da República. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, v. 64, p. 57-60, 1988.

A Pré-Escola na República. Pro-Posições (Unicamp), Campinas/Unicamp, v. 3, p. 55-66, 1990.

_____. Política de formação profissional para a educação infantil: Pedagogia e Normal Superior. Educ.Soc. vol.20 n.68 Campinas Dec. 1999

KI-ZERBO, J. Introdução geral. In: UNESCO, História geral da África. Vol. I Metodologia e pré-história da África, 2ª edição revista. Brasília: UNESCO, 2010, p. XXXI.

KUHLMANN JR, Moysés. Instituições pré-escolares assistencialistas no Brasil (1899 – 1922). In: Cadernos de Pesquisa n. 78, 1991.

_____. Infância e educação Infantil: uma abordagem histórica. Porto Alegre, Ed. Mediação, 1998

_____. Educação Infantil e Currículo. In: FARIA, A e PALHARES, M (orgs.) Educação Infantil Pós-LDB: Rumos e Desafios. Campinas: Autores Associados; São Carlos: EdUFSCar; Florianópolis: EdUFSC, 1999.

LE GOFF, J. História e memória. Tradução Bernardo Leitão [et al.] Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo, nº 10, 1993.

PALHARES, Marina Silveira. O direito à educação infantil em São Carlos. In: GIL, Juca (org.) Educação Municipal: experiências de políticas democráticas. Ubatuba, Estação Palavra, 2004.

PICCOLO, Terezinha Fiorini. O discurso e a realidade do atendimento de crianças em creches. São Carlos: UFSCar, 1983. 275 p. Mestrado (Pesquisa Educacional)-UFSCar. CECH-Centro de Educação e Ciências Humanas. E.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMON, O. Experimentos com histórias de vida: Itália – Brasil. São Paulo, Vértice, 1988.

ROSEMBERG, Fulvia. Do embate para o debate: educação e assistência no campo da educação infantil. In: MACHADO, M. (org.). Encontros e desencontros em educação infantil. São Paulo: Cortez, 2002.

TEBET Gabriela Guarnieri de Campos, ABRAMOWICZ, Anete. Creches, Educação Infantil e Políticas Públicas Municipais: um olhar sobre a cidade de São Carlos – Brasil in: Políticas Educativas, Porto Alegre, v. 3, n.2, p.25-39, 2010 Disp. no endereço: <http://seer.ufrgs.br/index.php/Poled/article/view/22720/13205> Acesso em 10 de dezembro de 2014 às 20:39

TEBET Gabriela Guarnieri de Campos. As políticas públicas municipais para a educação de crianças de zero a três anos na cidade de São Carlos: um estudo sobre o período de 1977 a 2006, a partir das falas de agentes do Estado. Dissertação de mestrado. PPGE/CECH/ UFSCar, 2007. Orientação: Profa. Dra. Anete Abramowicz.

WENDERS, Wim e SALGADO, Juliano Ribeiro The Salt of the Earth (O Sal da Terra). Filme. 110 min. Cor/P&B. França, Itália, Brasil. 2014.



ANEXO:

CEMEI'S PARTICIPANTES DESTE PROJETO

CEMEI RUTH BLOEM SOUTO



Criada como “Creche Anita Costa”, a instituição recebeu este nome por meio do decreto n. 102, de 29 de Outubro de 1982, em homenagem a esta senhora que foi uma das idealizadoras da creche Anita Costa, inaugurada em São Carlos, em 1952. Provavelmente a primeira creche oficial de São Carlos. Segundo conta no livro do Jubileu de Ouro da Creche Anita Costa, Ruth Bloem Souto era esposa do Dr. Theodureto Souto,

ex-diretor da Escola de Engenharia de São Carlos (hoje, USP São Carlos). Veio para a cidade acompanhando o marido em 1955 e sua atuação em prol das causas sociais logo ganhou destaque. Conta-nos Laine Paulillo que Ruth Bloem Souto tinha “excelente trânsito nos meios decisórios paulistas” e “deslindava dificuldades com um simples telefonema a algum de seus inúmeros amigos” (in: Malachias, 2002, p. 12). Paulilo relata ainda que “Ruth Souto atuava como um dínamo e a Creche Anita Costa foi a menina de seus olhos. Ela queria a beleza, o conforto higiênico, a educação e futuro para suas crianças e mães” (idem, p. 13). Em 1960 Ruth B. Bouto recebeu o título de Cidadã Benemérita São Carlense da Câmara municipal de São Carlos. Posteriormente, uma rua do bairro Santa Mônica recebeu o nome de Ruth Bloem Souto, e em 1982, a creche da Vila Carmen recebeu o mesmo nome.

A creche Ruth Bloem Souto foi inaugurada em novembro de 1982

Endereço: Rua Bispo César Dacorso Filho, 364 - Vila Carmem
Telefone: (16) 3371-0174 - Orelhão: (16) 3374-0553
E-mail:cemei.ruth.souto@gmail.com

Fontes:

SÃO CARLOS. Decreto n. 102 de 29 de Outubro de 1982.

MALACHIAS, A. Jubileu de Ouro da Creche Anista Costa: uma infância de 50 anos. São Carlos: ArtPoint, 2002.

CEMEI RUTH BLOEM SOUTO in: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/nossas-escolas/157353-cemei-ruth-bloem-souto.html>

CEMEI PAPA JOÃO PAULO II



Foto: Mariana Lucchino-FPMSC

Criada como “EMEI Papa João Paulo II”, a Pré-Escola Integrada do Jardim Pacaembu recebeu este nome por meio do decreto n. 104, de 29 de Outubro de 1982, em homenagem ao “Chefe Supremo da Igreja Católica” por seu empenho em “levar a Paz, a União e a fraternidade entre todas as nações”. Assim, a denominação da creche localizada no Jardim Pacaembu constituiu-se como “homenagem da municipalidade de

São Carlos ao eminente Pontífice que tudo vem fazendo para que a citação evangélica ‘Paz na Terra aos Homens de Boa Vontade’ reine no mundo todo” (exceto do decreto n. 104). A Instituição integrava creche e pré-escola (EMEI) em uma única edificação, e foi inaugurada no dia 07 de novembro de 1982, atendendo crianças até 12 anos de idade em atividades de recreação no contra turno escolar. A EMEI desvinculou-se da creche, recebendo um prédio próprio que foi construído em terreno localizado nos fundos da creche e passou a denominar EMEI Professor Victório Rebucci. No ano de 2000, a EMEI voltou a funcionar no antigo prédio, dividindo o espaço com a creche. Hoje, ambas instituições funcionam no mesmo prédio, e a parte da creche denomina-se CEMEI Papa João Paulo II, enquanto a parte da antiga pré-escola denomina-se CEMEI Victório Rebucci.

Endereço: Rua Ceará, nº 600 - Jd. Pacaembu
Telefone: (16) 3375-2768
E-mail:cemei.joao.paulo@gmail.com

Fontes:

SÃO CARLOS. Decreto n. 104 de 29 de Outubro de 1982.

CEMEI João Paulo II In: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/nossas-escolas/157341-cemei-joao-paulo-ii.html>

CEMEI PEDRO PUCCI



Foto: Mariana Lucchino-FPMSC

Consta que a história deste CEMEI foi marcada pelo desejo de uma senhora da sociedade são carlense de construir uma creche para atender crianças carentes. Esta senhora conseguiu o terreno, fez a planta, iniciou a obra, mas por infelicidade, veio a falecer. Os familiares, sem condições financeiras de continuar o projeto de construção da creche, doaram o terreno para o município que finalizou a obra. A instituição

foi denominada “Creche Pedro Pucci”, por meio do decreto n. 156, de 24 de Novembro de 1983. Tal homenagem considerou a reconhecida dedicação do Senhor Pedro Pucci às causas filantrópicas e seu constante objetivo de “sempre auxiliar o próximo moral e materialmente”. Dentre as inúmeras atividades desempenhadas por este senhor, o decreto que dá nome à creche do Jardim Santa Maria destaca que Pedro Pucci foi “um dos fundadores da Assistência de Amparo à Criança (Nosso Lar), entidade reconhecida como utilidade pública pela Lei Federal, Estadual e Municipal, sociedade esta de amparo ao menor abandonado”. Ainda segundo o decreto n. 156, a principal meta do senhor Pedro Pucci “sempre foi em prol das crianças abandonadas, estando à época do seu falecimento à frente do internato e semi-internato ‘Nosso Lar’, onde 150 crianças órfãs recebem alimentação, pouso, orientação, estudos e são educadas para um dia integrarem a sociedade”.

Endereço: Rua Antônio Spaziani, 375 – V. Jacobucci
 Telefone: (16) 3371-4634 - Orelhão: (16) 3374-0535
 E-mail:cemei.pedro.pucci@gmail.com

Fontes:

SÃO CARLOS. Decreto n. 156 de 24 de Novembro de 1983

CEMEI Pedro Pucci In: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/nossas-escolas/157348-creche-municipal-pedro-pucci.html>

CEMEI JOSÉ MARRARA



Foto: Mariana Lucchino-FPMSC

“Creche José Marrara” foi o nome dado à creche do Jardim Bandeirantes pelo decreto n. 85, de 04 de Setembro de 1984, a fim de homenagear o Sr. José Marrara, enfermeiro que ao longo de sua vida profissional atuou na Santa Casa de Misericórdia, no extinto SAMDU (Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência), no INPS (Instituto Nacional de Previdência Social, na Casa de Saúde e Maternidade São

Carlos e na Indústria Cardinalli S/A. José Marrara foi Vereador da Câmara Municipal de São Carlos de 1952 a 1970, e exerceu o cargo de 2º Secretário da Mesa Legislativa, além de ter integrado, em momentos distintos, as seguintes comissões permanentes da Câmara: Recreação e Esportes; Educação e Patrimônio Histórico; Obras e Serviços Públicos; Justiça; Redação; Cultura - Assistência Social e Produção.

Falecido em 1977, a denominação dada à creche do Jardim Bandeirantes configura-se como uma “homenagem póstuma da Municipalidade ao ilustre extinto, pela sua dedicação, capacidade, desprendimento e amor ao próximo”, tal consta no decreto que dá nome à instituição em questão, inaugurada em 09 de Setembro de 1984.

Endereço: Rua Abraão João, 25 - Jardim Bandeirantes
Telefone: (16) 3371-4858 - Orelhão: (16) 3374-0438
E-mail:cemei.jose.marrara@gmail.com

Fontes:

SÃO CARLOS. Decreto n. 85 de 04 de Setembro de 1984

CEMEI José Marrara In: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/nossas-escolas/157344-cemei-jose-marrara.html>

CEMEI José Marrara. PPP. 2008. Mimeo

CEMEI BRUNO PANHOCA



A creche integrada do Jardim Dona Francisca recebeu o nome de “Bruno Panhoca” por meio do Decreto 56, de 03 de maio de 1985, como forma de homenagear o eletricitista, sócio fundador, tesoureiro e presidente da União Beneficente dos Ferroviários da Companhia Paulista, que atuou como vereador de São Carlos entre os anos 1952 e 1977. Proveniente de família italiana, e nascido em Cordeirópolis, dentre

as inúmeras atividades e ações desenvolvidas por Bruno Panhoca ao longo de sua vida pública e destacadas no Decreto 56, cabe ressaltar sua atuação como “líder da bancada do Movimento Democrático Brasileiro junto à Câmara” e “Presidente da comissão de construção das Igrejas de Santa Izabel e de sua casa paroquial, e da criação da paróquia de Santa Izabel e da Primeira creche ali instalada” (documento citado, fls 2). Estas atividades foram desenvolvidas junto ao Padre Tombolato e viabilizaram a criação da Creche Divina Providência, localizada na Vila Isabel.

A creche Bruno Panhoca foi inaugurada em 28 de setembro de 1985, seis anos após o falecimento do Sr. Bruno Panhoca.

Endereço: Rua Vicente Pelicano, 740 - Azulville
Telefone: (16) 3368-5139 - Orelhão: (16) 3368-0389
E-mail:cemei.bruno.panhoca@gmail.com

Fontes:

SÃO CARLOS. Decreto n. 56 de 03 de Maio de 1985
CEMEI Bruno Panhoca In: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/component/content/article/843-nossas-escolas/157321-cemei-bruno-panhoca.html>

CEMEI DIONÍSIO DA SILVA



A denominação da instituição foi dada pelo Decreto 008, de 19 de Janeiro de 1987 em homenagem ao Sr. Dionísio da Silva. Nascido na cidade de Santa Lúcia, o Sr. Dionísio cresceu e viveu por mais de 60 anos em Santa Eudóxia. Segundo consta na página do CEMEI, ele “teve uma infância humilde, seguindo os princípios de uma educação rígida e conservadora. Ao longo de sua vida em Santa Eudóxia, desenvolveu a profissão de alfaiate e de comerciante, sendo proprietário de uma loja de armarinhos. A página da instituição no site da Prefeitura informa-nos ainda que “Por suas qualidades de cidadão honrado, sua capacidade de administrar, exerceu, de 1965 a 1972, o cargo de Sub-Prefeito de Sta Eudóxia, e ainda exerceu por longos anos o cargo de Delegado de Distrito e Juiz de Paz”. Faleceu no dia 22 de março de 1982, e foi homenageado pela municipalidade por ocasião da inauguração da Creche que leva seu nome.

A “Creche Municipal Dionísio da Silva” foi inaugurada em 08 de fevereiro de 1987 no Distrito de Sta Eudóxia, atendendo todos os bairros do distrito e algumas fazendas circunvizinhas a fim de beneficiar as mães que trabalhavam na lavoura e necessitavam de um local para deixarem seus filhos em período integral. O processo de seleção de pessoal para trabalhar na instituição envolveu uma entrevista feita pela diretora do DAS e a realização de um treinamento, que ocorria no CEMEI Pedro Pucci.

Endereço: Rua Cristóvão Martinelli, 150 - Santa Eudóxia

Telefone: (16) 3379-1419

E-mail: ceimei.dionisio.da.silva@gmail.com

SÃO CARLOS. Decreto n. 08 de 03 de Maio de 1985

CEMEI Dionísio da Silva In: <http://www.escol.as/207336-dionisio-da-silva>

SOBRE AS AUTORAS/ORGANIZADORAS



Foto: Paulo Roberto de Campos Tebet

GABRIELA Guarnieri de Campos Tebet é pedagoga, mestre e doutora em Educação pela UFSCar. Atuou como professora de Educação Infantil na Prefeitura municipal de São Carlos entre os anos de 2004 e 2014, período em que trabalhou como professora nos CEMEI's Papa João Paulo II (fevereiro de 2004), Maria Consuelo B. Tolentino (2004), José Marrara (2005, 2007, 2008, 2010 e 2013), como diretora de escola no CEMEI Maria Consuelo, em 2009 e 2010, e integrou a presidência do Conselho Municipal de Educação nos anos de 2009 e 2010. É membro do grupo gestor do Fórum Paulista de Educação Infantil desde 2009, e foi uma das criadoras do Fórum Regional de Educação Infantil da Região Central/SP. Hoje é professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e participa do Grupo de Pesquisa “Estudos sobre a criança, a infância e a educação Infantil: políticas e práticas de diferença” – UFSCar - e do “Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas e Educação (GPPE)” – UNICAMP.



Foto: Marina Azzi Nogueira

Maria Claudia Bullio Fragelli é pedagoga formada pela UFSCar. Foi professora de Educação Infantil na Prefeitura municipal de São Carlos entre os anos de 2009 e 2014, período em que trabalhou como professora nos CEMEI's Maria Consuelo B. Tolentino (2009 e 2010) e José Marrara (2011 a 2014). Atualmente, é professora da Universidade Federal de São Carlos, na Unidade de Atendimento à Criança e cursa o Bacharelado em Imagem e Som na UFSCar.



Foto: Maria Claudia Bullio Fragelli

Priscila Helena Dovigo Oliveira é pedagoga e especialista em Educação Infantil pela UFSCar. Atuou como professora de Educação Infantil entre 2000 e 2013, e desde então exerce a função de diretora no CEMEI José Marrara, da Prefeitura Municipal de São Carlos. Em 2014 realizou curso de aperfeiçoamento em Educação das Relações Étnico-Raciais.



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-05-61398-19-4



9 788561 398194